

ISBN 978-85-7325-647-5
9 788573 256475
Teologia

VALTAIR MIRANDA

teologia bíblica

Fundamentos da

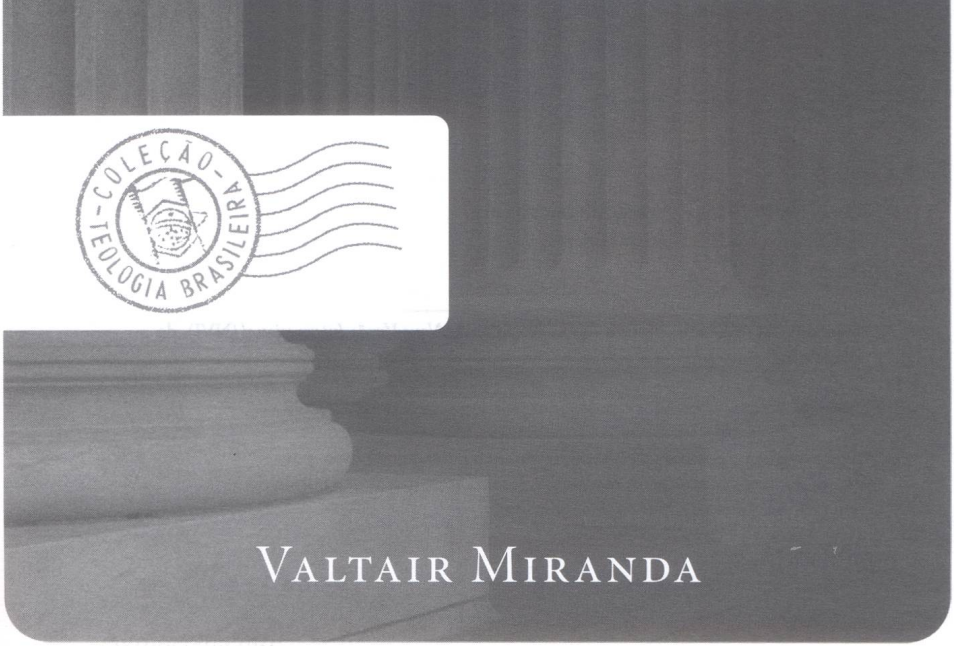


Créditos

Calvinista Fiel

Fundamentos da

teologia bíblica



VALTAIR MIRANDA

Fundamentos da

teologia bíblica

MC
mundocristão
São Paulo

Copyright © 2011 por Valtair Afonso Miranda
Publicado por Editora Mundo Cristão

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da *Nova Versão Internacional* (NVI), da Sociedade Bíblica Internacional, salvo indicação específica.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/2/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Miranda, Valtair A.
Fundamentos da teologia bíblica / Valtair A. Miranda. — São Paulo: Mundo Cristão, 2011.
— (Coleção teologia brasileira)

ISBN 978-85-7325-647-5

1. Bíblia — Teologia I. Título. II. Série

10-13318 CDD-220.6

Índice para catálogo sistemático:
1. Teologia bíblica 220.6

Categoria: Teologia

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados por:
Editora Mundo Cristão
Rua Antônio Carlos Tacconi, 79, São Paulo, SP, Brasil — CEP 04810-020
Telefone: (11) 2127-4147
Home page: www.mundocristao.com.br

1ª edição: fevereiro de 2011
1ª reimpressão: 2011

Sumário

Agradecimentos 7
Prefácio 9
Introdução: O desenvolvimento da teologia bíblica 11

PARTE 1 — TEOLOGIA DO ANTIGO TESTAMENTO
1. A formação do Antigo Testamento 21
2. A teologia da *Torá* 29
3. A teologia dos Profetas 37
4. A teologia dos Escritos 61

PARTE 2 — TEOLOGIA DO NOVO TESTAMENTO
5. A formação do Novo Testamento 75
6. As narrativas do Novo Testamento 109
7. A teologia das Epístolas Gerais 119
8. A teologia de Apocalipse 127

Conclusão 135
Bibliografia consultada 137
Bibliografia de consulta sugerida 139
Sobre o autor 143

Agradecimentos

À MINHA QUERIDA ELIZETE, CUJO AMOR é enorme, e a Rafael e Caroline, cuja paciência permitiu-lhes superar a ausência do pai no momento de produção desta obra.

Aos meus pais, Valmir e Sebastiana, pelas orações, mesmo que estejamos separados por quilômetros de distância.

Ao Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, por ser espaço franco de promoção e discussão teológica.

À Primeira Igreja Batista de Neves, em São Gonçalo, RJ, por todo o apoio e suporte pessoal.

Prefácio

SEM FUNDAMENTOS NADA SE SUSTENTA POR muito tempo. Grande parte da teologia produzida no Brasil tem exatamente esse peso de produção, como se fosse um produto a ser vendido no mercado. Lastima-se muito que ela se preste ao serviço de tornar as massas subservientes, manobradas como se fossem informes.

Está em pauta pensar mais nos fundamentos da teologia que produzimos. Há muito se debate nos meios acadêmicos o papel da Teologia Bíblica baseada na exegese. Defendo sempre o seu papel descritivo. Ela precisa colocar diante de nós o texto bíblico como fenômeno histórico, antes mesmo que literário. Embora haja muito investimento nos estudos sobre a Bíblia como literatura, há que se desvendá-la mais como texto em seu contexto histórico e social. Ela sempre exerceu um papel fundamental como elemento fundante de experiências de fé e de recepção de revelação.

Sem desmerecer os centenários avanços na área de crítica bíblica, deve haver uma redescoberta da Bíblia como Escritura Sagrada. Foi assim que ela foi recebida ao longo do processo inicial e posterior de organização. A tradição de fé foi acolhendo o registro da revelação, e não a criou por critérios preestabelecidos.

Valtair Afonso Miranda tem seguido um caminho acadêmico proficuo, além de uma carreira docente de longos anos. Sua atividade pastoral junto a uma comunidade de fé não o coloca em

uma torre de marfim, mas na fronteira da batalha teológica: a igreja e o mundo. A teologia não pode ser produzida para o nada, mas para pessoas. Ao ler este livro, perceberá que sua linguagem consegue equilibrar a erudição do conhecimento teológico com uma linguagem que pode ser compreendida pelo "não-iniciado" em teologia. A igreja é o horizonte primeiro da teologia, e depois o mundo que a rodeia. Teologia incompreensível é inócua. Eqüivale a dizer que alguém inacessível é uma pessoa incompetente.

Neste livro o autor conduz a rever conceitos fundamentais para a formulação de uma teologia bíblica. No caso do Antigo Testamento, ele segue a ordem da Bíblia Hebraica, e não a protestante. Caso aceitemos que a recepção da revelação foi organizada literariamente pelos que o primeiro a recebam, nada mais lógico.

Os fundamentos do Novo Testamento começam a partir de Paulo, considerado o primeiro teólogo do Novo Testamento e, possivelmente, o primeiro escritor. Valtair organiza o tratamento seguindo as preocupações de Paulo: a escatologia, a igreja, o evangelho, a perseguição (prisão) e a morte. Nos demais escritos, os narrativos são destacados, seguidos das Epístolas Gerais e o Apocalipse.

Obra oportuna!

Jonas Celestino Ribeiro
Mestre em Teologia, pastor, professor, escritor e editor.

Introdução: O des envolvimento da teologia bíblica

Ao CONTRÁRIO DO QUE ALGUNS IMAGINAM, a teologia não nasceu pronta; ela passou por diversos estágios de desenvolvimento.

O termo "teologia" é formado pelas palavras gregas *theo* (Deus) e *logia* (estudo). À primeira vista, parece indicar o "estudo sobre Deus". Mas não é bem assim. Deus não pode ser objeto de nossos estudos, nem mesmo da teologia. Ele está muito acima de qualquer um dos instrumentos humanos rudimentares de pesquisa.

Mas, se não estudamos Deus, qual é o objeto de estudo da teologia? São as *afirmações* sobre Deus, as expressões de fé. A teologia estuda e analisa o que se falou ou escreveu sobre Deus. Nossas fontes de pesquisa são dados que algumas pessoas especiais deixaram com base em suas experiências com Deus. São textos, cartas, narrativas, testemunhos, visões, documentos que nos permitem perceber o que pensavam sobre Deus ou como se relacionavam com ele.

Para fins de compreensão, é ainda possível dividir o estudo da teologia em quatro áreas gerais: bíblica, histórica, sistemática e prática. Elas estão intimamente relacionadas com a teologia bíblica como a base ou o centro de todo o sistema.

1. *Teologia bíblica* — No contexto cristão, a Bíblia é a fonte maior da teologia e sua autoridade final. É por isso que o teólogo cristão depende do fruto do trabalho dos especialistas em Antigo Testamento e Novo Testamento. O teólogo bíblico trabalha com o que os autores bíblicos registraram sobre Deus. A expressão "teologia bíblica" precisa ser devidamente compreendida a fim de que este livro cumpra seu papel de familiarizar o leitor com os principais elementos da Bíblia e com a teologia que nasce daí.
2. *Teologia histórica* — Nessa área, o teólogo histórico recolhe os dados de um grande número de autores, pregadores e teólogos durante os dois mil anos de cristianismo. Ele se debruça sobre a história da Igreja a fim de descobrir como os autores bíblicos receberam e atualizaram o que foi registrado sobre Deus. O resultado é uma grande construção em constante desenvolvimento.
3. *Teologia sistemática* — Tendo como base sua percepção dos textos bíblicos e das discussões teológicas recolhidas da História, a missão do teólogo sistemático é elaborar um sistema teológico que expresse sua fé ou a fé de determinada corrente cristã. Cada grupo cristão ou denominação costuma ter o seu teólogo sistemático preferido, aquele que melhor conseguiu resumir a fé para aquelas pessoas.
4. *Teologia prática* — Por fim, mas não menos importante, a teologia prática aplica as conclusões e os procedimentos anteriores às situações concretas de vida das pessoas. Além de lidar com questões abstratas e complicadas, o teólogo prático deve sempre mostrar a diferença que as suas conclusões fazem na vida cotidiana dos fiéis.

Dessas abordagens, a primeira é a que nos interessa neste trabalho. Não se pode fazer teologia bíblica sem conhecer o registro

definitivo e autorizado sobre Deus: a Bíblia. Este é o nome que tradicionalmente damos a um conjunto de livros sagrados, a ponto de o intitularmos "Palavra de Deus". Mas como é que esse conjunto de textos nasceu, ou melhor, como ele recebeu a condição de Escritura Sagrada? Abaixo sintetizamos esse processo:

- Tudo começou quando se revelou a alguém. Essa pessoa passou por uma forte experiência com Deus. Essa poderosa experiência pode ser intitulada de *revelação*. Por meio dela, essa pessoa teve a convicção de que Deus lhe entregara uma mensagem, uma palavra, um recado que precisava transmitir ou comunicar.
- A experiência foi então compartilhada. A forma com que isso era feito variava muito. Em alguns momentos, a pessoa que recebeu a revelação a transmitia por intermédio de uma narrativa; em outros momentos, por meio de uma parábola; em outros, uma profecia. A esse processo, denominamos de *inspiração.* Como resultado, outras pessoas experimentavam a mesma percepção de Deus que a pessoa que recebeu a revelação.
- À medida que essa experiência era transmitida, ela paulatinamente ganhava autoridade. O grupo que ouvia a profecia percebia que aquela palavra tinha autoridade, o que levava um dos seus membros a, em algum momento, registrar de forma escrita o que se pregou ou se falou sobre a revelação. Nascem, então, os livros. Em algumas ocasiões, era a própria pessoa que recebeu a revelação que a registrou. Mas o mais comum, principalmente no que concerne ao Antigo Testamento, era que a experiência fosse propagada de forma oral por um tempo antes que fosse assentada por escrito.
- Os livros que registravam as experiências com Deus já nasciam com uma posição diferenciada. Não era uma obra qualquer. O fiel percebia o próprio Deus falando por meio de livros. Estes

não apenas registravam as experiências com Deus, mas também produziam e incitavam novas experiências. Como resultado, as comunidades judaicas e cristãs passaram a ver essas obras como livros sagrados, separando-as de outros livros, dando origem ao que denominamos de "cânon". A *canonização* é o processo pelo qual os livros sagrados são separados dos livros comuns, gerando, finalmente, a Bíblia.

Duas marcas caracterizaram o processo pelo qual a Bíblia nasceu. A primeira pode ser intitulada de *transformação contínua* (ou revelação progressiva), na forma de dois movimentos. Um deles é aglutinador; o outro, depurador. Isso significa que:

- Nenhum dos autores da Bíblia recebeu toda a revelação.
- Cada um dos autores da Bíblia recebeu uma porção da revelação.

Ou seja, à medida que a história do povo de Deus se desenrolava, esse mesmo povo recebia mais da revelação de Deus. O processo é aglutinador, porque um dado da revelação se somava a outros dados anteriormente recebidos, aumentando continuamente o conjunto da revelação. O profeta que veio depois recebeu um elemento que o profeta anterior desconhecia.

Outro aspecto importante é a natureza depuradora da revelação. Vez por outra, um profeta precisou redirecionar o fio da revelação. Ele precisava fazê-lo porque a mensagem anterior não havia sido compreendida adequadamente, ou porque o contexto demandava uma atualização. Assim, conceitos como vida após a morte e temas como cosmologia foram recebendo mais informações com o processo da revelação da Bíblia. Essas formulações mais recentes explicitavam os que os autores anteriormente haviam dito.

Esses dados são importantes para compreender a formação do Antigo e do Novo Testamentos, assim como a transição entre ambos. O Antigo Testamento narra eventos que culminaram na constituição do povo de Israel. Já o Novo Testamento apresenta o evangelho de Jesus Cristo e a boa notícia de que o povo de Deus agora é constituído por povos de qualquer etnia e nação.

Para apresentar os fundamentos da teologia bíblica, faremos uma abordagem canônica, ou seja, apresentaremos a teologia de cada livro ou conjunto de livros da Bíblia. Vez por outra, questões de natureza histórica aparecerão, mas elas não tomarão muito espaço nesta obra, a não ser para destacar algum aspecto teológico.

Depois da "Introdução", nosso estudo se divide em duas partes. A primeira, "Teologia do Antigo Testamento", começa com "A formação do Antigo Testamento" (cap. 1). Estudaremos nesse capítulo como se deu o processo de constituição dessa porção das Escrituras, com destaque para a transmissão oral. Veremos também algumas diferenças estruturais entre a Escritura hebraica e o Antigo Testamento protestante.

No capítulo 2, "A teologia da Torá", veremos que o objetivo primeiro é responder ao povo de Deus como sua história começou, quem eles eram e por que estavam ali. Analisaremos também o fio norteador ou o núcleo teológico que liga as narrativas dos patriarcas Abraão, Isaque e Jacó, e quais eram as grandes marcas da relação desses patriarcas com Deus. Trataremos também das diferenças entre a promessa abraâmica e a aliança feita no êxodo, o grande evento do passado de Israel.

"A teologia dos Profetas" é o tema do capítulo 3, no qual traçaremos um quadro cronológico dos principais profetas e os situaremos dentro do contexto no qual pregaram sua palavra profética. Veremos também o que é um profeta e o que eles defendiam. Isso vai nos conduzir à compreensão dos judeus em classificar Josué,

Juizes, 1 Samuel, 2Samuel, IReis e 2Reis como livros proféticos, quando os protestantes os classificam como livros históricos.

No quarto capítulo, "A teologia dos Escritos", veremos que, ao lado das tradições narrativas e proféticas do povo de Deus, corria há séculos uma tradição cultuai ou sapiencial. Estudaremos essa porção das Escrituras dividida em três grupos: Poéticos, Cinco Rolos e Restantes, cada qual com seus enfoques teológicos. Também será útil analisar algumas mudanças de perspectiva na teologia do povo de Deus encontrada nesses textos posteriores ao exílio babilônico.

Na parte 2 — "Teologia do Novo Testamento" —, trataremos inicialmente do tema "A formação do Novo Testamento" (cap. 5), no qual abordaremos a principal figura que deu origem a esses escritos: Jesus, aquele que veio na "plenitude dos tempos". Veremos também qual é a relação entre a mensagem que Jesus proclamou durante sua vida e o que se passou a proclamar a respeito dele pelos seus discípulos após sua morte e ressurreição. O leitor não se deve espantar se não começarmos esse estudo com os evangelhos, mas com as cartas do apóstolo Paulo. Explicaremos o porquê. Conheceremos as fases do ministério do apóstolo e a relação entre essas fases e as respostas teológicas que ele deu para as igrejas por meio de suas cartas.

No capítulo 6, "As narrativas do Novo Testamento", veremos que os evangelistas repensaram as palavras e os feitos de Jesus, interpretou-os e aplicou-os às suas respectivas igrejas. Eles também tinham seus temas teológicos preferidos. Tentaremos seguir essa trilha a fim de compreendê-los melhor. Também estudaremos a proposta teológica de Atos dos Apóstolos e a qual evangelho ele está relacionado.

O capítulo 7, "A teologia das Epístolas Gerais", defende a noção de que, ao contrário do que muitos pensam, as epístolas do Novo Testamento são obras circunstanciais. Analisaremos em

que sentido isso pode ser dito sem que, com isso, percamos a atualidade dessas cartas inspiradas. Cada uma dessas epístolas gerais possui um núcleo consistente com o propósito do seu respectivo autor. Vamos relacioná-las e resumir esses centros teológicos.

Por último, estudaremos "A teologia de Apocalipse" (cap. 8). Como "apocalipse" significa "revelação", veremos o que exatamente essa obra deseja revelar. Também será importante analisar os três níveis de leitura de Apocalipse e definir a relevância de cada um deles para a compreensão do texto. Igualmente será importante ver como Jesus é caracterizado nesse escrito joanino.

Esperamos que este livro ajude realmente o leitor a ter um panorama da formação dos fundamentos da teologia bíblica, que estão alicerçados na revelação de Deus ao longo da história de seu povo.

PARTE 1

Teologia do Antigo Testamento

Capítulo 1

A formação do Antigo Testamento

A MAIOR PARTE DO CONTEÚDO DOS livros da Bíblia foi transmitida apenas de forma oral durante um bom período. A revelação estava na boca das pessoas.

O meio mais popular de transmissão era a narrativa. As histórias do passado do povo de Deus tinham muito a ensinar aos novos membros desse mesmo povo. São as narrativas de como o pecado entrou na humanidade e a raça humana se perdeu, e de como o povo de Deus escapou da opressão dos egípcios e chegou à terra prometida.

O processo de transmissão da Palavra de Deus muito se assemelhou a como atualmente o cristianismo se desenvolve por meio da pregação. A própria pregação é um tipo de tradição oral. O pregador reconta aquilo que Deus fez no passado e, com isso, chama os ouvintes a um compromisso com esse mesmo Deus.

A diferença entre a tradição oral cristã e a dos judeus antigos está em que atualmente já temos um cânon das Escrituras e eles ainda não o possuíam. Eles só tinham, no início, a pregação.

A transmissão oral foi o meio pelo qual a revelação de Deus foi transmitida durante muito tempo sem nenhum documento escrito. O mesmo fenômeno se deu, posteriormente, com o Novo Testamento. Várias décadas se passaram entre o ministério de Jesus e o aparecimento dos evangelhos que narraram esse ministério.

Alguns estudiosos da Bíblia se concentram no evento narrado. Outros procuram estudar o momento em que ele foi registrado. São especialidades bíblicas diferentes. É importante saber situar os eventos que o livro narra, mas, muito mais do que situá-los, precisamos compreendê-los como o seu escritor queria que eles fossem compreendidos. Isso significa que a teologia bíblica tem como missão trabalhar com os textos bíblicos e com o momento em que surgiram. Quando eles narram os tempos antigos, nosso objetivo é entender por que e para que eles o fizeram. O autor ou redator de um livro do Antigo Testamento, seja nominalmente conhecido, seja anônimo, desejou com sua obra ensinar, confortar, exortar e transformar determinado grupo de leitores ou ouvintes.

Essa digressão é para enfatizar que algumas histórias bíblicas foram registradas de forma escrita muito tempo depois do seu acontecimento. O livro pode ser posterior aos eventos que ele narra. Isso parece claro em alguns momentos. Afinal, o autor de Crônicas não estava lá para acompanhar a construção do templo. Mas nem sempre o leitor percebe a diferença entre o tempo do texto e o tempo do evento.

Se o objetivo é estudar a teologia bíblica, o sensato, nesse caso, é dar prioridade ao momento em que o livro nasceu, e não ao momento em que o evento ocorreu. Para a teologia bíblica, muito mais importante do que conhecer as histórias é saber por que elas foram registradas.

Uma questão levantada pelos fariseus a Jesus pode ilustrar essa questão. Eles conheciam detalhadamente as histórias de Deus no passado, mas não sabiam atualizá-las, pois não se preocupavam com os motivos que levaram os autores a escrever. Isso pode ser percebido pelo problema do divórcio:

> Alguns fariseus aproximaram-se dele para pô-lo à prova. E perguntaram-lhe: "É permitido ao homem divorciar-se de sua

> mulher por qualquer motivo?" Ele respondeu: "Vocês não leram que, no princípio, o Criador 'os fez homem e mulher' e disse: 'Por essa razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e os dois se tornarão uma só carne'? Assim, eles já não são dois, mas sim uma só carne. Portanto, o que Deus uniu, ninguém separe". Perguntaram eles: "Então, por que Moisés mandou dar uma certidão de divórcio à mulher e mandá-la embora?" Jesus respondeu: "Moisés permitiu que vocês se divorciassem de suas mulheres por causa da dureza de coração de vocês. Mas não foi assim desde o princípio. Eu lhes digo que todo aquele que se divorciar de sua mulher, exceto por imoralidade sexual e se casar com outra mulher, estará cometendo adultério".
>
> Mateus 19:3-9

Jesus dá uma lição de conhecimento de Bíblia aos seus interrogadores. Não basta saber o que está escrito. É preciso saber por que se escreveu o que está escrito! A Bíblia hebraica realmente registra o momento em que Moisés autorizou a entrega da carta de divórcio. Isso está escrito mesmo (Dt 24:1). Mas essa não é a questão mais importante para Jesus, e sim o que levou Moisés a permitir tal coisa. Nas palavras de Jesus: "por causa da dureza de coração de vocês". Ele ainda enfatiza que no princípio não era assim.

A questão da carta de divórcio, então, era circunstancial, e não poderia estabelecer uma regra, uma norma atemporal para todos os judeus em todos os tempos. Por isso, a conclusão de Jesus é: quem repudiar sua mulher e se casar com outra comete adultério. A exceção ficou por conta de "imoralidade sexual" ou "relações sexuais ilícitas" (RA).

Então, tenhamos essas questões em mente no momento em que lermos as narrativas da Bíblia. Isso nos ajudará a perceber a relação entre o evento registrado e o que o autor desejou fazer com seu registro.

A Bíblia hebraica e o Antigo Testamento protestante

Na Bíblia cristã, o último livro do Antigo Testamento é o pequeno livro do profeta Malaquias. Curiosamente, apesar de as Escrituras judaicas possuírem exatamente os mesmos livros que o nosso Antigo Testamento protestante, o arranjo e a ordem não são os mesmos. O último livro da Bíblia hebraica é Crônicas.

A Bíblia hebraica tem 24 livros agrupados em três categorias distintas: *Torá* (Lei), *Nebiim* (Profetas) e *Ketubim* (Escritos).

***Torá* (Lei)**	Gênesis Êxodo Levítico Números Deuteronômio
***Nebiim* (Profetas)** **Primeiros Profetas (ou Profetas Anteriores)**	Josué Juizes Samuel Reis
Profetas Posteriores	Isaías Jeremias Ezequiel Os doze
***Ketubim* (Escritos)** **Poéticos**	Salmos Provérbios Jó
Os Cinco Rolos	Cântico dos Cânticos Rute Lamentações Eclesiastes Ester
Restantes	Daniel Esdras-Neemias Crônicas

Esses mesmos livros constituem o Antigo Testamento protestante, estruturados, tradicionalmente, em livros narrativos (ou históricos), poéticos e proféticos.

Livros narrativos	Livros poéticos	Livros proféticos
Gênesis	Jó	Isaías
Êxodo	Salmos	Jeremias
Levítico	Provérbios	Lamentações
Números	Eclesiastes	Ezequiel
Deuteronômio	Cântico dos Cânticos	Daniel
Josué		Oseias
Juizes		Joel
Rute		Amós
ISamuel		Obadias
2Samuel		Jonas
IReis		Miqueias
2Reis		Naum
ICrônicas		Habacuque
2Crônicas		Sofonias
Esdras		Ageu
Neemias		Zacarias
Ester		Malaquias

Vejamos algumas outras diferenças estruturais entre a Escritura hebraica e o Antigo Testamento protestante:

- Os 22 livros da Bíblia hebraica, quando foram recebidos pelas primeiras igrejas, tornaram-se o Antigo Testamento, em contraposição ao Novo Testamento. As 22 obras, entretanto, foram rearrumadas ou reagrupadas e se transformaram em 39 livros.
- Os Doze, livro único na Escritura judaica, foi separado em doze pequenas obras: Oseias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miqueias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias.

- Samuel, Reis e Crônicas também foram divididos. Tornaram-se duas obras cada: 1— 2Samuel, 1—2 Reis e 1—2Crônicas.
- Esdras-Neemias é uma única obra na Bíblia hebraica. No Antigo Testamento protestante, foi separado, gerando duas obras distintas: Esdras e Neemias.

Uma alteração não necessariamente estrutural, mas conceituai, é quanto à perspectiva sobre as narrativas. A Bíblia hebraica considera os livros de Josué, Juizes, Samuel e Reis como obras proféticas, denominando-os de *Primeiros profetas.* Já no Antigo Testamento protestante, eles são considerados livros narrativos ou históricos.

Em suma, o Antigo Testamento protestante é exatamente igual à Bíblia hebraica. A diferença está na forma em que os textos estão arrumados e organizados. Não nos deteremos profundamente nessa questão, mas o Antigo Testamento da Bíblia católica apresenta um conjunto de obras que não se encontram na Bíblia hebraica. São elas: Judite, Tobias, IMacabeus, 2Macabeus, Sabedoria, Sirácida e Baruque. Como o nosso foco é o Antigo Testamento protestante, não nos preocuparemos com esses sete livros, denominados pelos estudiosos católicos de *deuterocanônicos* (pertencentes ao segundo cânon), e pelos protestantes de *apócrifos* (não inspirados).

A organização da Bíblia hebraica, por sua vez, não se baseia na cronologia dos eventos ou mesmo em blocos temáticos. Aparentemente, esse arranjo reflete a evolução do cânon judaico, que se desenvolveu historicamente em três diferentes estágios.

A primeira coleção, denominada de Pentateuco (Gênesis a Deuteronômio), foi a primeira porção a ser considerada Escritura Sagrada, sendo logo seguida pelos blocos Primeiros Profetas (Josué a 2Reis) e Profetas Posteriores (Isaías, Jeremias, Ezequiel e o livro dos Doze). A última parte a se reunir ao cânon foi o

bloco denominado de Escritos (Salmos, Provérbios, Jó, Cântico dos Cânticos, Rute, Lamentações, Eclesiastes, Ester, Daniel, Esdras-Neemias e Crônicas).

Talvez pela natureza dos livros, ou pelo peso autoritativo das obras anteriores, os Escritos (Poéticos, Cinco Rolos e Restantes) foram aceitos, a princípio, apenas para leitura. Posteriormente, sem ressalvas.

Já no século I, esse processo estava definido, como demonstra esta citação do historiador Flávio Josefo (37-100 d.C.):

> Porque não é o caso conosco (como acontece com os gregos) termos um grande número de livros em desacordo e em conflito uns com os outros. Temos apenas 22, contendo a história de todo o tempo, livros que são justamente cridos. E destes, cinco são os livros de Moisés, que compreendem as leis e as mais primitivas tradições da criação da humanidade até a morte dele [Moisés]. Da morte de Moisés até a de Artaxerxes, rei da Pérsia, o sucessor de Xerxes, os profetas que sucederam a Moisés escreveram a história dos eventos que ocorreram no tempo deles mesmos em treze livros. Os quatro documentos restantes compreendem hinos a Deus e preceitos práticos aos homens. Desde os dias de Artaxerxes até a nossa própria época, todos os acontecimentos têm sido de fato registrados. Mas estes registros recentes, não se cuide que sejam dignos de crédito igual ao daqueles que os precederam, porque não havia mais a exata sucessão de profetas. Há prova prática do espírito em que tratamos as nossas Escrituras. Pois se bem que tão grande intervalo de tempo (a saber, desde que foram escritas) já decorreu, nenhuma alma se aventurou já a acrescentar ou a retirar, ou a alterar uma sílaba; e é instinto de todo judeu, desde o dia de seu nascimento, considerá-las [as Escrituras] como o ensino de Deus, permanecer nelas, e, se preciso for, alegremente dar a sua vida em favor delas.

O texto de Josefo informa que já no seu período histórico, com a solidificação da separação entre livros sagrados e livros comuns, alguns judeus poderiam dar a própria vida pelas suas Escrituras sagradas. Judeus piedosos foram realmente martirizados por amor ao texto bíblico em períodos de perseguição.

De qualquer forma, a impressão geral ao acompanhar esse processo é que os livros não ganharam autoridade ao entrar no cânon. Ao contrário, só entraram porque os fiéis os reconheceram como tendo a autoridade do próprio Deus de Israel. No passado, Deus se revelou aos seus profetas. Agora, ele fala por meio dos seus textos, as Escrituras Sagradas.

Seria muito bom se pudéssemos estudar a teologia do Antigo Testamento na ordem em que os livros surgiram. Entretanto, isso é muito difícil em razão das grandes discussões sobre data e autoria de algumas obras. O método que usaremos será acompanhar a teologia do Antigo Testamento nos seus próprios termos, na ordem de reconhecimento canônico, ou seja, na estrutura ou na ordem do cânon hebraico. É o que faremos a partir do próximo capítulo.

Questões de revisão

1. Descreva a relação entre o encontro em que Deus se revelou a uma pessoa e o momento em que a revelação daí resultante foi cristalizada em um livro.
2. Em que sentido é possível dizer que o Antigo Testamento protestante é exatamente igual à Bíblia hebraica.
3. Qual é o significado da expressão "ordem de reconhecimento canônico"?

Capítulo 2

A teologia da *Torá*

UMA DAS PRINCIPAIS PERGUNTAS QUE É preciso responder para viver no mundo é esta: "Quem sou eu?". Isso diz respeito à sua identidade. Sem essa resposta, não sabemos como reagir às circunstâncias nem conseguimos decidir qual caminho seguir. Quando temos alguma crise desse tipo, normalmente nos lembramos de onde viemos, quem são nossos pais, o que eles nos ensinaram. Nosso passado responde à questão de quem somos e para onde vamos.

Essa dinâmica entre identidade e propósito também se aplica a um povo, a uma nação. E a *Torá*, ou Lei, é uma resposta a isso.

A *Torá é* o primeiro bloco da Bíblia hebraica, constituído pelos cinco primeiros livros, que vai de Gênesis a Deuteronômio. No Antigo Testamento protestante, essa porção é denominada Pentateuco, formada por um grande número de narrativas que se estendem por um volume enorme de tempo. Seu propósito geral é narrar a origem, a constituição e a identidade do povo de Deus. Para apresentar a teologia do Pentateuco, então, nada melhor do que acompanhar essa história.

NASCE A PROMESSA

O Pentateuco demonstra que o mundo tem sua origem no próprio Criador do Universo. Apresenta Deus como o Senhor da História e do cosmos e demonstra a forma graciosa com que

esse Senhor resolveu separar uma família para dela fazer uma grande nação.

Gênesis descreve a criação do primeiro casal e como este trouxe o pecado à humanidade pela desobediência. Detém-se por um momento no crescimento da maldade no mundo, até que Noé aparece no cenário como o único digno de sobreviver a um grande desastre. Logo depois do dilúvio, o foco da história se concentra numa única família.

Se toda história tem um começo, onde estaria o início de Israel? A figura de Abraão é a gênese de tudo. É com ele, entre os rios Tigre e Eufrates, que começou a história do povo de Deus.

Nesse tempo, os impérios centralizados da Mesopotâmia originaram as cidades-estado. São cidades que possuíam reis e uma pequena monarquia. É um reino de apenas uma cidade, mas com todas as implicações sociais de um governo estruturado.

Ur dos Caldeus era a cidade-estado de onde os pais de Abraão partem em direção a Harã. Tanto uma quanto a outra já são grandes centros de civilização. O contexto religioso em torno deles é politeísta. As pessoas creem na existência de vários deuses e os adoram esporadicamente. Tudo depende do que desejam da divindade. Existiam deuses para as diferentes necessidades das pessoas. Se a questão era a colheita, o deus da fertilidade seria buscado; se o assunto era uma viagem, a divindade das estrelas poderia ser invocada; se o problema era um adversário, existia uma divindade pessoal pronta para ajudar, algo parecido com os anjos da guarda da mentalidade contemporânea popular.

A sociedade de onde Abraão partiu era politeísta. Ele viveu nesse contexto, mas foi chamado para fora dele, num encontro que será lembrado por todos os seus descendentes. A chamada do grande patriarca marcou o ponto inicial da história do povo de Deus e pode ser encontrada em Gênesis 12.

O encontro no qual Deus se revelou a Abraão marcou sua vida. A partir dali, ele abandonou o clã politeísta dos seus pais e fundou ele próprio um clã mono teísta independente. Agora ele é o responsável pela vida de sua esposa, de seus empregados e de um sobrinho que decide acompanhá-lo em direção a uma promessa: a de ser o pai de uma grande nação. Essa promessa era impressionante. Abraão não tinha filhos. Como seria pai de uma grande nação? Mas ele creu. Por causa dessa resposta de fé, ele passará a ser lembrado como um homem de fé (veja Rm 4:3; G1 3:6-9; Tg 2:21-23). Gênesis, a partir desse momento, se dedicou a narrar os desdobramentos dessa promessa.

Três personagens estão no centro dessas narrativas, ligados por laços sanguíneos e sociais: Abraão, Isaque e Jacó. O patriarca Isaque acaba reduzido pela força das personalidades e ações de seu pai e de seu filho Jacó. Poucas linhas são gastas tendo-o como personagem principal. Mesmo aparecendo depois da morte de Abraão, Isaque não é o grande destaque, mas Jacó.

Esses homens, com suas famílias, eram nômades. Não fixavam residência em nenhuma cidade. Mesmo assim, a promessa de Deus de abençoar Abraão e sua descendência se cumpria velozmente. A cada vez que os patriarcas apareciam, seus bens e sua prosperidade são visivelmente maiores. A narrativa do casamento de Isaque com Rebeca começa com a frase reveladora: 'Abraão já era velho, de idade bem avançada, e o Senhor em tudo o abençoara" (Gn 24:1). O versículo 34 esclarece ainda mais: "O Senhor o abençoou muito, e ele se tornou muito rico. Deu-lhe ovelhas e bois, prata e ouro, servos e servas, camelos e jumentos".

Os patriarcas, pelas relações que mantêm com os egípcios, canaanitas e outros grupos, eram tratados como ricos comerciantes, com grande prestígio. Os chefes tribais de Canaã viam neles figuras com quem deveriam firmar alianças e tratados.

O núcleo dessas narrativas, que liga cada um dos patriarcas, de Abraão a Jacó, é a promessa de Deus, onde Canaã foi prometida como herança à descendência dos patriarcas. É nesse contexto que surgiu a circuncisão, que entrará na história desse povo como um importante elemento de identidade. A circuncisão era a marca visível de uma promessa.

Deus conduz a História

O último dos grandes patriarcas encontrados em Gênesis é um indivíduo complicado. Mostra-se um grande enganador quando intentou agarrar a bênção que seu pai Isaque queria dar a Esaú, o primeiro filho. Mas foi Jacó que a recebeu. Por causa dessas ações, ele precisou se refugiar na região de onde viera sua mãe, Rebeca, e, anteriormente, seu avô, Abraão. Nesse lugar, na casa de parentes, Jacó desposou duas mulheres, Lia e Raquel, com quem teve doze filhos. Eles serão os antecedentes das doze tribos de Israel.

O filho mais velho de Jacó era Rúben, mas, curiosamente, as narrativas prestigiaram outros filhos de Jacó, principalmente José. Elas parecem demonstrar que o povo de Deus não seria formado pela sucessão natural de sangue, mas pela graça soberana do Senhor.

O filho mais velho de Abraão era Ismael, mas foi Isaque que recebeu a promessa. O filho mais velho de Isaque e Rebeca era Esaú, mas foi Jacó que levou a bênção à frente. O filho mais velho de Jacó era Rúben, mas seria de Judá que surgiria a linhagem messiânica.

Nenhum desses personagens possuía algo que provocasse a escolha. A graça soberana de Deus foi o elemento primordial no processo de constituição do seu povo. Abraão, em vários momentos, se mostrou um homem assustado que preferiu entregar a esposa nos braços de outro a morrer por ela (Gn 20:2-3). Isaque se mostrou um personagem frágil, facilmente enganado por sua

esposa e seus filhos (Gn 27:1-46). Jacó se mostrou um ganancioso que não temeu enganar seu pai para conseguir atingir seus objetivos (Gn 27:35-36). Deus os escolheu pela graça e, dessa massa imperfeita, delineou os traços do seu povo.

O Êxodo do Egito

Depois de uma série de acontecimentos, Jacó e seus descendentes partem para o Egito. Será ali que o clã de Jacó, um grupo de doze famílias, se transformará num povo. Ainda não possuíam terra, é verdade, mas já eram verdadeiramente um povo. A família de Jacó chegou com setenta pessoas para morar na região fértil do delta do Nilo e se tornou um grande povo com milhares de pessoas que encheriam o Egito e provocariam o medo nos dirigentes egípcios. Esse temor levou o Egito a escravizar os descendentes de Jacó.

Foi nesse cenário de escravidão que Moisés surgiu. Será ele que coordenará o êxodo, um dos maiores eventos da história do povo de Deus no Antigo Testamento. O êxodo seria lembrado, desse momento em diante, como a grande intervenção de Deus na história do seu povo. Séculos depois, relembrando a história de Israel, o profeta Oseias proclamou: "Quando Israel era menino, eu o amei; e do Egito chamei o meu filho" (Os 11:1). O povo estava sendo lembrado de que veio do Egito. Esse país não apenas lembrava tempos de escravidão, mas também o período de formação do povo eleito. Com o êxodo, a promessa, que antes fora feita aos patriarcas, agora seria reafirmada a todo o povo.

A promessa se transformará, então, numa aliança, num pacto. O Deus de Abraão, Isaque e Jacó seria o Deus de Israel; e Israel seria o seu povo. Se o povo fosse fiel, a aliança seria mantida. Se o povo fosse infiel, pagaria um alto preço por isso. Três meses depois de sair do Egito, o povo chegou ao monte Sinai (Horebe). Nesse lugar, a promessa de Deus se transformou, finalmente, numa

aliança nacional. Ao pé desse morro, o povo recebeu os Dez Mandamentos e diversas leis que objetivavam nortear os relacionamentos interpessoais e internacionais do povo. Eles precisavam de preceitos para se relacionar entre si, entre as famílias, entre as tribos e com os outros povos.

É verdade que encontramos porções legais em outros lugares da Bíblia, mas as leis encontradas no Pentateuco se tornaram muito importantes. Elas se dividiam em grupos. Um desses tinha natureza inibidora e começava normalmente com a partícula "não". A passagem a seguir ilustra bem esse tipo de Lei: "Não matarás. Não adulterarás. Não furtarás. Não dirás falso testemunho contra o teu próximo. Não cobiçarás a casa do teu próximo. Não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma que pertença ao teu próximo" (Ex 20:13-17).

Havia também leis de causa e efeito. Nesse tipo de mandamento, a lei era apresentada na forma condicional. Em vez do registro "não adulterarás", ocorre como uma condição: "Se um homem adulterar com a mulher do seu próximo, será morto o adúltero e a adúltera" (Lv 20:10). Se o povo obedecesse, seria recompensado por Deus. Se não obedecesse, receberia um tipo de castigo.

Apesar da natureza íntima como essas leis se dirigiram para o povo de Deus no Antigo Testamento, elas já apontavam, ensinavam e ilustravam a justiça, o amor e os altos padrões de Deus.

Em torno das leis ainda circulavam os sacrifícios e a adoração comunitária. As festas e celebrações periódicas serviam como lembretes contínuos da singularidade do povo de Deus diante das demais nações. Eram os regulamentos para a organização do culto a Deus, como o tabernáculo, o sacerdócio, as ofertas e os sacrifícios.

Uma visão de conjunto

O primeiro livro do Pentateuco, Gênesis, apresenta a genealogia do povo escolhido, que retrocede até Abraão. Com ele, nasceu a

promessa. Antes dos patriarcas, o livro ainda apresenta a origem de todas as coisas, incluindo o próprio ser humano.

O segundo livro, Êxodo, começa no Egito e termina cerca de um ano depois, quando o povo recebe orientações para a construção do tabernáculo. Este simbolizava a presença de Deus com o povo durante sua peregrinação pelo deserto.

O terceiro livro, Levítico, é uma grande pausa na narrativa, que só será retomada no livro de Números. Nele aparece um grande discurso de Deus para Moisés. São orientações de como eles deveriam se comportar no dia a dia, nas relações interpessoais (com outros judeus ou estrangeiros), internacionais (com outras nações) e inter-religiosas (com outras religiões e suas divindades).

O quarto livro, Números, inicia com o censo do povo, para verificar quantos são, e continua com o restante da caminhada pelo deserto. Quando ele termina, Moisés e seus liderados estão às portas de Canaã.

O último livro do Pentateuco, Deuteronômio, é outra pausa na narrativa, já que é um grande discurso de Moisés. Em Levítico, Deus fala para Moisés. Em Deuteronômio, Moisés fala para o povo. É o seu testamento, já que o livro termina com a descrição de sua morte.

QUESTÕES DE REVISÃO

1. É possível afirmar um fio norteador que ligaria as narrativas dos patriarcas Abraão, Isaque e Jacó? Em caso positivo, qual seria esse núcleo teológico.
2. Qual é a diferença entre a promessa abraâmica e a aliança feita com o povo ,no Êxodo?
3. Quais eram as grandes marcas da relação dos patriarcas com Deus?
4. Como a *Torá* afunila a história da humanidade e dos patriarcas para chegar até o êxodo, o grande evento do passado de Israel?

Capítulo 3

A teologia dos Profetas

PRIMEIROS PROFETAS

O segundo conjunto canônico da Bíblia hebraica é denominado de *Primeiros Profetas* ou *Profetas Anteriores.* É uma grande porção que abrange as obras de Josué a Reis. Devemos, sim, lê-las como narrativas,[1] mas também como profecia. Esse conjunto literário era entendido como profecia tanto quanto a palavra proclamada pelos profetas clássicos de Israel. Nesse caso, podemos chamar esses livros de narrativa profética, ou seja, constituem histórias narradas com fins proféticos.

Como narrativa profética, a melhor forma de apresentar a teologia dos Primeiros Profetas é acompanhar suas histórias. Esse tipo de literatura apresenta sua mensagem no processo de narração. Assim, é recontando os eventos que apresentamos suas mensagens.

[1]A narrativa é o estilo literário que mais aparece em toda a Bíblia hebraica. Grande parte das Escrituras foi escrita nessa forma. Uma narrativa é uma história contada com um objetivo didático. A preocupação principal é ensinar por meio da reflexão sobre o evento. Ensinar por meio de histórias sempre foi um excelente recurso pedagógico. A narrativa bíblica relata um evento com o intuito de transmitir uma mensagem por meio dos personagens, dos seus problemas e das circunstâncias ao redor. Isso as torna seletivas e ilustrativas. O objetivo não é compor biografias sobre as figuras do passado, mas aprender com elas. O que se encontra narrado é tudo o que o autor considerou importante comunicar e preservar.

As obras de Josué, Juizes, ISamuel, 2Samuel, IReis e 2Reis estão no formato de obras autônomas, mas todas possuem uma mesma perspectiva profética. Mais do que relatar ou descortinar os eventos, seus autores desejaram interpretá-los e aplicá-los a uma audiência que precisava ouvir sobre os erros e acertos do passado.

Devemos olhar para a perspectiva dessas obras. Lidas em conjunto, elas parecem indicar que desejavam promover uma mensagem que se manifesta de ponta a ponta em todas as suas narrativas: quando o povo é fiel a Deus, vive em paz; mas, se escolhe o caminho da desobediência, é oprimido pelos inimigos.

Isso parece indicar que seus autores (independentemente de quem foram) viram o final do processo histórico no qual a Babilônia passou a controlar o destino do povo de Deus.[2] A nação fora desmontada pelos babilônios. Por que isso aconteceu? A resposta estava na quebra da aliança por parte do povo.

A tarefa dessas narrativas, então, é narrar a história do povo desde os tempos da chegada à terra santa (o livro de Josué), quando todos os temiam, passar pelos momentos difíceis dos juizes, passear pelos instáveis dias dos reis, até terminar nos dias em aberto do seu próprio tempo. A última narrativa desse conjunto registra, apesar de Jerusalém estar sob controle estrangeiro e o templo não existir mais, a forma aparentemente misericordiosa

[2] Nem todos os comentaristas bíblicos concordam com uma data tão posterior para a redação de Josué, Juizes, ISamuel e 2Samuel. Muitos datam esses livros bem antes do cativeiro babilônico. Sobre o livro de Josué, afirma-se que tenha sido escrito com base num material registrado pelo próprio Josué, como testemunha ocular, mas a redação final é posterior, pois inclui a morte desse homem de Deus. A questão é saber quão posterior é essa redação. Sobre Juizes, alguns acreditam ter sido escrito ainda nos dias de Saul ou Davi, antes de este conquistar Jerusalém, por volta do ano 1000 a.C. Os livros de Samuel são datados tradicionalmente por volta de 930 a 900 a.C. Essas divergências demonstram a dificuldade de precisão cronológica quanto à datação desses livros.

como os babilônios estavam tratando Joaquim, descendente real exilado na Babilônia. A sorte do povo de Deus estaria mudando? Era possivelmente assim que os autores desses textos viam os seus próprios dias: como uma história que ainda precisava ser escrita, na qual o final dependeria muito da disposição do povo.

Para eles, a nação agora tinha a possibilidade de aprender com o passado e reconstruir o futuro, que ainda estava em torno da linhagem davídica. Deus não os desampararia jamais.

Josué — A tomada de Canaã

Se o Pentateuco termina com o povo às portas da terra santa, o livro de Josué registra a entrada e a conquista de Canaã. Se o povo não entrasse, o milagre de Deus não estaria completo, e a promessa não se tornaria realidade.

O grande herói desse livro foi Josué, discípulo de Moisés. Ele foi preparado para continuar o que Moisés não pôde fazer.

Como Canaã não possuía um governo centralizado, as tribos de Deus precisaram vencer cada uma das cidades-estado que encontraram pela frente, até que todas as tribos recebessem o seu quinhão da promessa. Antes de despedir cada tribo para sua porção, entretanto, Josué repetiu o mesmo ato de Moisés, encerrando sua carreira com um discurso, no qual incitou o povo à obediência a Deus. O livro de Josué termina com a descrição de sua morte, mas não antes que a aliança fosse novamente renovada. Os líderes passam, mas a aliança deve permanecer.

Juizes — A instabilidade espiritual

O livro de Juizes pode muito bem ser resumido como uma grande demonstração de bênção pela obediência e de castigo pela desobediência. Se pudéssemos ilustrar com uma imagem, o povo de Deus nasceu em Abraão e enfrentou a adolescência no período narrado em Juizes. Foi um estágio caracterizado por altos e baixos,

em que as variações de humor eram cíclicas e constantes. Num momento, a paz reinava; no outro, a guerra.

O povo ainda vivia sob a organização tribal, com cada tribo possuindo uma relativa independência em seus negócios. O laço que as unia nessa fase era o passado da promessa e o presente reconhecimento do mesmo Deus.

Eis os juizes mencionados no livro: Otoniel, Eúde, Débora e Baraque, Gideão, Jefté e Sansão. Samuel surgiu como o último juiz, mas também exerceu atividades típicas dos profetas. A tarefa desses homens consistia em alertar o povo quanto à relação adúltera com os deuses e cultos cananeus.

1Samuel — O levantamento da monarquia

Logo algumas tribos reconheceram a fragilidade da confederação tribal. Elas não conseguiam se organizar satisfatoriamente contra seus adversários externos. Como resultado, a monarquia, uma etapa importante na formação do povo de Deus, logo surgiu como a melhor solução.

A figura que operou a transição foi Samuel. Durante uma das celebrações religiosas do povo, Saul foi indicado explicitamente como rei. Os relatos indicam que o governo de Saul foi caracterizado pela organização de um exército nacional, sob a liderança do general Abner. Até aquele momento, as tribos não possuíam exército algum. Em períodos de conflito com os vizinhos, eram os próprios membros das tribos, do campo ou das cidades, que deixavam seus afazeres cotidianos para envergar uma espada. Num momento, ele usava um arado para preparar a terra; no outro, precisava empunhar uma espada para enfrentar um adversário filisteu.

Com Saul, entretanto, foi montado um exército. A tarefa desses guerreiros era ficar de prontidão para o confronto quando ele se manifestasse. A mudança seria realmente benéfica para todos. O grande problema de Saul foi se deixar seduzir justamente pelas

conquistas do seu exército. O que veio a seguir foi uma seqüência de desastres. Seu governo terminou tão rápido quanto começou, mas não sem antes introduzir no cenário a figura de Davi.

As narrativas de ISamuel deixam a importante mensagem de que não é pela força dos exércitos que seu povo se defenderia. Mesmo com uma monarquia constituída e um exército montado e treinado, a aliança ainda era a base de todas as vitórias. Independentemente da estrutura social, liga tribal ou monarquia, não haveria paz sem a manutenção da aliança com Deus.

2Samuel — O reinado de Davi

A narrativa da unção de Davi como rei aconteceu quando Saul ainda estava vivo, mas somente depois de sua morte Davi ascendeu como rei de Israel. Logo no início de seu governo, ele se apoderou de Jerusalém e fez dela a capital da nação. Não demorou muito, e logo a capital foi transformada também em centro da vida religiosa do povo. Até esse período, não existia um centro de culto. Davi trouxe a arca da aliança para Jerusalém e deu início ao projeto de construção do templo de Jerusalém.

Durante uma boa parte do seu governo, Davi exerceu um reinado caracterizado por sucessos. Ele confirmou as conquistas de Saul, conquistou novas cidades, expulsou adversários, ampliou as fronteiras e dominou pequenos Estados em torno de Israel. Apesar desses grandes feitos, as narrativas bíblicas não escondem suas fraquezas. Por causa de Bate-Seba, ele adulterou e ordenou o assassinato de Urias, o marido da mulher seduzida. No fim de sua vida, Davi revelou-se incapaz de fazer a transição de governo de forma pacífica.

IReis — A divisão de Israel

Quem assumiu após Davi foi seu filho Salomão. Seu governo é descrito de forma ambígua nas narrativas. De um lado, enormes

riquezas e honrarias vieram de diversas partes do mundo, sua sabedoria se tornou proverbial e o templo foi finalmente construído. Em contrapartida, a política de alianças políticas de Salomão resultou também em alianças religiosas. Suas esposas trouxeram seus cultos para o meio de Israel. Cultos e divindades estranhas ganharam o amparo do próprio rei. O mesmo homem que consagrou o templo de Jerusalém converteu-se em um idólatra. Ele não apenas tolerou o culto a outros deuses, mas também o praticou.

Além da idolatria, a opressão social manchou o fim do governo de Salomão. Afinal, alguém precisava pagar a conta por tanta riqueza, luxo e opulência. O peso dessa administração tornou-se insuportável para um país pequeno como Israel. Logo após sua morte, a grande queixa popular foi exatamente a questão dos impostos. Como Roboão, filho e sucessor de Salomão, não conseguiu dar uma resposta satisfatória para essa questão, o país se dividiu em dois pequenos Estados. A partir de então, o povo de Deus passou a ser designado por dois nomes: Reino do Norte e Reino do Sul. O primeiro foi usado para se referir às tribos que se separaram da família davídica. Era formado por dez das doze tribos de Israel. O outro se constituiu das tribos de Judá e Benjamim, que continuaram sob o governo da dinastia davídica. As narrativas passaram a denominar o Reino do Norte como Israel, e o Reino do Sul como Judá.

No contexto do Reino do Norte, o livro de IReis. destaca de modo considerável a dinastia de Acabe, justamente por causa da crise religiosa. Esse rei, em razão de acordos comerciais, casou-se com Jezabel, de Sidom. Com ela, veio o culto a Baal, não apenas permitido, mas promovido pelo governo. Esse movimento foi fortemente combatido pela figura profética de Elias.

2Reis — O fim da independência política

Com exceção dos dias de Jeroboão II, quando Israel desfrutou de uma atípica prosperidade e tranqüilidade, os demais reinados

do Reino do Norte foram curtos e conturbados. As crises com os pequenos Estados da Síria e Judá eram freqüentes, situação que se complicou com o crescimento do Império Assírio. Foi justamente a Assíria que invadiu Israel, destruiu Samaria, a capital, e desterrou os que sobreviveram.

O Reino do Norte foi destruído, mas Judá ainda sobreviveu por mais algum tempo. Na perspectiva profética de quem narra a história, algumas reformas religiosas conseguiram dar uma sobrevida maior ao Reino do Sul. Uma delas foi comandada por Ezequias. Ele restaurou o culto no templo de Jerusalém, bem como as ordens sacerdotais e levíticas. Outra reforma foi comandada por Josias, com renovada ênfase no culto. Entretanto, nenhuma dessas ações conseguiu impedir a derrota diante dos babilônios. Nesse período, os judeus viram seus tesouros ser levados do templo e do palácio. Os principais líderes de Judá também foram levados para o exílio, na Babilônia.

A história contada pelos Primeiros Profetas termina com o fim das maiores instituições de Israel. Jerusalém foi incendiada, e o templo, destruído. Não há celebração religiosa nem independência política. Tudo isso aconteceu porque o povo de Deus decidiu não cumprir sua parte na aliança. De qualquer forma, nem tudo estava perdido. Afinal, 2Reis não conclui sua história. O rei Joaquim estava vivo e bem tratado, apesar de exilado na Babilônia. Ainda há esperança na restauração da dinastia davídica e na restauração da aliança com Deus.

Os Profetas Posteriores

As obras denominadas de Profetas Posteriores na Bíblia hebraica correspondem aos livros proféticos do Antigo Testamento protestante, com exceção de Daniel, que está entre os Escritos. Ao contrário dos capítulos anteriores, já é possível neste momento sugerir um arranjo cronológico para essas obras, o

que nos ajudará, principalmente, a entender a mensagem de cada profeta. A necessidade de estudá-los no seu respectivo enquadramento histórico é maior porque as profecias também possuem uma íntima relação com o seu tempo. A Bíblia é um livro profético por excelência. Mas, além do futuro, o profeta também objetivava o seu próprio tempo.

Profetas do Reino do Norte

No século VIII antes de Cristo, quando o povo de Deus já estava dividido em dois pequenos países, Israel e Judá, que brigavam entre si a maior parte do tempo, surgiram os primeiros profetas que tiveram suas mensagens preservadas em um livro.

Os profetas eram homens e mulheres de oposição à situação a sua volta. Nessa fase da atividade profética, a mensagem tinha uma intensa crítica social. Criticavam o Estado, a religião e o próprio povo, por estarem na situação de miséria e não buscarem a ajuda de Deus. Na verdade, suas palavras apontavam que a situação era resultado da desobediência.

É verdade que a atividade profética já era conhecida fazia tempo no meio do povo, em movimentos breves e localizados, por exemplo, na mensagem de Elias e Eliseu, ou antes, de Natã, no tempo de Davi. Mas agora suas mensagens passam a ser colecionadas em obras que levam o nome do profeta.

Amós — O *profeta boiadeiro*

Nos dias de Jeroboão II como rei de Israel, um singelo boiadeiro subiu de Judá, na direção de Israel. Sua missão? Denunciar os abusos sociais do Reino do Norte. Esse era Amós, natural de Tecoa, um pequeno vilarejo que ficava cerca de vinte quilômetros distante de Jerusalém. Na prática, ele vinha quase do deserto, já que sua cidade ficava no limite territorial de Judá.

Naquele lugar desprovido de importância política ou econômica, Amós exercia a profissão de boiadeiro. Pois foi exatamente

esse homem simples, dos limites do Reino do Sul, que recebeu a missão profética de pregar no Reino do Norte. Isso não significa que não havia profetas em Israel. A nação tinha os seus profetas. Oseias é um exemplo dessa figura no contexto do Reino do Norte. Entretanto, em alguns momentos, a mensagem que vem de fora pode surtir um efeito maior do que a que vem de dentro de nossas fronteiras. Se Israel não ouvia seus profetas, talvez ouvisse um estrangeiro!

Em termos históricos, aquele era um período de prosperidade econômica em Israel, sob o governo de Jeroboão II. Sua teologia se concentra então na crítica de que toda a riqueza estava concentrada nas mãos de poucas pessoas. A tranqüilidade econômica estava presente, mas não era compartilhada. Daí procede sua denúncia dos abusos sociais. Possivelmente, foi com grande tristeza que ele, de sua cidadezinha, poucos anos depois, ouviu falar do cumprimento de sua mensagem na destruição completa de Samaria e Israel pela Assíria em 721 a.C.

Oseias — O *profeta de coração partido*

Em Israel, levantou-se outra voz profética. Diferentemente de Amós, Oseias parece ser natural do Reino do Norte, para quem pregou suas mensagens por mais de três décadas.

Em algum momento, atendendo a uma revelação de Deus, Oseias se casou com uma prostituta. Seu nome era Gômer, e com ela ele teve os seguintes filhos: Jezreel (O Senhor dispersará), Lo-Ruama (Não amada) e Lo-Ami (Não meu povo). Os nomes de seus filhos se tornaram pregação e mensagem entre o povo. Tanto o casamento quanto os filhos dessa relação foram usados pelo profeta para anunciar a idolatria do povo e a conseqüente destruição de Israel.

Os dias de Oseias não foram tranqüilos. Pois logo após a morte de Jeroboão II, Zacarias, seu filho, assume, sendo rapidamente

assassinado. Foram reinados breves e desastrosos. Logo a Assíria arrasaria a nação. Mesmo assim, esse profeta encarnou sua mensagem. Para pregar contra a idolatria, tornou-se traído. Assim, proclamou a mensagem de que Israel traía Deus todas as vezes em que se envolvia com outras divindades. Esse era o tema central de sua mensagem. Israel, como a esposa infiel, era amada por Deus, apesar de todas as traições. Entretanto, o amor não anularia o castigo contra a traição e o pecado.

Oseias não deixou de apresentar as possibilidades de restauração para o povo, mas elas foram insistentemente rejeitadas.

Profetas do Reino do Sul

O fenômeno da profecia no Reino do Norte desapareceu com o colapso de Israel. Apenas as mensagens de Amós e Oseias sobreviveram como livro.

Depois do fim de Israel, Judá cambaleou cerca de dois séculos antes de tombar diante da poderosa Babilônia. Durante esse período, vários profetas convidaram o povo para o arrependimento, ainda com a poeira da destruição de Israel no ar. A mais popular das ilustrações foi justamente o fim dos conterrâneos do Norte. Os mais antigos podem ser localizados no século VIII a.C., na pessoa de Isaías e Miqueias.

Isaías — Profecia e diálogo político

A atividade profética de Isaías se estendeu desde a morte do rei Uzias (740 a.C.) até o tempo de Ezequias (700 a.C.). Ele foi um dos mais importantes profetas anteriores ao exílio babilônico. Ele profetizou em Jerusalém e arredores e exerceu grande influência sobre cada um dos reis de sua época. Isaías era um profundo conhecedor da história do seu povo e enxergava, como poucos em seus dias, o que se passava nas nações em torno de Judá.

Uzias, que governava no ano da chamada de Isaías, trouxe certa estabilidade para a pequena nação. Infelizmente, isso não

passou para o rei seguinte, Jotão. Este se envolveu e levou o povo para a idolatria. O filho de João, Acaz, superou seu pai em iniquidade. Anulou todos os atos que Uzias havia feito para aproximar o povo de Deus. Restaurou o culto da divindade Baal, a quem chegou a sacrificar seus próprios filhos.

O filho de Acaz veio a ser o piedoso rei Ezequias. Este, temente a Deus, ouviu com seriedade os conselhos de Isaías sobre a restauração do culto e a relação de Judá com os outros povos.

O livro de Isaías é formado por mensagens pregadas através de várias décadas. O que dificulta um pouco a compreensão dessas mensagens é que nem todas informam o contexto em que surgiram. Também não estão na ordem de surgimento. É comum saltar de uma época a outra e voltar a ela novamente durante a leitura do livro que leva seu nome.

De qualquer forma, sua mensagem se caracterizou pela crítica aos pactos com os estrangeiros e pela ênfase na dependência divina diante das crises internacionais. A tendência do seu tempo era fazer alianças. Por isso, Isaías lembra que o que podia garantir a segurança da nação era a aliança com seu Deus.

Suas mensagens também tiveram grande importância na definição da esperança messiânica judaica. Essa esperança preconizava a vinda do Messias, o ungido de Deus, que, no final dos tempos, estabeleceria o Reino de Deus.

Ele também trata da ofensa contra Deus. O povo o ofendeu com suas injustiças, e foi chamado ao arrependimento. Ofensa, arrependimento e redenção aparecem continuamente em suas mensagens.

Miqueias — O *profeta do campo*

Miqueias significa "Quem é como o Senhor". Esse profeta era do campo, originário de Moresete-Gate, uma pequenina cidade na região montanhosa de Judá. É justamente por seu vínculo com os camponeses que ele criticou tanto os abusos impostos pela capital.

Como Miqueias tem uma palavra de crítica contra Samaria, no início do seu ministério o Reino do Norte ainda estava de pé. Ele foi contemporâneo de Isaías e conhecia algumas de suas mensagens, sendo por elas influenciado. Suas palavras foram pronunciadas durante o governo do rei Ezequias, possivelmente antes das reformas que esse rei fez no país.

A origem do profeta influenciou profundamente sua mensagem. Ele prega contra as injustiças de Jerusalém, critica a opressão e a riqueza opulenta. A situação de incredulidade era gritante. O povo já não escutava a profecia autêntica. Eles preferiam ouvir palavras agradáveis, e não a contestação profética, que nesse caso era dura e incisiva. Os falsos profetas tinham livre trânsito no palácio e nos casarões, enquanto os profetas autênticos eram escorraçados das cidades.

Sofonias — A *busca da simplicidade*

Nas décadas que antecederam o aparecimento do profeta Sofonias, o rei mais importante foi Ezequias, pelas reformas que conseguiu implementar. Dali em diante, o povo de Deus passou a lembrar com nostalgia os bons tempos do rei que temia a Deus.

Após Ezequias, veio um dos piores reis de Judá, Manassés. Seu reinado foi marcado pela idolatria. Ele restaurou e incentivou vários cultos estrangeiros e aproximou o culto a Deus dos cultos espúrios por meio de rituais e sacrifícios no templo.

Passou o trono a Amom, que seguiu pelo mesmo caminho do pai. Assassinado por revolucionários, foi sucedido finalmente por Josias, então com oito anos de idade.

Josias foi um rei bom e justo. Dirigiu novas reformas religiosas. Reorganizou as festas sagradas e incentivou a prática da Lei e do culto no templo. Durante seu reinado, uma porção da Escritura foi

encontrada escondida no santuário, dando origem a outro grande reavivamento religioso.

Infelizmente, Josias não conseguiu mexer na estrutura da nação. Ele alterou algumas práticas, mas a idolatria continuava presente de forma insidiosa. Sua reforma se mostrou superficial, já que logo depois o povo voltou a ser criticado por adultério espiritual.

Foi precisamente durante o início do reinado de Josias que Sofonias ministrou suas profecias. O profeta criticou a idolatria, a aproximação judaica dos costumes religiosos estrangeiros e os incrédulos da ira de Deus.

Sofonias bebeu da profecia de Isaías, Amós e Miqueias, ampliadas e sintetizadas por ele. Desses profetas, o tema que ele destacou foi a justiça de Deus, canalizada num dia especial, denominado de Dia da Ira. Nesse dia, os ímpios serão castigados, e todas as nações receberão o castigo por seus pecados. A alternativa à destruição aparece na forma da volta à justiça e à humildade. As pessoas deveriam deixar a opulência e o desejo de riqueza pela vida simples da época em que a única possessão do povo de Deus era a sua própria presença.

Jeremias — O *profeta perseguido*

Talvez a vida e a obra de Jeremias sejam o que mais facilmente pode ser situado no contexto dos profetas. Ele próprio dá detalhes que nos ajudam a situá-lo com relativa tranqüilidade. Ele é descendente de uma família sacerdotal, nascido em Anatote, perto de Jerusalém. Viveu durante o século VII a.C.

Foi durante os dias de Josias que recebeu sua vocação, dando início a um grande e dramático ministério profético. Sua mensagem se fez ouvir por mais de quarenta anos, precisamente os últimos anos de Judá antes do exílio.

Jeremias profetizou durante os reinados de Josias, Jeoacaz, Jeoaquim, Joaquim e Zedequias. Foram governos de intensa crise social e religiosa. A nação parecia um navio prestes a naufragar que vê os capitães, repetidamente, tomarem decisões que abrem mais ainda o rombo do casco. Cada ação errada põe mais água dentro do navio. Dessa forma, ele viu suas profecias se cumprirem uma após outra. Em 586 a.C., a Babilônia arrasou Jerusalém, saqueou e queimou o templo e ainda levou para o exílio uma parcela da liderança da nação.

Jeremias ficou na terra santa um pouco mais de tempo, mas, por causa de uma frustrada tentativa de reconquistar Jerusalém, que não tinha também sua aprovação, acabou sendo levado para o Egito. Foi nessa terra, como estrangeiro e sem pátria, que ele desapareceu.

O livro de Jeremias é uma coletânea de mensagens do profeta, pregadas durante seus muitos anos de ministério. Não estão necessariamente ordenadas por data de pregação, mas podem ser situadas com alguma precisão.

O início do livro, a impiedade e a injustiça corrente na nação são o alvo de suas críticas. O convite agora era para a salvação de Deus, única coisa que poderia salvá-los da destruição que se aproximava.

Depois de um período de inatividade, Jeremias voltou à tona com mensagens contra o templo e o culto. Para o profeta, o povo era hipócrita, e suas palavras somente os levariam ao juízo de Deus. Os sacerdotes foram os que menos gostaram dessa palavra. Por pouco, ele não foi assassinado.

Sua mensagem ia de encontro às promessas falsas dos profetas falsos. Enquanto Jeremias aconselhava a não se rebelar contra a Babilônia, estes sugeriam uma revolta aberta. Na prática, entretanto, os profetas que pregavam o que o rei e o povo queriam

ouvir conseguiram ser ouvidos. Jeremias não o foi, e a nação foi destruída pelos babilônios.

A missão de Jeremias era prever perigos que a maioria do povo ignorava ou esnobava. Restava ao profeta, após sua advertência ter se cumprido, chorar pelo povo.

Naum — Contra Nínive

Não há muitos elementos no pequeno livro de Naum para que o situemos com precisão. A crítica dura contra Nínive, capital da Assíria, pressupõe que eles já haviam desterrado os moradores do Reino do Norte e agora estendiam as asas em direção de Judá.

Não muito tempo depois, entretanto, a própria Nínive seria engolida pela Babilônia, que se tornaria a potência da vez. Como em Naum a queda de Nínive é profetizada ou anunciada, sua pregação deve estar situada entre o interesse da Assíria por Judá e sua queda final, que se deu em 612 a.C. Talvez ele tenha pregado entre os reis Manassés e o início do reinado de Josias, entre 660 e 640 a.C. O medo de que o infortúnio de Israel também descesse sobre Judá levou o profeta a lançar duras palavras de juízo contra Nínive e seus habitantes, numa figura de linguagem que deveria ser estendida a todo o Império Assírio.

É verdade que o profeta também percebeu que os assírios foram um instrumento de Deus para punir a impiedade israelita, reconhecendo, assim, o senhorio de Deus sobre todas as nações. Mas, para Naum, Nínive foi longe demais. Ela exagerou. Com isso, o próprio Deus puniria o instrumento que ele mesmo usou contra seu povo rebelde.

É possível que as palavras de Naum tenham ajudado Josias a se rebelar contra o jugo assírio, que parecia, no momento em que as palavras eram pronunciadas, invencível. Naum demonstrou que eles não destruíram Israel por conta própria. Antes, foram usados por Deus. Assim, eles só fariam o mesmo com Judá se o

próprio Deus o quisesse. E Deus não queria mais. Os assírios não seriam mais usados. Seu fim estava próximo.

O grande tema do livro, encontrado em toda a obra, é a soberania de Deus sobre as nações.

Habacuque — O *profeta questionador*

Habacuque se denomina *nabi* (profeta por profissão), o que talvez o torne um dos poucos profetas desse tipo, cuja mensagem sobreviveu em um livro. O profeta por profissão vivia da prática do ofício profético. O problema residia em que, em razão disso, alguns tinham a tendência e o desejo de agradar o rei e o povo, para assim receber deles ofertas.

Os profetas por profissão foram considerados, na maioria, falsos profetas, pelos profetas canônicos. Uma exceção foi Habacuque. Se isso procede, ele viveu em torno do templo, de onde recebia as revelações de Deus e as transmitia aos atentos ouvintes.

Sua profecia, assim, tinha características cultuais e litúrgicas. Orações e hinos eram as formas de sua mensagem. Elas podiam, então, não apenas ser pregadas, mas cantadas posteriormente pelos ouvintes.

Seu ministério tem uma relação histórica com os caldeus, fundadores do reino dos babilônios, que suplantariam a Assíria e levaria Judá para o exílio. Seu livro registra um diálogo do profeta com Deus, na forma de lamentos, orações ou hinos. Nesse diálogo, ele apresenta o problema do mal. Como Deus poderia usar os caldeus para punir o seu povo, se eles eram tão maus. O seu próprio livro registra a resposta. O justo viveria pela fé.

O EXÍLIO BABILÔNICO

O ano era 586 a.C. A cidade de Davi estava pegando fogo. O templo não existia mais. Seus tesouros estavam nas mãos dos babilônios. Pouca coisa na história do povo de Deus marcou tanto

quanto a derrota para os babilônios. Praticamente dividiu a história em antes do exílio e depois do exílio babilônico.

A derrota não veio de um golpe só. Veio a conta-gotas. Nabucodonosor deportou, primeiramente, os líderes religiosos e políticos de Judá. Fez várias outras investidas dolorosas. Por fim, veio a conquista final, com a destruição de Jerusalém e do templo.

Os camponeses, gente simples, foram deixados em paz para cultivar a terra. A partir desse momento, então, os judeus estarão divididos entre os que foram para o exílio e os que ficaram na terra. Cada grupo buscou Deus a seu modo, e cada um tinha seus profetas.

Ezequiel — Mensagem aos exilados

Ezequiel era um sacerdote que nasceu em Judá e foi levado junto com outros exilados para a Babilônia. Ele foi contemporâneo de Jeremias e vivenciou os reinados de Jeoacaz, Jeoaquim, Joaquim e Zedequias, anteriores ao exílio.

É um período de grandes crises e perturbações políticas, sociais e religiosas. De linhagem sacerdotal, Ezequiel vivia em torno do templo. Tirado à força da sua terra, viveu o resto dos seus dias na Babilônia, de onde foi vocacionado por Deus para restabelecer a esperança da nação na restauração nacional. Deus usou Ezequiel para manter o povo do exílio fiel à Lei e à aliança do passado.

O que acontece quando uma grande dor se abate sobre um filho de Deus? Precisa relacionar o infortúnio com o Deus que ele adora e cultua. Ele crê que Deus é amoroso e, ao mesmo tempo, todo-poderoso. Como conciliar as duas coisas? Será que Deus é menos amoroso que poderoso? Ou é menos poderoso que amoroso?

Eram questões como essas que tomavam conta dos judeus no exílio. Ezequiel escreveu para solucionar essas crises. Sua resposta aponta para a defesa da soberania de Deus. Ele não é menos

poderoso que os deuses babilônicos. Na verdade, foi o próprio Deus que levou os babilônios a se lançarem sobre Judá.

Ezequiel encontrou o motivo prontamente nas mensagens dos profetas que vieram antes dele: a desobediência ao pacto, que exigia de Israel fidelidade a Deus e a seus mandamentos.

Mas nem tudo estava perdido. O amor de Deus por seu povo era tamanho que, mesmo após o castigo, Deus ainda reservou a um remanescente todas as suas promessas, que jamais seriam alteradas. Foi com essa mensagem que Ezequiel gastou a maior parte do seu ministério.

Obadias — Queixa contra Edom

Mesmo com o exílio dos principais líderes do povo de Deus, os que ficaram na terra ainda não se viram órfãos da revelação de Deus. Enquanto no exílio se levantava a voz de Ezequiel, profetas como Obadias faziam na terra santa sua parte na restauração da esperança.

Sabe-se muito pouco sobre Obadias. Os dados do livro permitem situar sua profecia após a destruição de Jerusalém, mas não muito mais do que isso. Sua linguagem parece vir de uma testemunha ocular dos eventos que ele narrou. Possivelmente, ele presenciou a humilhação das filas de judeus indo para o exílio enquanto os edomitas zombavam da dor e da destruição dos vizinhos.

É contra essa humilhação que ele profetiza. Não necessariamente contra os babilônios, mas contra os edomitas. Se os profetas consideram a derrota um castigo de Deus, a atitude zombeteira de Edom era um exagero.

Obadias é o menor livro do Antigo Testamento. Não se tem grandes dificuldades em estruturá-lo em torno de dois definidos eixos temáticos: a acusação contra os edomitas e esperança para o povo de Deus. Ele afirma a certeza de que Deus não abandonará

o seu povo e que a aliança não pode ser desfeita. Além disso, os povos que participaram da humilhação de Judá também receberão o castigo justo no dia do Senhor.

O conceito de dia do Senhor, já anteriormente levantado, voltou a ser mencionado. Ele dará origem à mensagem apocalíptica, que a partir de Daniel ficará cada vez mais forte. Essa mensagem previu uma intervenção sobrenatural de Deus sobre a terra para restaurar o seu povo, por meio do Messias, e trazer justiça para toda a terra.

Profetas da reconstrução

Passou o exílio, e os babilônios já foram sucedidos no domínio mundial pelos persas. Estes tinham uma política de domínio diferente dos impérios anteriores. Os persas desejavam dar tranqüilidade aos territórios conquistados. Isso fez que Ciro permitisse o retorno de alguns judeus exilados. Ele não os obriga a voltar, mas os judeus agora têm liberdade de ir e vir.

Muita coisa mudou desde os tempos da monarquia unida. Uma ou outra novidade era boa para o povo, mas naquele momento era difícil afirmar o que era ou não salutar para a nação.

Algumas instituições surgiram nesse período e se mostrarão importantes para a manutenção das tradições dos povos. A sinagoga foi uma delas. Como não havia mais templo, os judeus perceberam que Deus poderia ser adorado em qualquer lugar onde estivessem. Não importa onde estivesse o povo, Deus estaria com ele.

Ageu — A reconstrução do templo

O profeta Ageu foi um dos repatriados. Esteve no exílio e voltou por concessão dos persas.

Auxiliado pela leitura profética, o povo encarou o exílio como um castigo pela desobediência. Por causa disso, a idolatria não era

mais um problema e pouco foi mencionada pelos profetas dessa época.

As comunidades agora eram predominantemente urbanas, e não mais agrícolas ou pastoris. Com isso, não só as mensagens passam a ser basicamente cosmopolitas, mas também os problemas, como construções de casas em detrimento da restauração do templo.

A destruição do templo traz outra contribuição teológica para os judeus: a convicção de que Deus não habitava em templos feitos por mãos humanas. Deus é maior que qualquer casa construída para ele. Eles agora sabiam que Deus poderia ser adorado, com ou sem templo, nele ou fora dele. Essa mensagem perderá um pouco da sua força com a reconstrução do templo, mas será retomada por Jesus no diálogo que teve com a mulher samaritana Oo 4:21-24).

O profeta Ageu questiona os valores do povo, que tem até boas intenções, mas não conseguia pôr em prática seus ideais de retorno à aliança. Talvez seja isso que traga mais crise para o profeta. O problema não era o templo em si, já que Deus não precisava dele, mas o que ia no coração do povo, que resultava na construção de suas casas em detrimento daquela que seria a casa de Deus.

Pôr o templo em segundo lugar era pôr o próprio Deus em segundo lugar. Com isso, o pequeno livro aviva a mensagem na mente dos ouvintes de que cada filho de Deus deve fazer o máximo para ele e por ele. Isso era verdadeiramente adoração.

Zacarias — A esperança messiânica

Zacarias era contemporâneo de Ageu. Eles ministraram entre os exilados que voltaram da Babilônia. Mas, ao contrário de Ageu, sua obra se parece muito com o livro de Daniel ou o Apocalipse de João, por causa das figuras e dos enigmas.

Sua temática ainda é a reconstrução do templo, mas a esperança messiânica já aparece com grande intensidade. O consolo para dias duros, a defesa dos justos e a demonstração da vitória divina parecem um bom resumo do livro de Zacarias. No seu livro, o tema da reconstrução do templo aparece com mais profundidade. A ênfase agora é o culto autêntico ao único Deus.

Na porção final do livro, a esperança na vinda de um enviado especial de Deus foi novamente mencionada. Há a promessa de que um dia Deus interviria na história mundial por meio de seu enviado especial, que conduziria todos os povos em adoração a Deus.

Malaquias — O mensageiro

As mensagens contidas no último livro do Antigo Testamento cristão foram pregadas várias décadas após Ageu e Zacarias e antes de Esdras e Neemias. Isso pode ser percebido porque o templo já estava de pé novamente, mas o pessimismo e o ceticismo, combatidos por Esdras e Neemias, ainda imperavam.

O que pode ter levado as pessoas ao ceticismo latente daqueles dias.[7] O povo já estava de volta à terra santa havia quase cem anos, e, apesar das promessas explícitas de restauração de Ageu e Zacarias, ainda continuava pobre e sob domínio estrangeiro. O que mais rondava a sociedade judaica pós-exílica eram privação, amargura e ansiedade.

Malaquias, cujo nome significa "meu mensageiro", é uma resposta para essa dúvida e, ao mesmo tempo, uma chamada à obediência à Lei como condição da restauração. Num contexto de cinismo e ironia religiosa, as pessoas procuravam Deus apenas para barganhar com ele. Se não recebiam dele o que desejavam, tornavam-se céticas e frias. Não procuravam Deus por ele mesmo. O Senhor não era o centro da vida deles, mas as coisas que ele lhes podia oferecer. Em casos como esse, o culto apresentado se

mostrava falso, inautêntico. Culto autêntico era somente aquele onde Deus era o centro. Deus não podia ser comprado com o sacrifício de animais ou com práticas litúrgicas, fossem quais fossem.

Joel — Rejeição às nações estrangeiras

O livro de Joel é difícil de ser localizado historicamente. As informações que o próprio livro fornece não ajudam muito a esse respeito. Nesse caso, as pistas devem ser retiradas do seu conteúdo em relação ao restante das Escrituras. Esse caminho leva à percepção de que ele conhecia as profecias de Isaías, Jeremias, Ezequiel, Obadias, Sofonias e Malaquias. Isso o coloca como um dos últimos profetas do Antigo Testamento.

Os primeiros capítulos de Joel tratam de um acontecimento desastroso de que possivelmente ele fora testemunha ocular: uma grande praga de gafanhotos. Ele usa esse desastre econômico e social para falar do dia do Senhor, que traria, em vez de prejuízo econômico, a justiça sobre toda a terra.

A partir daí, então, sua mensagem se concentra nesse dia grandioso, anunciando a efusão do Espírito de Deus sobre todo o povo. O livro de Joel termina com a declaração do juízo final para as nações e a proteção para o povo de Deus.

Jonas — Conversão dos ninivitas

O livro de Jonas possui uma mensagem mais otimista em relação aos estrangeiros, quando comparado com outros profetas do Antigo Testamento. Diferentemente de todos os outros livros proféticos, Jonas não contém as profecias de um indivíduo, mas narra acontecimentos em torno de um profeta. Fala do profeta em vez de registrar suas mensagens.

O livro narra um trecho da vida do profeta Jonas, que, depois de vocacionado para pregar na cidade de Nínive, fugiu em um navio numa direção oposta. Deus, entretanto, por meio de uma

tempestade e um grande peixe, o trouxe de volta à cidade. Arrependido, o profeta cumpriu sua missão.

No seu sermão, o profeta anuncia o juízo de Deus sobre a cidade por causa de seus pecados e suas maldades. Em resposta a essa mensagem, todas as pessoas da cidade se arrependeram. Até os animais foram vestidos com roupas de arrependimento.

Como conseqüência, Deus não destruiu os ninivitas, provocando a indignação do profeta. O livro termina com a demonstração de que Deus ama todas as pessoas, independentemente de sua origem geográfica. O desejo do autor do livro de Jonas foi falar da misericórdia de Deus, estendida a todas as pessoas, e não apenas aos judeus.

A obra desejou atacar, então, a ideia de salvação restrita. Deus era muito maior que Israel. Seu amor e misericórdia também. A história do profeta Jonas se mostrou uma crítica contra a intolerância e a arrogância religiosa.

QUESTÕES DE REVISÃO

1. Faça um quadro cronológico e tente situar os principais profetas de Israel dentro do contexto no qual eles pregaram sua palavra profética.
2. O que é um profeta? O que defendiam os profetas de Israel e que bandeira eles abraçariam se vivessem nos dias de hoje?
3. Por que alguns textos que tradicionalmente são chamados de livros históricos no Antigo Testamento (Josué, Juizes, 1 Samuel, 2Samuel, IReis e 2Reis) eram considerados livros proféticos para os judeus? É possível falar em visão profética da História?

Capítulo 4

A teologia dos Escritos

Após o Pentateuco, os Primeiros Profetas e os Profetas Posteriores, a Bíblia hebraica apresenta um conjunto literário intitulado "Escritos". Estes, por sua vez, encontram-se divididos em três grupos: os Livros Poéticos, os Cinco Rolos e os Restantes. Não é claro o motivo pelo qual esses livros estão agrupados nessas três categorias. Se é fácil dizer por que Salmos, Provérbios e Jó estão agrupados como poéticos, não é tão fácil entender o motivo pelo qual Cântico dos Cânticos e Eclesiastes não entraram nesse grupo. Essas duas obras também são de natureza poética. Talvez possamos atribuir essa classificação novamente aos estágios de reconhecimento canônico. Isso indicaria que, após os Profetas Posteriores, três obras poéticas alcançaram condição de Escritura sagrada entre os judeus: Salmos, Provérbios e Jó. Numa fase seguinte, cinco outras obras foram incorporadas no mesmo cânon, que fechou com o recebimento de Daniel, Esdras-Neemias e Crônicas.

Livros Poéticos

Ao lado das tradições narrativas e proféticas do povo de Deus, corria há séculos uma tradição cultuai ou sapiencial. A primeira estava em torno do culto. Era constituída de orações e cânticos compostos para a adoração no templo. A segunda estava em torno

dos palácios. Os Salmos nasceram no contexto do culto. Já Provérbios, em torno do palácio.

Desde que se iniciou a monarquia em Israel, seus reis ficaram famosos; o maior deles foi Salomão, pela capacidade de produzir provérbios ou máximas de sabedoria. Esses hinos e ditados populares corriam no meio da população. Talvez já existissem pequenas coleções escritas; muitos estudiosos acreditam que os grandes livros de Salmos, Provérbios e Jó foram redigidos somente na volta do exílio, mas não há consenso quanto a isso; por exemplo, há quem atribua a compilação e edição de Provérbios a pouco depois de 700 a.C.; já o livro de Jó é datado por alguns como da era patriarcal ou do tempo de Salomão.

Salmos — Cânticos diversos

As canções e orações cantadas durante séculos pelos judeus foram colecionadas no livro de Salmos. São salmos de vários tipos: individuais ou coletivos, de confissão, arrependimento, louvor e adoração.

Os salmos eram vistos como uma orientação para a adoração e para o aprendizado do relacionamento com Deus. Por meio deles, o filho de Deus expressa alegria, desapontamento, raiva ou outras emoções. Os salmos serviam ainda para incentivar a reflexão e meditação sobre a obra de Deus feita em favor do seu povo. Eles podem ser classificados em quatro categorias:

- *Louvor* — visavam ao reconhecimento da soberania de Deus, como o salmo 8.
- *Ação de graças* — ensinavam a gratidão a Deus pelas dádivas recebidas. Poderia ser um salmo individual, como o salmo 9, ou coletivo, como o 124.
- *Súplica* — ensinavam a confiança na ajuda de Deus, enviada aos que precisavam dela. No âmbito individual, podemos citar o salmo 10; já no coletivo, o 12.

- *Sapiencíais* — ensinavam a perceber e acatar a vontade de Deus; o salmo 119 é um dos mais conhecidos.

O livro de Salmos é a maior obra do Antigo Testamento. Pode-se entendê-lo como reflexo do culto a Deus, praticado durante o período do templo judaico.

Provérbios — A sabedoria nossa de cada dia

O livro de Provérbios recolhe ditados populares de tempos antiquíssimos. Muitos deles são atribuídos a Salomão, considerado o homem mais sábio da história do povo de Deus.

Os provérbios eram verdades gerais fundamentadas na larga experiência e na observação. Eram princípios gerais que, normalmente, mostravam-se verdadeiros. Consistiam em diretrizes, não em garantias; preceitos, não promessas. Essa obra registrou a sabedoria prática do povo de Deus do Antigo Testamento.

Jó — O porquê do sofrimento

Esse livro recontou uma antiquíssima história de um patriarca chamado Jó, que perdeu tudo o que tinha, incluindo a própria saúde, mas não chegou a blasfemar contra Deus. A narrativa é retomada para discutir e refletir sobre a questão do sofrimento.

Por que pessoas boas sofrem? Apesar de outros autores já terem desenvolvido esse tema antes, nenhum deles o fez como o autor do livro de Jó. Aos que pregavam o sofrimento como conseqüência dos pecados pura e simplesmente, àqueles que imaginam o sofrimento como conseqüência do acaso ou do azar, o livro responde com a lição da soberania de Deus.

O livro começa com a descrição da prosperidade, logo seguida pela decadência de Jó. Ao perder tudo o que tinha, recebe a visita de amigos que dialogam com ele e procuram justificar o seu

sofrimento. Um por um, cada resposta é desqualificada, até que o próprio Deus se manifesta a Jó.

No livro, Deus não deu explicações a Jó. Sua resposta aos questionamentos de Jó simplesmente descrevem o seu poder. Mas isso é suficiente para confortar Jó. Ele não precisava de respostas. Precisava da presença de Deus. Isso era mais que suficiente.

A teologia dos cinco rolos

A seção da Bíblia hebraica denominada de Cinco Rolos possui três tipos de obras. Cântico dos Cânticos e Eclesiastes devem ser entendidos também como obras poéticas e poderiam bem ser discutidos junto com Provérbios. Nasceram e se desenvolveram igualmente em torno do palácio de Israel. Rute e Ester, por outro lado, podem ser lidos como obras narrativas e contam a história de duas mulheres muito fortes. As duas obras têm mulheres como heroínas dos livros que levam seu nome. Já Lamentações precisa ser lido como obra profética, ao lado dos demais textos proféticos da Bíblia hebraica. Tanto é assim que, no arranjo do Antigo Testamento, Lamentações foi inserido logo após o livro do profeta Jeremias.

Cântico dos Cânticos — Uma história de amor

O livro de Cântico dos Cânticos é um hino ao amor entre dois jovens, mas foi recebido pela sociedade judaica como uma descrição do amor de Deus e seu povo. A obra é um poema dividido em oito cânticos amorosos.

Os judeus que liam as canções de amor dos namorados na obra imaginavam-nas como expressões das suas próprias aspirações religiosas. Da mesma forma que um amante procura o outro, o povo desejava a presença de Deus.

Rute — Abertura às nações estrangeiras

Depois que o povo volta do exílio babilônico, os seus vizinhos também fazem parte do Império Persa. São todos colônia dos persas.

Nesse caso, como ficaria a relação entre eles agora? Os profetas anteriores criticaram a aproximação, e Esdras e Neemias criticarão duramente qualquer intimidade entre os judeus e os outros povos.

As relações deveriam ser estritamente comerciais ou políticas, mas não deveria haver intimidade familiar ou religiosa. Comprar ou vender era permitido; casar, não. Os judeus dessa época podem se relacionar comercialmente com os egípcios, persas ou moabitas, mas não com as suas mulheres.

Curiosamente, é nesse contexto que surge a pequena obra de Rute.[1] Para o autor do livro, Deus era muito maior que a pequenina nação de Israel, e não haveria problemas de relacionamento entre as nações, desde que Deus não fosse abandonado.

O livro de Rute, ao narrar a história de uma ancestral do rei Davi, trata das relações entre moabitas e judeus após o retorno do exílio. O livro é uma tentativa de reaproximação. Com ele, seu autor indica que as relações entre as duas nações poderiam ser toleradas, desde que a fé em Deus não sofresse prejuízo. Afinal, logo o rei Davi, o maior rei que Israel já possuiu, tinha como ancestral uma moabita.

Mas a narrativa deixa claro que Rute fez a transição religiosa. Ao deixar sua terra, quer seguir o Deus de sua sogra, o Deus de Israel. O Deus de Noemi agora se torna o Deus de Rute. Ela se torna uma piedosa judia, sem o ser de fato. Com isso, ela acaba ensinando que ser povo de Deus não tem relação com sangue, mas com obediência.

Lamentações — Pranto pela destruição

Apesar de Lamentações estar na seção dos Rolos da Bíblia hebraica, seu contexto histórico é a destruição de Jerusalém pelos

[1]Nem todos os biblistas atribuem a Rute uma data pós-exílica. Há quem situe a obra nos dias do rei Davi, posterior ao ano 1000 a.C.

babilônios. O grande problema dessa época era a autoestima do povo. Eles se sentiam miseráveis, condenados por Deus, sem templo, sem rei, sem nação. Viviam de favor na terra, plantando e colhendo para os babilônios.

Lamentações é um livro que nasceu nesse período. Tempo de dores e de muito choro. É uma coleção de lamentos pela destruição de Jerusalém e do templo. Atribuído a Jeremias, representa mais o choro do povo do que de um indivíduo apenas.

No livro de Lamentações, a nação confessa seus pecados e reconhece seus erros. Mas agora, depois da catástrofe, só resta chorar e clamar por restauração. O livro justapõe um esmagador sentimento de perda pela destruição, lado a lado com uma inabalável admissão de que ela foi merecida, terminando com uma súplica por vingança contra aqueles que trouxeram o castigo.

Eclesiastes — A busca pelo sentido da vida

O livro de Eclesiastes é a expressão desanimada de uma pessoa que procura o sentido da vida. O texto quer dialogar com os incrédulos para mostrar a ilusão das atividades humanas. Como conseqüência de sua busca, ele acaba mostrando a sensação de vazio dos que não seguem o Deus de Israel e as grandes ilusões da vida humana, cuja única razão deve ser encontrada no próprio Deus.

Ester — A sobrevivência fora da pátria

Essa obra surgiu para descrever a força pessoal e comunitária dos judeus longe de sua pátria. Nessa época, eles estão espalhados por todos os cantos. Em várias cidades, existiam colônias de judeus. Algo que se destaca em Ester é que nele os judeus são minoria, vulneráveis, odiados, mas progridem.

Como eles sobreviveriam agora? O livro de Ester indica que a sobrevivência deles viria pelo apoio comum. A união dos judeus

contra todos os seus inimigos iria ajudá-los a sobreviver em terra estranha.

O livro narra a história de uma rainha chamada Ester, que com a ajuda de um parente próximo consegue impedir um grande extermínio de judeus nos domínios do rei Assuero (Xerxes), da Pérsia. Uma das coisas que chama a atenção nessa história é que em nenhum lugar do livro o nome de Deus é mencionado. Mesmo que os judeus sejam discriminados pela sua prática religiosa, ela não é sequer mencionada.

O que significaria isso? Talvez seja uma demonstração de que nessa época as crises do povo não são mais com sua religião, mas com o contexto opressor. Se a infidelidade a Deus os havia mandado para o exílio, era a fé em Deus que os salvaria nele.

A TEOLOGIA DOS RESTANTES

O cânon da Bíblia hebraica fecha com basicamente dois tipos de obras. São bem diferentes, é verdade. De um lado, há Daniel, texto único do gênero até agora; do outro, um conjunto de narrativas que começa com Esdras-Neemias e termina com Crônicas. Essas obras são o que podemos chamar de a conclusão da Escritura hebraica, o fechamento do Antigo Testamento.

Daniel — O visionário

Os judeus que foram para o exílio, ou aqueles que fugiram para o Egito ou outros lugares, adaptaram-se nesses países. Muitos se tornaram banqueiros, comerciantes, fazendeiros ou líderes. Isso fez que, mesmo com a possibilidade de retorno para a terra santa, nem todos quisessem voltar. Apenas uma pequena parte dos exilados retornou para a região, na tentativa de reconstruí-la. A partir daí, os judeus formam uma nação sem limites territoriais. Estão espalhados por todos os cantos.

A figura de Daniel precisa ser entendida nesse contexto. Ele, como Ester, ilustra o papel que os judeus poderiam ter mesmo vivendo em contextos estrangeiros. Pelo menos, é isso que a primeira parte demonstrou com clareza. Daniel 1—6 é um conjunto de narrativas sobre a figura de Daniel, um jovem que foi levado exilado para a Babilônia, mas cresceu a ponto de se tornar um dos líderes políticos do império.

Já Daniel 7—12 se dedica a outro tipo de questão. É a cosmologia que agora é trabalhada nesses capítulos, em que a vitória do povo de Deus no mundo se dará sob a intervenção divina direta em algum momento da história humana. Essa segunda seção de Daniel e o Apocalipse de João no Novo Testamento têm muito em comum. Esses textos utilizaram um estilo literário típico para comunicar suas mensagens. Esse estilo é denominado *apocalíptico.*

Ambas as partes de Daniel, tanto a narrativa quanto a apocalíptica, desejaram fortalecer a paciência e o ânimo dos leitores que sofriam perseguição estrangeira. No campo da apocalíptica, ele é a porta de saída das afirmações escatológicas do Antigo Testamento e, ao mesmo tempo, se levanta como o início de um novo ciclo de esperanças escatológicas.

Em Daniel, a expectativa e a realização do Reino de Deus são de natureza celestial, e não mais terrena. Com essa etapa, a expectativa do Antigo Testamento chegou a um ponto em que a espera do fim se vê descrita em termos apocalípticos, desenvolvida no conceito das duas eras do mundo. O presente é a era atual, negativa e perversa. O Reino de Deus seria a era futura, positiva e redentora.

Esdras-Neemias e Crônicas — A história cronista

Os dois livros de Crônicas, junto com Esdras e Neemias, são produzidos por uma só tradição. Isso significa que mesmo que não seja um único autor, é uma só perspectiva, uma só teologia, uma

só visão. Os estudiosos chamam o fenômeno de *escola teológica.* Algo semelhante já havia acontecido com os livros de Josué a Reis. Pois as obras de lCrônicas, 2Crônicas, Esdras e Neemias são produzidas pela escola cronista.

Essas obras nasceram após as viagens de Esdras e Neemias, o que as coloca como fruto do século IV. Os grandes temas dessa época eram o templo, o culto e a esperança messiânica. Cada um desses assuntos está no núcleo desse conjunto literário.

O que esses livros pretendiam era repensar o valor do templo e da monarquia davídica para a restauração dos judeus. Davi e o templo são os dois principais personagens da história do cronista.

A história cronista encerra a produção literária da Escritura judaica. São suas últimas obras. Cessou-se a produção de livros. Não haverá mais livros considerados como Escritura pelos judeus. O que eles escrevem, a partir de agora, seria considerado útil para leitura, mas não é mais Palavra de Deus.

A ausência de literatura não significou, entretanto, ausência de acontecimentos. Muita coisa aconteceu com o povo de Deus nesse período. Os dias em que Jesus nasceu e viveu refletem os acontecimentos desse período, que forneceu ao contexto do Senhor uma série de conceitos que homens e mulheres do Antigo Testamento desconheciam.

Com exceção de um pequeno período sob os macabeus, o povo continuou oprimido por grandes impérios: após os babilônios, vieram na seqüência os persas, os gregos e os romanos.

Muita literatura que não entrou na Bíblia foi produzida durante esse período. Trata-se da literatura *apócrifa*, como os livros de *Enoque* e *Jubileus.*

Mesmo não sendo coberto pela literatura bíblica, esse período estava sendo conduzido por Deus para preparar o mundo para receber o Salvador. Quando Jesus chegou, tudo estava pronto para recebê-lo. Ele veio realmente na plenitude do tempo.

Se a história cronista é o último livro a ser produzido, ela termina com três pontinhos. As últimas palavras de 2Crônicas narram o edito de Ciro após setenta anos de exílio babilônico. Não parece ser um final para um livro. Na verdade, é uma suspensão. A história continuará a ser contada pelo Novo Testamento. A promessa da formação de um povo especial ainda será cumprida.

Entre os dois Testamentos

Ao fim da leitura do Antigo Testamento, o leitor atento logo percebe uma série de expectativas ainda não cumpridas. Essa sensação de indefinição varria os diversos grupos judaicos dos tempos de Jesus. Para eles, a situação de crise em que viviam só terminaria com a intervenção de Deus, por meio do seu enviado especial, o Messias.

O Reino de Deus era o sonho mais esperado naqueles tempos. O desejo de ver esse Reino estava presente dentro de muita gente, independentemente de idade e de geografia. Afinal, judeus que residiam na diáspora também alimentavam esperança semelhante.

O Reino era o assunto preferido nas conversas pelas esquinas, nas casas e nos comércios. Eles já haviam sofrido muito sob o cativeiro de povos estrangeiros. De cativeiro em cativeiro, a espera pelo Reino de Deus só fazia crescer. Seria um momento em que Deus interviria na História para libertá-los da opressão dos seus adversários. Essa intervenção seria tão profunda e miraculosa que simplesmente dividiria a vida deles em antes e depois da chegada do Reino.

O Reino que eles queriam, entretanto, se revelou bem diferente do Reino proclamado por Jesus. Eles achavam que o Reino poria fim a todo sofrimento e a todo sistema político opressor. Tudo começaria quando o Messias derrubasse os romanos e reinasse em Jerusalém sobre eles e sobre o mundo inteiro. Com esse reinado,

não haveria mais fome, guerra, injustiça, dor, morte, doença ou opressão satânica.

Quando os discípulos de Jesus passaram a pregar que o Messias já havia vindo, é possível que alguns olhassem em volta e se perguntassem: "Que Reino é esse? Nós continuamos debaixo do cativeiro romano, sofrendo, adoecendo e morrendo. Que Reino é esse?".

O Novo Testamento é a resposta da igreja a essa questão. Para seus escritores, Jesus inaugurou o Reino de Deus. Com sua morte e ressurreição, ele reina supremo sobre todo o Universo. Não há nada que escape ao seu governo.

Jesus Cristo é Senhor! Esta é a mensagem de cada uma das 27 obras que compõem a segunda parte das Escrituras cristãs. São as boas-novas do senhorio de Cristo.

Questões de revisão

1. O que promoveu a coleção de hinos e cânticos do povo de Israel num livro que veio a ser conhecido como Salmos?
2. Qual é a relação entre o palácio e o templo na promoção dos salmos e dos provérbios?
3. Aponte pelo menos duas mudanças de perspectiva na teologia do povo encontrada em textos posteriores ao exílio babilônico.

PARTE 2

Teologia do Novo Testamento

Capítulo 5

A formação do Novo Testamento

Nos DIAS DE Jesus, A RELIGIÃO judaica havia se tornado um poderoso instrumento de poder. Foi isso que levou Jesus a criticar tanto os fariseus. Dificilmente um grupo de pessoas ouviu palavras tão duras quanto as encontradas em Mateus 23:13-14:

> Ai de vocês, mestres da lei e fariseus, hipócritas! Vocês fecham o Reino dos céus diante dos homens! Vocês mesmos não entram, nem deixam entrar aqueles que gostariam de fazê-lo. Ai de vocês, mestres da lei e fariseus, hipócritas! Vocês devoram as casas das viúvas e, para disfarçar, fazem longas orações. Por isso serão castigados mais severamente!

O restante da crítica de Jesus está nos versículos 15-33, que terminam com uma pergunta impressionante, se lembrarmos que quem recebia o ataque era um dos grupos religiosos mais respeitados da época: "Serpentes! Raça de víboras! Como vocês escaparão da condenação ao inferno?".

Para eles, o templo era o centro do mundo, principal lugar de adoração a Deus. Jerusalém, que envolvia o templo, era a capital de Deus. Era uma cidade santa. Nela se davam todas as festas religiosas, que atraíam incontáveis judeus de todas as partes do mundo, todos os anos.

A Palestina, por sua vez, era a terra prometida. Pertencia aos adoradores de Deus. O domínio dos romanos era considerado espúrio.

Os samaritanos eram considerados impuros por causa da miscigenação racial. Os galileus também eram encarados da mesma forma. As nações estrangeiras, então, só poderiam ser aceitas por Deus caso se convertessem ao judaísmo. Somente assim, teriam acesso a Deus.

O poder religioso era exercido pelos sacerdotes. Eles eram os responsáveis pelo templo e pelo sistema sacrificial, a espinha dorsal da relação dos judeus com Deus. O líder principal era o sumo sacerdote, que funcionava como uma espécie de governante supremo das questões judaicas. Somente ele poderia entrar no recinto mais sagrado do templo, o Santo dos Santos. Como era o homem que mais perto de Deus chegava, era considerado o mais puro.

Esse esquema de aproximação e afastamento de Deus, pureza e impureza, gerava grandes distorções. Como as pessoas simples da terra não conseguiam cumprir todos os preceitos da Lei, eram tidas como impuras, pecadoras e merecedoras do juízo de Deus. Os pobres, os analfabetos, os coletores de impostos, os doentes, os gentios e as mulheres também eram discriminados por esse esquema de preconceito religioso. Eram pessoas sem salvação.

Nesse esquema, os fariseus ocupavam um importante espaço. Eles eram os mais criteriosos observadores da Lei. Não eram simplesmente exagerados ou excêntricos; eram legalistas, pessoas que imaginavam que alcançariam o favor de Deus se conhecessem e praticassem a Lei.

O texto de Lucas 18:9, segundo a *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*, assim os define: "Jesus também contou esta parábola para os que achavam que eram muito bons e desprezavam os outros". Essa parece ser uma definição bem clara do que era um fariseu. Poderíamos dizer que, se não era a mais numerosa, pelo menos

era a mais famosa denominação religiosa dos conterrâneos de Jesus. Eles se distinguiam da gente comum por causa do excessivo zelo na observância da Lei. Além disso, perseguiam quem pensasse diferente deles e queriam sempre aprimorar a Lei de Deus com suas tradições.

Esses fariseus estavam sempre tentando pegar Jesus em algum tipo de contradição, para desmoralizá-lo. Muitos dos sermões mais duros do Mestre foram dirigidos a eles. Não eram amigos ou discípulos escutando um sermão — eram adversários que tinham os olhos vermelhos de raiva enquanto escutavam.

Os grupos judaicos antigos dividiam as pessoas em três segmentos: de um lado, estavam inseridos os irmãos de dentro do grupo (os fariseus, por exemplo), ao redor do qual situavam-se os outros judeus, como os saduceus, normalmente reconhecidos como iguais, mas aos quais o grupo tratava como se fosse de fora. Por fim, estavam aqueles que realmente eram de fora, os estrangeiros, especialmente os não judeus, reconhecidos como de fora por todos os grupos judaicos.

A forma pela qual esses limites eram mantidos pelos antigos grupos judaicos incluíam comida, vestimenta, comércio, casamento e adoração. Mas uma especial atenção era dada a regulamentos relacionados com comida. Comer, nesse contexto, se tornou uma atividade de definição de identidade religiosa.

O evento Jesus

Jesus foi realmente um homem diferente de todos os seus conterrâneos. Ele viveu de tal maneira que provocou escândalo em quase todos os que se encontravam com ele. Os mais diferentes espaços da sociedade judaica dos seus dias, desde os indigentes até a elite religiosa e política, não souberam como reagir aos seus atos e às suas palavras.

Seus discípulos, sua própria família, junto com seus pais e irmãos, todos se sentiam desconfortáveis e sem ação ao vê-lo em atividade.

Nem mesmo a morte interrompeu esse processo. Depois da Páscoa, seus seguidores, tanto os de origem judaica quanto os de outras raízes, continuaram incomodados com alguns aspectos de sua vida e de seu ensino. A própria história subsequente da igreja foi marcada profundamente pela maneira com que os primeiros seguidores de Jesus se adaptaram ou explicaram as partes constrangedoras da sua vida.

Os primeiros discípulos se sentiam desconfortáveis por causa da forma em que ele morreu. Afinal, apenas os piores criminosos eram condenados à morte de cruz. Como explicar que o Senhor da vida deles tenha sofrido uma morte tão desonrosa? Pode-se imaginar como isso se tornou instrumento de ataque nas mãos dos adversários das igrejas. Isso pode ser ilustrado pelo grafite encontrado na Colina Palatina em Roma, onde se percebe uma imagem de um deus com cabeça de burro, crucificado, a ser venerado por um homem. A inscrição diz, em grego, "ALEXAMENOS SEBETE THEON", isto é, "Alexamenos venera seu deus".

Como reagiríamos hoje, se uma comunidade religiosa nascesse em torno de uma pessoa processada, julgada, condenada e executada? O que acharíamos desse grupo reverenciando o próprio instrumento de martírio do seu fundador? Eles o carregariam nas bolsas e o desenhariam nas paredes de suas casas. Possivelmente, seriam considerados pouco dignos de merecer nossa atenção. Uns sentiriam raiva, mas a grande maioria zombaria de sua estranha expressão de culto e fé.

O surgimento de Jesus num vilarejo sem nenhuma projeção ou passado profético também não ajudou a igreja inicialmente na sua pregação. O Messias anunciado não veio da requintada Jerusalém, mas da desconhecida e insignificante Nazaré. Pode vir

alguma coisa boa de lá? É fácil perceber que a pergunta que apareceu na boca de um dos seus discípulos pode ter sido levantada em muitos outros lugares (Jo 1:46).

O início de seu ministério se deu de uma forma que ninguém esperava, e sua continuação também. Em vez de multidões, Jesus atraiu muitos adversários. Esperava-se que, quando o Messias viesse, ele agregasse em torno de si os judeus, numa marcha contra o exército dos adversários do povo de Deus. Jesus não os agregou. Pelo contrário; sua mensagem os repelia. Um por um, Jesus se chocou com todos eles. Saíram dele ataques sistemáticos a tudo o que eles pregavam, faziam e eram. O alvo era todo o formato que havia adquirido o sistema religioso da sua época.

Contra os fariseus, ele lançou a acusação de arrogarem-se como o verdadeiro Israel. Com suas obras, eles acreditavam que se tornariam a comunidade da salvação. Entretanto, sua piedade os afastava de Deus. Para Jesus, caso alguém quisesse entrar no Reino, deveria passar pela conversão, que consistia basicamente em aprender a ver Deus como Pai e depositar nele toda a confiança. Nesse caso, a autossuficiência farisaica não era um caminho para Deus, e sim para a condenação.

Contra os sacerdotes, na purificação do templo, ele lançou a acusação de abuso do ministério. Eles buscavam lucro por meio do culto em honra a Deus. Ali, dentro das muralhas do templo, Jesus chutou, derrubou e revirou as mesas dos vendedores. Gritou para todos ouvirem que eles haviam transformado aquele lugar numa casa de ladrões e salteadores.

Contra os teólogos da época, os escribas, partiu a acusação de colocar sobre os ombros dos fiéis uma carga que nem eles mesmos conseguiam carregar. Eles pregavam a vontade de Deus, mas não a praticavam. A carga a que Jesus se referia era o peso de uma enorme tradição que se juntou em torno da Escritura hebraica.

Para ele, essa tradição era uma construção humana e deveria ser completamente abandonada.

Foi nesse contexto polêmico que se desenvolveu quase todo o seu ministério. É verdade que havia atrás dele um grupo de seguidores. Ele começou a reuni-los após ser batizado por João Batista. Jesus chegou mesmo a depender das ofertas de seguidores, como algumas mulheres piedosas mencionadas por um dos evangelistas (Lc 8:1-3). Ele ia de casa em casa pregando, ensinando e curando.

Em uma dessas visitas pastorais, ele ouviu falar de um cortejo que queria levá-lo de volta para Nazaré. Sua própria mãe e seus irmãos vieram pedir que ele os acompanhasse. Pode-se suspeitar que eles não sentiam orgulho do mais conhecido habitante do povoado. Ora, nem os próprios nazarenos o queriam como conterrâneo. Isso provocou a angustiada declaração: "Só em sua própria terra e em sua própria casa é que um profeta não tem honra" (Mt 13:57).

O grupo que começou a se formar em torno de Jesus era constituído de gente simples, gente que ninguém convidaria para o casamento da filha, ou para a ceia de ano-novo. Para eles, Jesus apresentou a grande novidade de sua mensagem: Deus ofereceu a salvação aos miseráveis. Ao ouvirem tão bela notícia, eles não apenas sorriam, mas se tornavam seus seguidores. Gente substancialmente constituída de difamados, ignorantes, iletrados, aqueles aos quais não eram oferecidas oportunidades de salvação nos outros círculos religiosos. Eles eram muito ignorantes para atender às expectativas religiosas judaicas, ou então tinham comportamentos fora dos padrões aceitáveis da época.

Jesus anunciou sua mensagem para estes. Mais ainda, procurou ter comunhão com eles. Jesus lhes oferecia sua paz. Ele comia com eles, ia às suas festas, aos seus velórios e casamentos. Cuidava deles em suas desgraças, oferecia-lhes a mensagem de salvação.

Isso era ofensivo para os sentimentos religiosos dos seus conterrâneos. Como Deus poderia oferecer seu amor justamente aos perdidos? Jesus responde que não são os sãos que precisam de médico (Lc 5:31), mas sim os doentes.

Mesmo depois de ouvir tudo isso de Jesus, seus discípulos ainda não tinham compreendido bem o tipo de Reino de Deus que ele anunciava. Depois de três anos de pregação e ensino, enquanto se dirigiam a Jerusalém para aquela que seria a semana da morte de Jesus, eles ainda discutiam quem teria a sorte de se sentar à sua direita ou esquerda no Reino que estava para chegar. Essa narrativa do evangelho de Mateus é emblemática para expressar as dúvidas que permeavam o grupo de Jesus um pouco antes de sua morte:

> Então, aproximou-se de Jesus a mãe dos filhos de Zebedeu com seus filhos e, prostrando-se, fez-lhe um pedido. "O que você quer?", perguntou ele. Ela respondeu: "Declara que no teu Reino estes meus dois filhos se assentarão um à tua direita e o outro à tua esquerda". Disse-lhes Jesus: "Vocês não sabem o que estão pedindo. Podem vocês beber o cálice que eu vou beber?" "Podemos", responderam eles. Jesus lhes disse: "Certamente vocês beberão do meu cálice; mas o assentar-se à minha direita ou à minha esquerda não cabe a mim conceder. Esses lugares pertencem àqueles para quem foram preparados por meu Pai". Quando os outros dez ouviram isso, ficaram indignados com os dois irmãos. Jesus os chamou e disse: "Vocês sabem que os governantes das nações as dominam, e as pessoas importantes exercem poder sobre elas. Não será assim entre vocês. Ao contrário, quem quiser tornar-se importante entre vocês deverá ser servo, e quem quiser ser o primeiro deverá ser escravo; como o Filho do homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos".
>
> Mateus 20:20-28

No momento de sua prisão, todos os discípulos fugiram. Quanto a isso, o texto de Mateus não deixa dúvida. Após relatar a prisão, ele conclui: "'Mas tudo isso aconteceu para que se cumprissem as Escrituras dos profetas'. Então todos os discípulos o abandonaram e fugiram" (Mt 26:56).

Além do ato explícito de fuga, alguns protagonizaram cenas tristes de negação. Pedro, ao tentar assistir ao julgamento de Jesus, negou por três vezes que fosse um dos seus discípulos (Mt 26:69-75), mesmo após ter exclamado que ainda que fosse necessário morrer com o seu Mestre, de modo nenhum o negaria (Mt 26:35).

Outro discípulo, Tomé, após a ressurreição, se recusa a crer, apesar do testemunho insistente dos seus companheiros. Segundo o evangelho de João, diante dos apelos dos demais discípulos, ele respondeu: "Se eu não vir o sinal dos cravos nas suãs mãos, e não meter a mão do seu lado, de maneira nenhuma crerei" (Jo 20:25).

De certa forma, assim, pode-se compreender que Judas não se enganou sozinho sobre a figura de Jesus. Os outros também se enganaram. A diferença básica entre ele e os demais, entretanto, está no caminho de volta que os discípulos fizeram: da incredulidade e do medo para a fé e a coragem.

É isso que faz que, de forma surpreendente, apesar de os discípulos terem fugido um a um no momento de sua morte, pouco depois eles começaram a se reunir. E com isso nasceu a igreja de Jesus Cristo.

Inspirado na mensagem do seu Mestre, a principal característica desse povo é que ele é sem fronteira. Ele se expande. Mesmo que em vida Jesus não tenha desenvolvido seu ministério fora dos limites da Palestina, seus discípulos começaram a se espalhar. Não era uma tarefa fácil. Afinal, como pregar para outras pessoas a figura de um Messias crucificado? Para isso, havia outro elemento

poderoso na mensagem da jovem igreja. A notícia da ressurreição. Depois da Paixão (sofrimento e morte), veio a Páscoa. A história não terminou na cruz, mas no sepulcro vazio. Jesus não estava mais morto. Estava com Deus no céu.

O túmulo vazio trouxe duas perspectivas para a jovem comunidade de discípulos. Primeiramente, se Jesus ressuscitou, ele era realmente o Messias de Deus. Segundo, como ele ressuscitou, sua presença ainda era real no ajuntamento dos fiéis. Quando eles se reuniam, Jesus estava no meio deles.

A MENSAGEM DAS IGREJAS

A forma mais primitiva da mensagem das igrejas do Novo Testamento pode ser encontrada em Atos dos Apóstolos (2:22-24, 32-34,36,38). Era o anúncio da boa-nova da salvação. Essa era a mensagem que as primeiras igrejas pregavam. Elas proclamavam que Jesus poderia salvar as pessoas dos seus pecados, em razão de sua morte na cruz.

Essa era uma mensagem pascal, ou seja, a principal ênfase estava na morte e na ressurreição. Pouca coisa sobre a vida de Jesus anterior à ressurreição interessava às pessoas no momento em que seus discípulos se transformaram de fugitivos medrosos em destemidos pregadores. A ressurreição era evidência de que Jesus era realmente o Messias. Ela era a prova para os discípulos de que ele era realmente o Ungido de Deus (Messias) que esperavam.

Com essa mensagem, a igreja das origens não estava muito preocupada com o passado, mas com a presença de Jesus no meio dela por meio do seu Espírito. Ele estava sempre presente com os seus, por meio da fé.

Nesse período, não havia livros contando a história de Jesus. Tudo se dava na pregação, nos discursos e nos testemunhos dos cristãos. Essa é a fase da tradição oral. Só num período

bem posterior é que os primeiros documentos apareceram para registrar porções dessa tradição não literária. Abaixo, procuramos esquematizar de maneira sintética os estágios entre Jesus e os livros que falavam dele.

- Jesus, com seus ditos e feitos, gerou uma tradição em torno de si. Entre os anos 27 e 30, ele percorreu a Galileia anunciando a mensagem de boa-nova aguardada pelos judeus. As grandes marcas dessa mensagem eram: Jesus se apresentou como o Filho do homem, chamava Deus de Pai e reivindicava para seus discípulos a condição de filhos de Deus.
- Jesus formou seus discípulos e os treinou para que preservassem e transmitissem essa tradição. Para isso, seus discípulos usavam as mesmas técnicas de memorização dos rabinos da época: títulos, palavras-chave, fórmulas concisas, repetições em voz alta etc.
- A ressurreição foi o evento que mostrou aos discípulos o verdadeiro sentido das palavras e ações de Jesus. A Páscoa funciona como óculos para determinar a dimensão exata do evento Jesus. As mesmas pessoas que conviveram com ele passaram a crer na sua vitória sobre a morte. Isso mudou radicalmente a vida delas e o desdobrar da comunidade de discípulos de Jesus. Se num momento se escondiam nas casas com medo dos soldados e dos líderes judaicos, algumas semanas depois não tinham receio de entrar no templo e pregar para seus opositores que eles haviam matado o enviado de Deus: "Vocês negaram publicamente o Santo e Justo e pediram que lhes fosse libertado um assassino. Vocês mataram o autor da vida, mas Deus o ressuscitou dos mortos. E nós somos testemunhas disso" (At 3:14-15).
- Os discípulos, principalmente os apóstolos, começaram a pregar os ensinamentos e atos de Jesus, sempre com o fim de atender às necessidades de cada grupo de seguidores aos quais

falavam. As comunidades, em torno dos apóstolos, começaram a pregar sobre a vida de Jesus com uma mensagem que girava em torno de sua ressurreição. Esse era o conteúdo de suas mensagens, a mensagem corriqueira de suas pregações. Não tinham muita preocupação em narrar detalhes sobre a vida de Jesus anteriores à sua morte. Um resumo dessa pregação inicial pode ser encontrado nas palavras de Paulo em lCoríntios 15:3-4: "Pois o que primeiramente lhes transmiti foi o que recebi: que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, foi sepultado e ressuscitou no terceiro dia, segundo as Escrituras". Essa é a fase da produção das primeiras obras do Novo Testamento, precisamente as obras do apóstolo Paulo.

A teologia paulina

A dificuldade de ler o Novo Testamento na ordem em que foi escrito é a proximidade entre as obras. Os 27 livros foram escritos em poucas décadas, sendo possível que até o final do século I todos eles já veiculassem no meio das igrejas.

Apesar de o Novo Testamento ter como obra de abertura o evangelho de Mateus, seguido imediatamente pelos demais evangelhos, não foram essas obras as primeiras a ser escritas pelos seguidores de Jesus. O primeiro autor do Novo Testamento é o apóstolo Paulo, que escreveu várias de suas cartas antes que qualquer um dos evangelhos tivesse nascido.

Exatamente por isso, começamos nosso estudo da teologia do Novo Testamento com a tradição que Paulo deixou, e não necessariamente pela história de Jesus, narrada nos Evangelhos.

Paulo de Tarso

O mundo nunca mais foi o mesmo depois que um homem nascido na distante cidade de Tarso passou por ele. Era Saulo, mais bem conhecido como apóstolo Paulo.

Apesar de dificilmente podermos descobrir como ele era fisicamente, sua mensagem pode ser encontrada facilmente em várias cartas que ele escreveu durante seu ministério missionário. Essas cartas, junto com Atos dos Apóstolos, deixaram para as gerações seguintes muito do que ele sentia, ensinava e fazia. As cartas procedentes de sua pessoa, preservadas no Novo Testamento, fornecem um testemunho da paixão de suas convicções e do poder de sua argumentação.

Sua entrada na história cristã foi trágica, já que esteve envolvido de alguma forma na morte de Estevão, o primeiro mártir cristão. Mas logo depois, durante uma viagem para Damasco, ele passou por uma experiência de conversão. Ele se encontrou com Jesus, e o curso de sua vida mudou. De perseguidor, transformou-se em perseguido. Aquele que odiava o evangelho de Cristo, agora dava a vida por ele.

Seu ministério posterior desenvolveu-se através de grandes viagens missionárias. Ao visitar as cidades, ele plantava ali pequenas comunidades de discípulos. Não ficava muito tempo em cada lugar. Ele preferia pastorear as igrejas por meio de cartas. Foi assim que ele deixou seu legado. Durante um curto espaço de tempo, muitas cartas foram escritas, sempre para resolver problemas que as igrejas estavam enfrentando, ou para prevenir situações que Paulo acreditava estar por acontecer. Nesse caso, as cartas acabaram refletindo a situação de cada uma das igrejas, bem como do estado de espírito de Paulo em cada situação.

Esses documentos ocasionais e circunstanciais, escritos diretamente para uma comunidade ou para um indivíduo, logo cedo começaram a se espalhar por outras igrejas. O próprio Paulo pedia que uma carta fosse lida também em outra igreja (Cl 4:16). Elas começaram a se multiplicar, espalhando-se por todos os lugares onde algum seguidor de Jesus poderia estar.

Após a morte do apóstolo, suas cartas continuaram a ser lidas. Os cristãos sentiam que Deus continuava lhes falando por intermédio das obras de Paulo, como lhes falou através de sua boca quando ele estava vivo. As cartas ganharam autoridade, e já no início do século II elas eram lidas junto com os evangelhos, debaixo da mesma atenção que as igrejas davam ao Antigo Testamento.

Não eram apenas cartas, mas o próprio apóstolo Paulo que falava através delas. E, quando Paulo falava, Deus falava por meio dele. Dessa forma, as cartas de Paulo se tornam Palavra de Deus e Escritura Sagrada. As cartas paulinas possuem duas naturezas, uma divina e outra humana. Sendo humanas, podem ser estudadas e compreendidas. Sendo divinas, são alimento espiritual para os filhos e filhas de Deus de todos os tempos. Como humanas, têm a cara de Paulo e de suas igrejas. Como divinas, exalam o perfume de Cristo.

Quando o fim é a principal preocupação

O método que vamos usar para definir a teologia de Paulo é discutir suas cartas na provável ordem em que foram escritas. Com isso, nos moveremos junto com o próprio Paulo. Afinal, suas cartas refletem suas preocupações com a obra de Cristo na terra. Ao lê-las assim, perceberemos que as ênfases de cada carta mudaram à medida que os anos foram avançando.

A principal preocupação de Paulo no início de seu ministério estava em torno da volta de Cristo, ou do fim do mundo. Possivelmente, sua pregação nessa época destacava que Jesus havia voltado para o Pai e que muito em breve retornaria. Essa mensagem não mudará substancialmente, mas nesse momento ela ocupa o centro das preocupações do apóstolo e da recém-plantada igreja de Tessalônica.

1 Tessalonicenses

A situação que envolve a produção da primeira carta de Paulo, durante sua segunda viagem missionária, pode ser encontrada na própria carta. Nela encontramos que Paulo havia saído de Tessalônica havia poucos dias por causa da perseguição de alguns judeus.

Segundo Atos 17: lss, Paulo teria passado em Tessalônica acompanhado de Silas e Timóteo. O mesmo texto de Atos revela que a estratégia paulina na cidade foi pregar inicialmente na sinagoga, para, em seguida, forçado pela resistência dos judeus, se dirigir aos gentios (lTs 2:2,16).

O resultado parece ter sido a criação de uma igreja formada por alguns judeus, somada a "gregos tementes a Deus" e "mulheres de alta posição" (At 17:4).

A perseguição judaica intensificou-se de tal forma que Paulo foi obrigado a sair da cidade antes mesmo de terminar a edificação da nova igreja. Pelo menos, é o que se depreende de suas palavras de ansiedade (lTs 2:17-18; 3:1-2).

Parece, então, que por Paulo ter tentado voltar e não ter conseguido (lTs 2:17), enviou Timóteo para ver como estava a nova comunidade cristã (lTs 3:2-5). Timóteo voltou mais tarde com boas notícias, mas também com algumas dúvidas ou questões doutrinárias que corriam entre os novos cristãos. Essas dúvidas tinham relação com a volta de Jesus, possivelmente o tema dominante da mensagem de Paulo nesse início de ministério.

Paulo deve ter se concentrado em Tessalônica na pregação do julgamento iminente, o que provocou angústia nos tessalonicenses por causa dos irmãos que morriam (lTs 4:13ss). Eles acreditavam que alguns ainda estariam vivos quando Cristo voltasse nas nuvens (lTs 4:17).

Por que Paulo estava tão ansioso para voltar ao lugar que havia acabado de deixar? Porque acreditava que os recém-convertidos

ainda não estavam prontos para ficar sozinhos. O discipulado ainda não se completara.

Com sua preocupação, Paulo demonstrou que o trabalho com o novo seguidor de Jesus é longo e exige dedicação. Paulo demonstrou que a missão cristã só estaria completa quando o novo convertido estivesse pronto para suportar qualquer perseguição e apto para retransmitir sua fé. Pelo menos, era isso que ele desejava que acontecesse na igreja dos tessalonicenses.

O pavor de Paulo era a possibilidade de a nova igreja desanimar. Depois de várias tentativas frustadas de voltar, só se acalmou quando Timóteo, seu filho na fé, fruto de discipulado, informou que eles estavam bem. Sua estratégia consistiu, então, em enviar uma carta para reforçar alguns ensinos que precisavam ser completados.

Paulo demonstra que a Grande Comissão, quando malfeita, poderia gerar grandes prejuízos para a Igreja. Os discípulos que dela nasceriam seriam imaturos, bebês espirituais que não cresceriam, e que acabariam por originar igrejas também imaturas.

A segunda ênfase da carta deve ser encontrada na mensagem da volta de Jesus. Nessa carta, a volta de Jesus é mencionada diversas vezes (1:10; 3:13; 4:13ss). Ela é descrita por Paulo geralmente acompanhada de seres angelicais, os anjos ou arcanjos. A volta de Jesus será grandiosa e gloriosa: "Pois, dada a ordem, com a voz do arcanjo e o ressoar da trombeta de Deus, o próprio Senhor descerá dos céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro" (lTs 4:16).

Para falar da volta de Jesus, Paulo lembra à igreja o centro do evangelho pregado entre ela: Jesus morreu e ressuscitou. É a ressurreição de Jesus que devia ser a fonte de esperança dos cristãos. Tanto os vivos quanto os mortos serão levados para estar eternamente com Jesus. Isso implica que os mortos deverão ressuscitar.

Os mortos serão ressuscitados, e os vivos serão arrebatados até os ares, para o encontro com o Senhor. A essência do futuro nesse momento é estar com Cristo. Por isso, ele não chega a descrever o lugar para onde os cristãos irão, ou onde ele ficará.

Com o intuito de consolar suas ovelhas, Paulo resumiu o fim como "estar onde Cristo estiver". É tudo o que eles precisam saber e crer. Em razão disso, ele conclui a exortação com um alerta para a vigilância.

Com isso, ele denuncia o propósito de sua mensagem sobre o fim. A preocupação não é fornecer a data do fim ou descrever como o fim se dará. Antes, é produzir fé na inauguração do Reino de Deus, a esperança numa consumação futura da salvação, e, gerada por essas duas, uma vida cristã de boas obras. A fé na presença da salvação e a esperança de sua consumação devem gerar ações concretas no dia a dia. A mensagem sobre o fim, nesse caso, tem uma função essencialmente impulsionadora para a vida da igreja.

2Tessalonicenses

A segunda carta de Paulo aos Tessalonicenses não revela muitos indícios históricos, mas como os temas são os mesmos da carta anterior, o contexto histórico pode ser o mesmo.

Talvez essa segunda carta tenha sido produzida também durante a estada de Paulo em Corinto. Ele parece ter percebido que os problemas que tentou resolver com a primeira carta não foram completamente solucionados. E, para piorar, algumas de suas palavras na primeira carta foram mal entendidas. Isso o leva a escrever 2Tessalonicenses cerca de um ano depois de escrever a primeira carta.

A escatologia volta a estar no centro da mensagem, mas a perspectiva é diferente. A volta iminente de Jesus (lTs 4:13ss) é colocada em um momento distante (2Ts 2:3). Antes desse acontecimento glorioso, vários eventos devem ainda acontecer, como a apostasia e o surgimento do homem do pecado (2Ts 2:3ss).

Alguns cristãos, ao imaginarem que Jesus voltaria dentro de pouco tempo, simplesmente venderam seus bens e pararam de trabalhar. Passaram a viver à custa da igreja, que não tinha condições de sustentar todos os seus membros. Isso o leva a decretar: "Se alguém não quiser trabalhar, também não coma" (2Ts 3:10).

Essa mensagem resgata o equilíbrio da mensagem sobre a volta de Jesus. Precisamos lembrar que esse evento fantástico tanto será iminente quanto imprevisível. Jesus, antes mesmo de voltar para o céu, já anunciou que voltaria outra vez. Sua segunda vinda seria em poder e glória, bem diferente da sua primeira vinda. Ela acontecerá quando menos se esperar. Esse clima de alerta é benéfico para os seus discípulos. É por causa dele que vivemos uma vida de vigilância. Nossos pensamentos, ações, desejos e valores devem ser condicionados pela certeza da realização iminente da promessa de Jesus.

Quando a igreja é a principal preocupação

Foi da cidade de Corinto que Paulo escreveu suas duas cartas aos tessalonicenses. Nelas sua preocupação estava em torno do fim. Enquanto escrevia para aqueles cristãos, ele pregava em Corinto e plantava aquela que seria a igreja mais complicada do seu ministério. Algum tempo depois, a questão do fim do mundo não será mais a maior preocupação. Ela se deslocou para uma série de questões que envolviam a vida das igrejas. A grande preocupação de Paulo nessa nova fase é a questão da igreja e sua existência no mundo. A igreja passou a enfrentar uma série de problemas provocados por seus próprios membros.

I Coríntios

A igreja de Corinto foi fundada pelo próprio Paulo (At 18: lss). Seus membros eram, na maior parte, provenientes das religiões

gregas ou romanas. Ela recebeu alguns judeus, passando a ser constituída, então, de uma maioria gentílica e de uma minoria judaica (ICo 12:2; 7:18).

Esses discípulos deram considerável trabalho ao apóstolo, que precisou ir várias vezes à cidade para resolver problemas, enviar representantes com recados e escrever muitas cartas. Dessas, há fragmentos de pelo menos três cartas no Novo Testamento. Talvez Paulo tenha escrito para os irmãos de Corinto muito mais do que duas cartas. Dessas, a maioria se perdeu.

Aquela que chamamos de ICoríntios foi escrita de Éfeso, para tratar de uma série de questões levantadas pelos próprios membros da igreja de Corinto, como o casamento, a ceia, a disciplina, a volta de Jesus e outros.

Aquela que denominamos de 2Coríntios, mais pessoal e apologética, foi escrita no mesmo ano, um pouco depois da primeira carta. Por trás de parte das questões dos cristãos de Corinto, existia uma crise sobre a idolatria. Como muitos membros da comunidade eram recém-convertidos, haviam deixado o ambiente idólatra não fazia muito tempo. Isso trazia implicações à sua relação com a sociedade, com as outras pessoas dentro da igreja e com a prática do pecado.

Uma das mais agudas conseqüências apareceu na questão da carne dos mercados. Poderia o seguidor de Jesus comer carne comprada nos mercados públicos, ou deveria evitar esse tipo de alimento? Quando se trazia alguma oferenda a uma divindade, as partes não comestíveis eram queimadas no fogo, junto com outras porções do animal, uma parte era consumida num banquete ritual em homenagem à divindade, e o restante era vendido no mercado público. Talvez fosse essa a principal fonte de carne para os açougues da época.

Paulo atacou o problema diretamente. Para ele, como só há um Deus, os ídolos não tinham existência real. Não estão vivos.

O argumento final do apóstolo é que o problema não está realmente em comer comida sacrificada a ídolo, mas na consciência do irmão mais fraco, que ainda vê o ídolo como alguma coisa, o que provocaria o escândalo.

Entretanto, apesar da absoluta inexistência das divindades representadas pelos ídolos, estes não são completamente inofensivos. Paulo apontou que por trás de cada ídolo existiam seres demoníacos (ICo 10:20-21). Paulo entendia que eram realmente os demônios quem recebiam o culto prestado aos ídolos. Nesse caso, a idolatria não era uma atividade neutra.

2Coríntios

A cidade de Corinto foi fundada cerca de 44 anos antes de Cristo e cresceu enormemente graças ao grande afluxo de estrangeiros. A cidade ficava perto de vários portos importantes. Grande quantidade de mercadorias e pessoas passava por ela. Sua população, na época de Paulo, ultrapassava quinhentos mil habitantes.

Exatamente por isso, logo se tornou uma cidade tolerante, com toda sorte de culturas, costumes e religiões. Um cenário ideal para o florescimento de imoralidades e perversões. O resultado é que bem cedo sua fama de imoralidade espalhou-se, a ponto de a expressão "corintianizado" tornar-se sinônimo de "imoral".

A principal religião era a adoração de Afrodite, uma deusa da fertilidade. Num dos lugares centrais da cidade, foi construído um templo que recebia inúmeros adoradores, todos querendo cultuar com uma das muitas sacerdotisas cultuais, numa cerimônia que girava em torno de atividades sexuais.

Essa carta tem duas ênfases básicas. Uma delas é a defesa que Paulo faz do seu ministério. A outra está relacionada com a natureza da obra de Deus. Numa das passagens mais belas da carta, Paulo afirma que teme o Senhor e persuade os homens, porque é cabalmente conhecido por Deus. Não havia um só espaço do seu

corpo, da sua cabeça ou do seu coração que não fosse conhecido por Deus (2Co 5:11-21).

Antes de trabalhar com o tema da obra de Deus, entretanto, Paulo gasta vários capítulos para defender o seu ministério. Aparentemente, existiam pessoas na igreja que questionavam sua autoridade. Menosprezavam sua mensagem, sua oratória, sua origem e sua vocação.

Para esses, Paulo apresenta a perspectiva de Deus. Os caminhos de Deus raramente são os nossos caminhos. Exatamente por isso, quem resolve segui-lo é tido como louco e ignorante. Afinal, os valores são completamente invertidos. O que é divertido para o mundo não o é para Deus; o que é forte para o mundo não o é para Deus; o que é belo para o mundo não o é para Deus; o que é permanente para o mundo não o é para Deus; o que é importante para o mundo não o é para Deus.

Quando o evangelho é a principal preocupação

Depois das cartas aos coríntios, precisamos avançar um pouco mais no ministério do apóstolo Paulo, desta vez para as seguintes cartas: Gálatas e Romanos. As questões em torno da igreja deixam de ser o centro da atenção do apóstolo. Agora o problema é mais grave ainda. O próprio evangelho estava sendo distorcido e colocado em perigo por um grupo de irmãos de origem judaica.

Gálatas

Essa carta foi escrita durante a terceira e última viagem missionária de Paulo. Ele está novamente na cidade de Corinto. Nessa cidade, ele recebe notícias desagradáveis da situação das igrejas da Galácia.

Paulo foi o fundador das igrejas da Galácia, mas não é fácil descobrir em que momento específico isso aconteceu. Isso não impede, entretanto, de ver com clareza o contexto de polêmica por

trás da obra. Uma intensa crise estava acontecendo entre Paulo e alguns líderes de Jerusalém.

Esses missionários, de origem judaica, eram seguidores de Jesus, oriundos da igreja de Jerusalém. Eles iam atrás das recém-fundadas igrejas de Paulo, após a saída do apóstolo, procurando diminuir sua autoridade e instituir práticas judaicas. A crise do apóstolo com eles faz que sejam chamados de "falsos irmãos".

A carta é uma das mais passionais do conjunto de obras de Paulo. O texto é de pouco ensino e muita polêmica. Uma boa parte da carta é gasta para convencer os leitores da autenticidade do evangelho pregado por Paulo entre eles.

O que espantava Paulo ao escrever Gálatas era o conhecimento de que seus leitores estavam querendo fazer o caminho da liberdade debaixo do senhorio de Deus para a escravidão debaixo dos rudimentos do mundo.

Apesar de Deus ser forte e rico, em contraste com os rudimentos — fracos e pobres —, os irmãos da igreja da Galácia desejavam retornar ao domínio anterior. Os rudimentos do mundo não tinham autoridade para buscá-los das mãos de Deus, mas eles, se o desejassem, poderiam trilhar o caminho de volta para a escravidão.

Com isso, Paulo demonstra que todo legalismo religioso, quer judaico quer gentílico, é uma arma de prisão e opressão para as pessoas. Prisão essa que é destruída quando homens e mulheres morrem com Cristo pela justificação. É isso que levou Paulo a imaginar o próprio judaísmo como idolatria.

Romanos

Escrita de Corinto por Paulo, quando fazia planos para entregar uma coleta em Jerusalém, e logo partir para Roma, a carta tem muito mais de tratado teológico que de carta comum. Paulo não conhecia a igreja pessoalmente e não faz menção de quem

a fundou. É provável que a igreja de Roma tenha sido fundada por judeus que se converteram pelo sermão de Pedro, durante o Pentecoste. Judeus de todas as partes do mundo estavam em Jerusalém naquela oportunidade. Esses convertidos, ao voltarem para suas cidades, possivelmente deram origem a igrejas locais.

O plano de Paulo era, ao terminar de escrever a carta, ir a Jerusalém entregar uma oferta levantada pelas igrejas em torno do Mediterrâneo. Como ele não sabia se seria bem recebido, pede orações pela sua viagem. Após esse último compromisso, começaria sua viagem para Roma.

Paulo realmente foi para Roma, apesar de não ser na situação em que gostaria de ter ido. Ao chegar em Jerusalém, foi preso e enviado como prisioneiro, numa viagem em direção à capital do Império Romano.

Alguns anos depois de essa epístola ter sido lida pelos irmãos de Roma, Paulo finalmente chegou ali. Preso, é verdade, mas livre para pregar e influenciar a cidade com o evangelho de Cristo. O futuro mostraria que sua mensagem dominaria não só a cidade, mas todo o Império Romano.

E que teologia pode ser levantada da carta aos Romanos? Toda a humanidade está perdida diante de Deus. A situação de perdição de todas as pessoas, homens e mulheres, crianças e velhos, é completa e irrestrita. Todos estão condenados por Deus por terem dentro de si os germes da corrupção, da rebelião e do pecado. Como não há nada de bom dentro do ser humano, ele precisa de Deus desesperadamente.

O plano de Deus para salvar as pessoas da situação de perdição envolveu o sacrifício de Jesus. Se o ser humano não podia tornar-se justo, Deus precisou operar essa justificação. Três verdades claras são ditas sobre a justificação: é de graça, pela fé em Cristo e suficiente para todos.

Mesmo após a salvação, o pecado continua uma possibilidade para o ser humano. Em outras palavras, continuamos pecadores. O velho homem morreu, mas a natureza pecaminosa ainda vive. Conviveremos com essa companhia desagradável até o momento em que formos morar com Deus. Morrer para o pecado não significa ser insensível a ele, como se ele não mais nos afetasse. Morremos para o pecado porque Cristo já pagou a nossa pena. Não devemos mais nada. Estamos livres.

A religião ou qualquer religiosidade não pode salvar. Não podemos confiar no fato de sermos membros de uma igreja, para a nossa salvação. Cada indivíduo prestará conta de si mesmo a Deus. Nossos pais podem nos abençoar com as verdades sobre a salvação de Deus, mas cada um deve recebê-la individualmente.

Ler Romanos deveria provocar gratidão pela salvação de Deus. Esse sentimento estaria no coração daqueles que já foram salvos. Afinal, não têm mais sobre si nenhuma condenação, seus pecados estão perdoados, são considerado justos por Deus. Têm paz e vivem esperando o momento de morar no céu. Todas essas coisas foram dadas de graça por Deus, sem nenhum merecimento. Todos os dias de uma pessoa regenerada precisam ser consagrados a Deus em gratidão por tudo o que recebeu de presente do Pai celestial.

Quando a prisão é uma realidade

Depois de ter escrito Romanos, Paulo se dirigiu a Jerusalém. Ali ele foi preso por soldados romanos, na tentativa de impedir que ele fosse linchado pelos enfurecidos judeus, que acreditavam que ele havia profanado o templo de Jerusalém. Mesmo diante dos insistentes apelos de Paulo por inocência, ele ficou preso por um longo tempo. Por último, ele usou o recurso da apelação para o tribunal em Roma, a que tinha direito por ser cidadão romano.

Durante esse período, ele ficou preso em Cesareia, aguardando o momento da viagem. Quando chegou a Roma, ficou numa prisão domiciliar, esperando o dia do seu julgamento. Foi durante esse período doloroso de sua vida que ele produziu as cartas da prisão. Seu amor pelas igrejas e pela obra missionária fazia que ele não medisse esforços para pregar. Como não podia fazê-lo pessoalmente, fazia-o por meio de suas cartas da prisão: Filipenses, Colossenses, Filemom e Efésios.

Filipenses

A igreja de Filipos foi a primeira a ser fundada por Paulo, na sua segunda viagem missionária. O relato da fundação pode ser encontrado em Atos 16. Foi uma igreja plantada sob grande perseguição, o que acabou norteando o conteúdo dessa pequena carta, escrita para tranqüilizar os leitores.

Essa carta não foi motivada por qualquer crise séria na igreja de Filipos, mas pelo desejo do missionário de transmitir informes sobre sua prisão.

De vez em quando, nos perguntamos por que a sociedade oprime tanto os filhos de Deus. Paulo escreveu aos filipenses que o santo é perseguido porque sua cidadania está no céu. Em outras palavras, ele não é mais deste mundo. Agora, ele é cidadão do céu, de outro reino. Somos, na terra, imigrantes, já que a nossa pátria está em outro lugar.

Se observarmos a descrição que a carta faz dos habitantes da terra, isso explica os desejos diferentes, os alvos trocados, os caminhos opostos. O filho de Deus vive para agradar a Deus. O restante das pessoas vive para agradar a seus próprios interesses.

As pessoas sem Cristo são egoístas, só pensam em si e em suas vontades. Seu deus é o ego. O filho de Deus não é assim, e isso cria nele uma grande angústia. Percebe-se só e solitário. Não firma raízes, não tem preocupações exageradas com o que é

terreno e provisório. Não ajunta tesouros nesta vida, pois deseja os bens de cima.

O filho de Deus enfrenta no mundo dificuldades, prisões, crises, doenças, perseguições, angústias, dores e morte. A situação é um grande paradoxo, já que Cristo nos prometeu a sua presença, a sua paz e a sua vida. Como explicar a diferença entre as promessas e a realidade? A melhor forma de entender é apontar para a situação transitória do mundo atualmente. Vivemos entre a primeira e a segunda vindas de Cristo. Isso faz que estejamos bem entre a inauguração do Reino, realizada por Cristo na cruz, e a sua consumação, a ser concluída por Cristo quando voltar em glória com seus anjos.

Entre esses dois momentos, sofremos as dores de um mundo velho, já antecipando as bênçãos de um novo mundo. É uma espécie de já e ainda não. Já temos a vida prometida por Cristo, mas ainda morremos. Já temos sua esplendorosa paz, mas ainda somos invadidos pela angústia. Já temos a presença do seu Espírito como selo da salvação, mas ainda somos atingidos por doenças e dor.

Essa situação de vida dupla, experimentando bênçãos e pressão de dois mundos, só vai cessar quando Deus intervir enviando seu Filho, Jesus, para trazer os novos céus e a nova terra.

A vida de Paulo demonstra que abraçar a fé não tira o cristão do mundo, mas oferece outra lente através da qual podemos ler as adversidades. Se antes as víamos como desgraças ou falta de sorte, agora elas são fonte de fortalecimento da nossa relação com Deus. Paulo confiava em Deus de tal maneira que nunca se sentiu injustiçado. Se estava preso, era um prisioneiro de Deus, estando ali por sua vontade e para seu serviço. Saber disso leva-nos a confiar e repousar no cuidado soberano de Deus, independentemente das circunstâncias, mesmo nas tempestades e prisões.

C *olossenses*

Paulo não parece conhecer os colossenses pessoalmente e escreve com o intuito de exortá-los para que permaneçam na fé. A igreja estava enfrentando crises diante de ideias perigosas para o desenvolvimento e a sobrevivência da comunidade.

Essa carta deve ter sido escrita pouco depois de Filipenses, junto com a pequena carta a Filemom. Ela exalta as realidades celestiais em detrimento das terrenas. Colossenses incita os santos a buscarem as coisas do alto — do céu — em clara oposição às coisas da terra.

Textos como esse apresentam o mundo dividido em duas esferas de realidade. Não dois mundos, mas dois estados de existência. Os santos são exortados a pensar sobre a realidade celestial e desejá-la mais do que a realidade física onde vivem. Não é um dualismo absoluto, em que os princípios são irredutíveis, opostos e adversários, já que as duas realidades são apresentadas como criadas por Deus e controladas por sua soberania.

De qualquer forma, a linguagem utilizada aponta a realidade presente, ou este mundo, como rebelde diante de Deus. Nessa carta, Paulo exalta a pessoa e a obra de Jesus Cristo. Essa exaltação é necessária para combater os distúrbios que existiam na igreja de Colossos. Na passagem de Colossenses 1:13-23, ele sintetizou a relação de Cristo com o mundo criado, bem como seu controle sobre todas as coisas, justamente para atacar as ideias perigosas que rondavam a igreja. Isso foi feito por meio de cinco preposições presentes nos versículos 16 e 17.

A primeira preposição diz que "em Cristo" foram criadas todas as coisas. O texto se refere a Cristo como a esfera onde a criação foi realizada. Nada foi criado fora dele. A segunda, "por ele", indica instrumentalidade. Por meio das mãos de Cristo, todas as coisas vieram à existência. A terceira, "para ele", destaca que não existe nada no mundo que tenha existência fora do propósito de

Jesus. A quarta, "antes dele", aponta a preeminência de Cristo. A última, "sob ele", está ligada ao verbo que gerou o termo "subsiste". A ideia é de dependência. Nada que existiu, que exista ou que venha a existir pode ter vida independente de Jesus.

A passagem não deixa dúvidas sobre o alcance da soberania de Cristo, ao descrever a identidade de "todas as coisas": as coisas que estão nos céus e na terra, as materiais ou imateriais, animais ou humanas, os seres espirituais, bons ou maus. Tudo foi criado em Cristo, por Cristo, para Cristo, depois de Cristo, e, se vivem, vivem por causa de Cristo.

Nesse texto, a cosmologia é cristológica, porque põe Cristo como o cabeça e o fim de todas as coisas, e a cristologia é cósmica, porque situa todo o Universo numa relação direta com Cristo.

Filemom

A pequena carta de Paulo a Filemom foi escrita para que ele recebesse de volta seu escravo Onésimo. A carta pressupõe o apóstolo preso, mas com grande esperança de ter de volta a sua liberdade, a ponto de pedir que fosse preparado um aposento para que em breve ele estivesse entre irmãos da Ásia.

Como a carta trabalha a questão da escravidão, ela acaba demonstrando outra vez a visão de Paulo sobre a relação das realidades terrenas com as bênçãos em Cristo. Apesar de ele estar preso, ele se declara um prisioneiro de Cristo. Paulo estava preso (literalmente). Mas ele encara a prisão como uma prisão de Cristo (sentido figurado). Ele se via como um prisioneiro de Cristo, e não de homens. Com isso, ele demonstra mais uma vez sua confiança na soberania de Jesus sobre sua situação. Muitas pessoas tiveram contato com o evangelho de Cristo por causa dessa prisão.

Outra questão surge da conversão do escravo Onésimo. Deveria ele continuar fugindo? Não. Onésimo se converteu e é aconselhado a voltar para a casa do seu dono, que também era

convertido à fé em Jesus. Paulo não luta contra as instituições sociais da sua época, mas procura alterar sua estrutura com a hv fluência do evangelho.

Efésios

Tradicionalmente, essa carta faria parte de uma série de cartas que Paulo teria escrito para resolver questões nas igrejas da Ásia. Nesse caso, seu destino imediato não era necessariamente a cidade de Éfeso, mas todas as igrejas da Asia Menor (Efeso, Colossos, Laodiceia e outras).

A epístola aos Efésios está voltada para descrever a relação de Cristo com a igreja. Nessa carta, igreja é o conjunto de todos os salvos, e não apenas os membros de uma igreja local. Essa igreja só pode ser compreendida como o conjunto de pessoas — homens e mulheres — resgatados por Cristo.

Efésios descreve o ser humano sem Cristo como um morto, um cadáver, que, como tal, precisa de ressurreição e vida. Apesar de morto, não sabe disso e continua andando como se estivesse vivo. Mas não há vida ali! Está morto em delitos e pecados. É como se os pecados fossem a própria sepultura do ser humano. As pessoas sem Cristo estão enterradas, sepultadas, em seus próprios erros.

Como um morto, o ser humano natural é frio, não se comunica, não ouve, não se relaciona com Deus. Não pode nem sentir o perigo que corre porque morto não sente. Se anda, é movido, como um zumbi, pelo pecado. As pessoas sem Cristo se acham vivas, mas estão mortas; acham-se livres, mas são escravas. Não conseguem fazer o que querem, mas apenas o que o pecado incita-as a fazer. São fantoches, apesar de se gabarem de suas liberdades.

Como uma biografia comunitária, Efésios afirma que todos os santos já foram assim. Todos nós andávamos dessa forma até que Deus nos salvou por meio de Cristo. Como Jesus foi ressuscitado

por Deus, nós também o fomos. Recebemos uma vida nova, eterna e perfeita, que continuará no lar celestial, mas que já se manifesta aqui. Por isso, é impossível que um desses mortos, que ressuscitou, continue a viver como um morto.

Na carta aos Efésios, igreja é o conjunto de pessoas regeneradas por Cristo, que se manifesta onde quer que estejam. A igreja não é um local. Ela se estende, junto com seus membros, aos seus lares e locais de trabalho.

Quando a morte se aproxima

Não se sabe muito bem o que aconteceu com Paulo depois que o livro de Atos termina. As igrejas do século II acreditavam que ele foi solto e morreu alguns anos depois, perseguido por Nero. Durante esse período, ele ainda fez algumas viagens e escreveu mais três cartas. Essas últimas cartas teriam algumas características em comum. Eram cartas voltadas para a liderança das igrejas, num claro tom de despedida. Paulo já reconhecia que seu ministério estava chegando ao fim. Por isso, ele aproveitou essas obras para dar as últimas orientações àqueles que continuariam ministrando às igrejas depois de sua morte.

Quem eram esses líderes? O próprio Paulo, ao pregar o evangelho nas cidades que encontrasse pelo caminho, fundou pequenas igrejas e nomeou líderes para dirigi-las na sua ausência. Isso provocou rapidamente o aparecimento, com a conseqüente organização, de um grupo de ministros que cuidavam dos novos cristãos e dos negócios das pequenas igrejas. Esse fenômeno é visto em todas as suas obras e na narrativa de Atos dos Apóstolos, apesar de ser mais evidente em ITimóteo, Tito e 2Timóteo.

Ao ler essas obras, parece que encontramos dois tipos diferentes de ministros, uns de natureza local e outros mais universais. Havia um grupo que estava envolvido diretamente com as pequenas

igrejas locais, podendo ser denominado de ministros para a *igreja local* Eram os presbíteros, supervisores *(epíscopos)* e diáconos.

Por outro lado, os textos mencionam alguns líderes que pareciam não estar presos a determinada região. Eram os ministros para a igreja em geral: os apóstolos, profetas, evangelistas e pastores-mestres.

Esses últimos foram idealizados por Deus para a formação e estruturação das primeiras igrejas. Naquele momento, seus dons desempenhavam um papel fundamental na composição do Novo Testamento e no fechamento do cânon. Suas tarefas eram organizar as igrejas e nomear ou promover a nomeação dos ministros locais, que, por sua vez, deveriam possuir, pelo menos em algum sentido, dons similares aos possuídos pelos ministros para a igreja em geral.

Esses dons foram dados por Deus para o enriquecimento da igreja. São dons carismáticos, e não ofícios instituídos. Dessa forma, aqueles que possuíam os dons estavam desempenhando uma tarefa especial ordenada por Deus, e não uma simples profissão.

À medida que o ministério se organizava, as tarefas se transformaram em ofícios e receberam nomes oriundos do judaísmo e do helenismo. Entretanto, não importando como o ministro da igreja local era chamado — presbítero, supervisor ou diácono —, ele precisava ter um dos dons relacionados em Efésios, Romanos ou Coríntios.

1 Timóteo

As Cartas Pastorais, como são mais conhecidas ITimóteo, Tito e 2Timóteo, representam o final da tradição paulina. São consideradas as últimas obras de Paulo.

Entretanto, não podemos vê-las apenas como cartas para pastores ou líderes de igrejas. Isso limitaria consideravelmente suas

aplicações. Elas não queriam atingir apenas os líderes das pequenas igrejas receptoras. Dirigiam-se a todos os membros.

Diretamente, desejavam combater os falsos líderes e seus ensinos, que minavam essas igrejas. Para esses problemas, essas cartas indicam como solução o fortalecimento da igreja por meio da estruturação e busca pela ortodoxia cristã.

O interesse de 1 Timóteo pela estruturação da igreja local aparece pela maneira ímpar com que ela descreve as qualidades dos líderes. Em nenhum lugar do Novo Testamento, a liderança da igreja local foi tão profundamente trabalhada. Nessa carta, os presbíteros, os supervisores (*epíscopos*) e os diáconos aparecem como responsáveis pelo ministério cristão.

No início, quando a atividade ministerial era informal, funcional e não oficial, a atenção se dava aos deveres — o que o ministro deveria fazer —, mas, quando o ofício começou a existir, a atividade se transformou num título, e a ênfase se voltou para as qualidades necessárias para exercê-lo.

O ofício de supervisor foi considerado digno de ser almejado (lTm 3:1), mas as exigências rígidas faziam que somente pessoas especiais, dotadas de certas características de liderança, piedade e sabedoria pudessem alcançá-lo.

Para auxiliar os supervisores na direção das igrejas, existiam os *diáconos.* Estes estavam em estreita ligação com o ministério do supervisor (Fp 1:1), como uma tarefa de caráter administrativo e caritativo. As mulheres também poderiam exercer o ofício como *diaconisas* (lTm 3:11). Essa função não era exclusividade masculina (Rm 16:1).

Tito

A carta a Tito tem como núcleo a pessoa do ministro e seu ministério. Para ela, *ministro* é aquele que, dotado de um dom espiritual, iluminado pelo Espírito Santo, tomou consciência da sua vocação, sendo logo reconhecido pela igreja.

Assim, a essência do ministério não é a direção ou a liderança, mas o serviço. Não é sua dignidade que é maior que a das outras pessoas, e sim sua responsabilidade. Ele é o responsável direto pelo desenvolvimento dos seus liderados, e sua tarefa principal é servir, auxiliar e promover esse crescimento.

O próprio Deus coloca no indivíduo um dom ou carisma tão forte que provoca nele um desejo ansioso, quase incontrolável, de realizar o ministério, não permitindo que ele encontre realização em outro lugar. A vocação ministerial, assim, tem um lado objetivo e outro subjetivo. Objetivamente, é Deus que vocaciona e chama. Não é a comunidade que escolhe o ministro ou o ministro que escolhe o ministério, mas o próprio Deus que faz ambas as coisas. Subjetivamente, é a pessoa que sente o desejo, que aspira, que procura o ministério.

A igreja participa também desse processo vocacional, ao reconhecer o dom dado por Deus ao ministro. Reconhecer que ele tem um dom espiritual para dirigi-la indica reconhecer sua direção. No período do Novo Testamento, isso normalmente ocorria no seio das igrejas. Os ministros eram reconhecidos dentre os próprios membros. O que não impedia que ministros itinerantes tivessem também sua autoridade reconhecida.

2Timóteo

Segundo a tradição, essa carta saiu das mãos de Paulo um pouco antes de ele morrer. Nesse caso, seria sua última obra, escrita já da prisão. Isso a tornaria o seu testamento espiritual.

Naqueles dias, havia uma grande crise que atingia praticamente todos os aspectos da vida dos cristãos. Essas dificuldades eram principalmente de natureza interna.

As igrejas estavam se batendo com falsos líderes, que produziam abandono da tradição evangélica e ensinos estranhos.

Muitas novidades estavam aparecendo, todas carregando condição de verdade.

A preocupação do apóstolo, mesmo na hora final, continua a ser a liderança da igreja. Será que ela aguentaria as pressões da sociedade à sua volta, naquele momento misturadas com as pressões dos falsos irmãos dentro da própria comunidade.

Todo medo seria vencido se o poder de Deus fosse lembrado. Foi por causa desse poder que Paulo se entregou à sua missão num caminho repleto de sofrimento. Foi o poder de Deus que o salvou, vocacionou e o levou até seu lugar de martírio. Exatamente por isso, ele não tem receio de repetir novamente que é um prisioneiro de Jesus Cristo. Não é Roma que o mantinha atrás das grades, mas a vontade absoluta do seu Senhor.

QUESTÕES DE REVISÃO

1. De que forma é possível dizer que Jesus veio na "plenitude dos tempos"?
2. Qual é a relação entre a mensagem que Jesus proclamou durante a sua vida e o que se passou a proclamar a respeito dele pelos seus discípulos após sua morte e ressurreição?
3. Mateus é o primeiro livro do Novo Testamento, mas não é a primeira obra escrita pelos seguidores de Jesus. Quem foi o primeiro escritor cristão e qual foi o motivo teológico que o levou a escrever?
4. Aponte as fases do ministério de Paulo e a relação entre essas fases e as respostas teológicas que ele deu para as igrejas por meio de suas cartas.

Capítulo 6

As narrativas do Novo Testamento

A ORIGEM DOS EVANGELHOS PARECE ESTAR nos anos 28-30, quando Jesus transmitia sua mensagem aos habitantes da Palestina. Ele pregava, curava, exorcizava e discipulava. Foram dias muito intensos.

Posteriormente, seus discípulos proclamaram e aplicaram a mensagem e a vida de Jesus às novas realidades. Por fim, quatro autores reuniram o que se tinha sobre Jesus e escreveram, num processo de composição, os evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João para suas respectivas igrejas.

A vida da igreja, com seus problemas, suas dúvidas, suas preocupações, seus anseios, seus medos e suas experiências levou cada evangelista a repensar as palavras e os feitos de Jesus, interpretá-los e aplicá-los.

Tomemos, por exemplo, uma carta de Paulo como ICoríntios. Ele escreveu visando questões específicas da comunidade coríntia: o divórcio, as línguas, as carnes sacrificadas a ídolos e outras. Os evangelhos, igualmente, visavam questões específicas das igrejas dos tempos apostólicos.

Logo após a ascensão de Jesus começou a se formar pequenos trechos ou breves coleções de palavras e feitos de Jesus — a princípio de forma oral, depois por escrito. A partir da década de 60 (ou 50, segundo alguns estudiosos) do século I, Marcos colocou

por escrito, tendo como base essa tradição, seu evangelho. Mais tarde, entre 60 e 70 (70 e 85, de acordo com outros especialistas), Mateus e Lucas escreveram seus evangelhos usando Marcos e outras fontes como base. Por fim, perto do fim do século I, surgiu o evangelho de João para fechar o ciclo de evangelhos do Novo Testamento.

Os evangelhos contêm uma boa quantidade de material narrativo sobre Jesus, mas são mais que biografias. São doutrina e narrativa, que visam a apresentar a pessoa de Jesus Cristo como o grande Salvador da humanidade. Os ensinamentos de Jesus por meio de parábolas e de discursos diretos são intercalados com registros de seus milagres e encontros com outras pessoas.

Para uma boa compreensão de cada evangelho, é necessário uma busca pelo contexto que o originou, bem como os problemas que ele procurava resolver. Dessa forma, fica muito mais fácil interpretar cada um dos ditos e feitos de Jesus. É no uso que Mateus, Marcos, Lucas e João fazem das palavras de Jesus que encontramos a Palavra revelada de Deus para as igrejas de todos os tempos.

Marcos

Enquanto caminhava pelas estradas da Palestina, há dois mil anos, poucos sabiam quem Jesus de fato era. Certa vez, ele perguntou aos seus discípulos o conceito que o povo tinha dele (Mt 16:13). A resposta foi espantosa. Cada um dizia uma coisa diferente sobre Jesus, e ninguém, evidentemente, acertou. Uns pensavam ser ele João Batista; outros, Elias; outros, Jeremias ou até mesmo um profeta redivivo. Nessa mesma ocasião, os discípulos, tendo Pedro como porta-voz, verbalizaram a opinião de que Jesus era o Cristo, o Filho do Deus vivo.

Muito tempo se passou, e certamente as pessoas ainda tinham problemas em entender quem tinha sido Jesus. O evangelho de Marcos surgiu, então, para atender a essa necessidade. Ele escre-

ve para demonstrar a seus leitores que Jesus era realmente o Filho de Deus. Ele explicita isso já no primeiro versículo (Mc 1:1).

O uso da expressão "Filho de Deus" para denominar Jesus impressiona o leitor que percebe que nem Jesus usou com frequência essa nomenclatura para falar de si mesmo. Ele chegou a se chamar Filho e, principalmente, Filho do homem (seu termo preferido), mas não costumava se chamar de Filho de Deus.

O título Filho de Deus é encontrado no Antigo Testamento e em outros documentos religiosos, recebendo diversas conotações. No Antigo Testamento, a expressão apareceu com frequência no plural (filhos de Deus), podendo se referir ora ao povo de Israel (Os 1:10), ora à corte celestial, nesse caso aos anjos (Jó 1:6; 2:1). O termo denotava uma ligação de apostolado ou proteção da parte de Deus.

Em Marcos, entretanto, a expressão aponta para uma filiação sobrenatural, o que indica que Jesus é Filho de Deus de forma que ninguém pode ser. Deus é o Pai de Jesus, de um modo que não pode ser de nenhum outro homem. As outras obras do Novo Testamento vão indicar que Jesus é o Filho de Deus porque participa da própria natureza divina (Jo 3:16; Rm 8:3). Os discípulos, bem como todas as igrejas, reconhecerão essa filiação que Marcos enfatiza. A certeza de que Jesus é o Filho de Deus se tornou, então, essencial para a fé dos santos.

MATEUS

O evangelho de Mateus é o livro que abre o Novo Testamento. Foi escrito para uma igreja de origem judaica. Pelo evangelho, podemos perceber que ela já tinha certa organização. No entanto, seus membros precisavam tomar uma posição definitiva diante do judaísmo oficial do qual tinham saído.

O evangelho mostra que Jesus deu continuidade à história de Israel, mas uma continuidade diferente, em que Israel não era mais o centro do Reino de Deus, e sim o próprio Jesus.

O evangelho de Mateus desejava demonstrar a verdadeira relação entre os seguidores de Jesus e os judeus. Nesse caso, Jesus se tornou o cumprimento completo da Lei do Antigo Testamento, que não precisava mais ser cumprida.

Esse evangelho, mais do que qualquer outro, teve uma utilidade clara e distinta na igreja onde surgiu. Ele serviu como defesa e manual de instrução, além de ser muito usado como leitura no culto regular.

Dois problemas internos da igreja de Mateus saltam aos olhos na leitura do evangelho. O primeiro é que a perseverança estava em risco. Converter-se à fé deixou de ser o alvo maior. Permanecer na fé se tornou a grande necessidade. Os falsos profetas constituíam o segundo problema da igreja.

Como Mateus é bem sistemático, uma simples leitura de seu evangelho faz emergir seus principais temas. Jesus Cristo, como o Messias profetizado no Antigo Testamento, é o principal desses temas. As citações das Escrituras, bem como a maior parte da argumentação de Mateus, é no sentido de demonstrar que Jesus era mesmo o Messias esperado pelos judeus.

Assim, o evangelho começa com a demonstração de que Jesus era descendente de Abraão e de Davi. Palavras como "mestre", "profeta", "Senhor", "Filho de Davi", "Cristo", "Filho do homem" ampliam a visão do evangelista sobre quem era Jesus.

O Reino dos céus é outro tema essencial para o evangelho de Mateus. Jesus veio inaugurar esse reino, que representa o governo soberano de Deus. A inauguração desse reino é basicamente a boa-nova que o evangelho quer anunciar.

Reino e igreja quase se misturam no evangelho de Mateus. Isso acontece porque Mateus é o evangelho por excelência da

igreja. Ele é o único dos quatro evangelhos que utiliza a palavra "igreja". A Igreja e o Reino se relacionam, mas não são idênticos. O Reino é o governo soberano de Deus, é a sua absoluta e final declaração de posse sobre tudo o que existe. O governo de Deus se identifica na pessoa de Jesus, o Cristo de Deus, a quem este ungiu para reinar.

O Reino é mais amplo que a Igreja. É o governo de Deus sobre todas as coisas, obedientes e desobedientes, Igreja e mundo. A Igreja não traz nem edifica o Reino. É o Reino que cria e sustenta a igreja. A Igreja, para Mateus, se tornou o Israel de Deus, assumindo no seu corpo todas as alianças feitas anteriormente com o povo de Israel, até mesmo suas Escrituras.

LUCAS

O evangelho de Lucas é um dos mais belos dos quatro evangelhos do Novo Testamento. De composição quase poética e recheado de parábolas, é uma obra-prima da literatura grega. Isso indica que seu autor certamente dominava a língua e a arte de escrever.

Ele se mostra, logo na introdução, um eficiente pesquisador. Seu método de trabalho é descrito em Lucas 1:1-4. Das palavras do próprio evangelho, deduz-se que seu autor é um intelectual de origem gentia que escreve para leitores também de origem gentia. Isso o leva a destacar o amor e a relação de Jesus com os desprezados, os indigentes, os samaritanos e outros excluídos da sociedade. A parábola do samaritano é típica para ilustrar a valorização lucana dos grupos cerceados pelos judeus.

O evangelho foi escrito para igrejas que já formavam uma segunda geração de convertidos, que precisavam ser relembrados dos eventos que aconteceram na Palestina havia várias décadas. Com a morte dos apóstolos e das testemunhas oculares, se levantou a necessidade da produção de uma obra que preservasse e interpretasse os principais momentos de Jesus para essas igrejas.

Seu texto é uma obra de um homem comprometido com sua fé em Jesus, e escreve para transmitir essa mesma segurança para seus leitores.

Nesse caminho, suas menções ao Império Romano são positivas. Ele culpa a incredulidade dos judeus pela morte de Jesus e apresenta os romanos como instrumentos dessa incredulidade. Com isso, ele procura demonstrar que os seguidores de Jesus não eram uma ameaça para o império.

Para o terceiro evangelho, Jesus é o Salvador de todas as pessoas (Lc 19:10). Ele não veio apenas para os judeus, mas para o mundo inteiro. Isso o leva, logo na abertura, a remontar sua genealogia a Adão, pai da raça humana, e não apenas a Abraão, pais dos judeus.

Seu interesse típico nas classes menos favorecidas, como os pobres (parábola do banquete) e as mulheres (Maria, Isabel, Ana, Marta e Maria, a viúva de Naim e outras) formam um belo mosaico digno de representar Jesus. Para Lucas, Jesus é o Senhor, exaltado e glorificado à direita do Pai, que continua a agir no mundo por meio do seu Santo Espírito.

JOÃO

O evangelho de João é o quarto evangelho do Novo Testamento. Apesar de, nos dias de hoje, ele ser muito usado para discipular novos crentes, originariamente ele não parece ter tido esse propósito. O evangelho de João foi produzido num momento de dificuldade das igrejas com falsos ensinos sobre Jesus. Sua intenção, então, foi ensinar sobre a verdadeira identidade de Jesus como o Salvador do mundo.

O evangelho foi escrito para uma igreja formada por vários tipos de santos. Por sua leitura, podemos encontrar vestígios na igreja que o recebeu de pessoas de diversas origens: judaica, gentia, samaritana e ex-discípulos de João Batista.

Esse evangelho gasta a maior parte de seus capítulos para demonstrar a natureza divina de Jesus e sua relação com Deus. Sua preocupação com a doutrina de Cristo é enorme, denunciando, assim, que esse era o principal problema que existia em sua igreja.

No livro, o autor faz questão de afirmar que Jesus já existia com Deus desde a eternidade e veio ao mundo para salvá-lo dos seus pecados. Apenas uma minoria, entretanto, o recebeu. Para estes, ele oferece gratuitamente a vida eterna com Deus.

No evangelho de João, Jesus aproveita todas as ocasiões para anunciar sua missão. O resultado, entretanto, foi de poucas conversões. Uma parte do seu público, os religiosos da época, reagiu negativamente: Jesus foi acusado de ter demônio, de ter vindo do lugar errado, de ser samaritano, de não ter origem divina, de ser pecador. Mas uma minoria, ao ouvi-lo, como o cego de nascença, reconheceu-o como profeta e Filho do homem.

As ações de Jesus foram respostas a essas reações. Aos religiosos, ele trouxe o juízo, declarando-os escravos do pecado e filhos do Diabo. Para os outros, o perdão e a cura. Os homens e as mulheres que se achavam miseráveis saíram da sua presença dignificados, enquanto os que se achavam santos, bons e puros demais terminaram humilhados.

O evangelho de João apresenta Jesus ouvindo e atendendo os desesperados, que reconheciam não ter mais saída, que se achegavam a ele quebrantados e humilhados. O favor de Deus é dado ao que se aproximar quebrantado, convicto de pecado, com plena consciência de que fora dele não há esperança de salvação.

ATOS DOS APÓSTOLOS

O livro de Atos leva esse nome porque é o único livro a narrar os eventos que aconteceram após a ascensão de Jesus. Sua preocupação narrativa leva o leitor dos dias em que Jesus subiu ao céu até os anos da prisão de Paulo em Roma.

Mesmo que o nome do autor não seja mencionado em nenhum lugar do livro, fica implícito, pelo prólogo, que é o mesmo que escreveu o evangelho de Lucas. O que se disse sobre Lucas, então, precisa se aplicar a Atos. É como se a história do evangelho só se completasse com a demonstração do crescimento da igreja pelas cidades do Império Romano.

Com isso, ele demonstra para os leitores seu propósito: a igreja venceu todas as barreiras e, por meio das pregações dos missionários, chegou aos lugares mais longínquos de Roma. O apóstolo Paulo ocupou um lugar especial nesse livro, o que parece indicar que o autor de Atos o tem em alta estima.

Com Paulo, Atos faz a transição de uma igreja tipicamente judaica, fixada em Jerusalém, para igrejas espalhadas por todo o Império Romano. Para que isso acontecesse, as igrejas precisavam entender precisamente qual era a real relação entre os judeus, com sua Lei, e os missionários, com a pregação da salvação pela graça. O livro registra uma contínua e decisiva separação entre os judeus e a igreja que começa a se formar. Se a primeira igreja é formada quase em sua totalidade por judeus, no fim do livro os santos já são de maioria gentílica.

Isso significa que o evangelho de Jesus não poderia ser pregado sem a exposição da sua relação com a Lei do Antigo Testamento. Os primeiros apóstolos não chegaram a abandonar o judaísmo após a conversão. Continuaram a freqüentar o templo e a cumprir seus rituais de purificação. Não havia exatamente problema com os rituais. O erro estava em imaginar que eles poderiam salvar, que a guarda de princípios religiosos poderia levá-los até Deus.

Os grupos judaicos zelavam pelo cumprimento total de toda a Lei. A preocupação era tão grande que eles criaram leis para gerenciar o cumprimento da própria Lei. Surgiram assim as leis orais, que passaram a ter um espaço privilegiado no judaísmo.

Todo esse sistema legal era um peso para qualquer pessoa que tentava agradar a Deus. O fardo era pesado demais.

Diante do Concilio de Jerusalém, realizado para tratar justamente sobre a relação dos novos membros com a Lei, Pedro assim se expressou: "Então, por que agora vocês estão querendo tentar a Deus, pondo sobre os discípulos um jugo que nem nós nem nossos antepassados conseguimos suportar?" (At 15:10).

Sem amarras, então, a igreja cresceu rapidamente. Uma bonita imagem para descrever esse processo é ver os dias de Jesus como as dores de parto; o Pentecoste, como o seu nascimento; e o restante de Atos, como a descrição da infância da igreja.

QUESTÕES DE REVISÃO

1. É possível apontar os temas teológicos preferidos de cada um dos evangelistas do Novo Testamento (Mateus, Marcos, Lucas e João)? Em caso positivo, relacione-os.
2. Qual é a proposta teológica de Atos dos Apóstolos e a qual evangelho ele está relacionado?
3. O que significa a frase "O evangelista repensou as palavras e os feitos de Jesus, interpretou-os e aplicou-os às suas respectivas igrejas"? De que forma se deu, nesse caso, a inspiração do Espírito Santo?

Capítulo 1

A teol ogia das Epístolas Gerais

As CARTAS DO Novo TESTAMENTO FORAM escritas de um discípulo de Jesus para outro, de uma igreja para outra, ou de uma pessoa para uma igreja. Assim, como não somos os destinatários originais, precisamos, para compreendê-las melhor, resgatar o máximo que pudermos do contexto que as produziu, principalmente sobre os motivos que as geraram.

As epístolas foram documentos circunstanciais. Seu autor as produziu para atender a um problema específico que precisava da sua interferência. As cartas que temos nas mãos foram as respostas de uma pessoa, inspirada pelo Espírito de Deus, aos problemas dos seus destinatários. Os argumentos das epístolas eram as respostas que o contexto da época necessitava.

Essas cartas não eram tratados teológicos ou compêndios de teologia. Não falavam tudo sobre a vida espiritual ou sobre Deus. Mencionam apenas o que era necessário para o leitor original. Não temos como encontrar todas as respostas num único livro da Bíblia, apesar de tudo o que precisarmos, para nossa relação com Deus, estar na Escritura como um todo.

Paulo foi o maior escritor de cartas do Novo Testamento. Treze epístolas foram atribuídas a ele. Outras cartas, entretanto, também entraram no cânon da igreja, e são tradicionalmente denominadas de Epístolas Gerais.

Hebreus

Quem escreveu Hebreus possuía um ótimo conhecimento do Antigo Testamento e dos costumes judaicos. Apesar de catalogada como uma epístola geral, essa obra pode ser mais bem entendida como um grande sermão, revestido de uma estrutura epistolar.

É difícil precisar de onde o livro foi escrito e para onde foi enviado. O que se consegue perceber é que foi escrito para um grupo de santos oriundos do judaísmo. Sua função é tratar da relação do judaísmo com Cristo.

O livro faz diversas exortações, o que parece indicar que ele procurava combater o abandono e a frieza de alguns dos membros da igreja. Estes, talvez, estivessem propensos a voltar para o judaísmo de onde haviam saído.

O grande tema de Hebreus é a pessoa de Jesus Cristo. Cristologia é o assunto em questão. O livro gasta grande parte de seus capítulos para descrever a obra, a missão e a supremacia de Cristo sobre todas as coisas.

Em Hebreus, Jesus é superior à Lei de Moisés, já que esta aponta para o próprio Jesus; é maior que o sacerdócio judaico, já que é sacerdote eterno, não limitado pela morte, como o foram Arão e seus filhos; é sacerdote da ordem de Melquisedeque, aquele que abençoou Abraão, o patriarca dos judeus.

Diante de uma figura como Jesus, evidentemente concluímos que o seu sacrifício também é superior aos sacrifícios oferecidos no templo. O de Cristo foi perfeito, espiritual e completo. Exatamente por isso, o autor da carta está impressionado com a maneira com que seus destinatários estavam abandonando a fé para retornar ao judaísmo. Ele adverte: "como escaparemos, se negligenciarmos tão grande salvação?" (Hb 2:3)

Hebreus demonstra, de forma concreta, que o sistema sacrificial dos judeus era incompleto e insuficiente para salvar as pessoas. Somente Jesus pode fazer isso. O conhecimento das ordenanças

não é suficiente para salvar. Somente a prática completa dos mandamentos poderia satisfazer a justiça divina. Infelizmente, essa via, se bem que real, é impossível de ser trilhada. Ninguém pode cumprir cabalmente todos os mandamentos. Não há uma só pessoa que consiga cumprir a Lei de Deus do fundo do coração. Somente Jesus, o Deus-homem, o conseguiu.

A boa notícia é que a obra de Jesus agora pode ser estendida a todas as pessoas. Ele é o meio que Deus escolheu para salvar. É o único meio possível de salvação.

Tiago

Esse livro não apresenta muitas características de carta. Ele se parece mais com uma coletânea de conselhos em estilo profético. O livro da Bíblia que mais se parece com Tiago está no Antigo Testamento: Provérbios. Ambos não têm um assunto definido, não apresentam nenhuma estrutura temática, seus blocos são quase independentes do contexto.

Mesmo assim, pela leitura de Tiago, dá para perceber o que estava acontecendo em seu contexto. Seus leitores estavam passando por algumas dificuldades de comportamento. São questões éticas que precisavam de uma leitura e interpretação cristãs.

Um desses problemas era a questão da riqueza e da pobreza. Aparentemente, naquela comunidade os cristãos ricos estavam esnobando, menosprezando e oprimindo os pobres. Isso faz que eles recebam uma das mais duras críticas da Bíblia contra o amor ao dinheiro.

A obra de Tiago apresenta Deus como o dono da terra, dos frutos da terra, da chuva que rega a terra, dos animais que comem a produção, das pessoas que colhem o trigo e das que se acham donas da terra. O dono, de fato, é Deus. O erro de toda e qualquer cobiça ou ganância é usar egoisticamente uma posse emprestada sem lembrar que o dono de fato é o Criador.

Todas as posses materiais são empréstimos de Deus às pessoas. Até a vida que temos é empréstimo de Deus. Precisamos usar tudo o que Deus nos dá para a sua glória. Quando entendemos que nada é nosso, tudo é de Deus, que somos apenas mordomos das coisas que Deus nos deu, passamos a encarar os bens de outra perspectiva. Se os meus bens são de Deus, preciso repartir com o próximo. Acaba-se também a angústia da perda.

1Pedro

A carta de Pedro foi escrita para seguidores de Jesus espalhados por algumas áreas do Império Romano. Possivelmente, eles enfrentavam grandes dificuldades para sobreviver no meio de um contexto opressor. A resposta dessa carta destaca que a situação atual é provisória. Para ele, os cristãos são peregrinos neste mundo. Não têm casa aqui. Nossa casa está nos céus.

O maior exemplo para o cristão é o próprio Jesus, que veio, sofreu e foi glorificado por Deus. De forma paradoxal, entretanto, 1Pedro não leva os cristãos a se voltarem contra o Estado, mas incita-os a respeitarem os governantes: "sujeitem-se a toda autoridade constituída entre os homens; seja ao rei, como autoridade suprema, seja aos governantes, como por ele enviados para punir os que praticam o mal e honrar os que praticam o bem" (lPe 2:13-14).

O texto revela também a mensagem de que o Estado é uma instituição divina. A base dessa expressão de fé se encontra na perspectiva de que o governo tem sua força em Deus. O Senhor é o responsável pelo levantamento e pela ascensão dos líderes, bem como por sua queda. Ninguém controlaria uma nação se Deus não o desejasse. Um exemplo disso está no Antigo Testamento, em que os profetas atuavam no levantamento dos líderes das outras nações, e não apenas de Israel (2Rs 5:1). Outro motivo está no benefício social do governo. Se a sociedade como um todo seria beneficiada, os santos também seriam.

2Pedro

Os destinatários de 2Pedro parecem ser os mesmos da primeira carta. São os seguidores de Jesus que sofriam algum tipo de perseguição. Essa perseguição se tornava cada vez mais dolorosa por causa das crises internas provocadas pelos falsos profetas que tentavam ganhar a confiança dos santos.

Aparentemente, junto com a perseguição, a crise doutrinária é o principal problema que os últimos autores do Novo Testamento precisaram enfrentar. Influenciados por filosofias gregas e religiões orientais, alguns pregadores e líderes tentaram levar igrejas inteiras atrás de seus ensinos. Assim, o principal tema dessa carta é a crise com os falsos líderes.

Essa carta ataca diretamente os falsos mestres da comunidade. Eles são chamados de falsos mestres porque seus ensinos são enganosos. Uma coisa está necessariamente ligada à outra. Um falso ensino vem, geralmente, de um falso mestre, apesar de, em alguns momentos, vir de um mestre desprovido de sabedoria. Os primeiros transmitem o erro conscientemente, com interesse de fazer discípulos para suas ideias. Os outros erram por não entenderem completamente o evangelho.

A diferença entre um mestre inculto e um mestre falso é que o erro do primeiro é fruto da sua pouca sabedoria; o do outro, de seu coração falso. De qualquer forma, era o segundo grupo, formado de falsos mestres, que estava colocando aquela igreja em perigo. A presença dessas pessoas na comunidade era sinal de que ela poderia deixar de existir a qualquer momento, minada internamente pelos falsos ensinos.

Como solução para a questão, os falsos líderes deveriam ser descobertos e confrontados com o verdadeiro evangelho. A igreja deveria identificar os ensinos estranhos e seus respectivos criadores. Como não é sensato julgar o próximo, o caminho para descobrir os falsos mestres é uma freqüente autoanálise espiritual.

A pergunta principal era: "Eu sou um falso mestre e meu ensino é estranho?". Esperava-se que os leitores fizessem essa pergunta à sua própria consciência. Isso significa que a busca pelos falsos ensinos se dava internamente, na aferição da própria fé.

AS EPÍSTOLAS JOANINAS

As três cartas de João precisam ser estudadas juntas. Não há dúvida de que estão intrinsecamente ligadas. Não apenas foram produzidas pelo mesmo autor, como também com objetivos semelhantes. Todas têm uma nítida intenção apologética, de defesa da fé cristã.

Naqueles dias, as igrejas estavam à volta com uma série de ensinos estranhos oriundos da filosofia grega ou das religiões orientais. O gnosticismo foi o que deu mais trabalho às igrejas do final do século I. O que os gnósticos ensinavam? Era uma mistura de várias correntes filosóficas e religiosas, caracterizada por um nítido dualismo. Eles ensinavam que o corpo e o espírito estão em oposição. Tudo o que é material é mal e negativo. Tudo o que é espiritual é bom e positivo. Os dois não podem se misturar ou interagir.

Como conseqüência, insistiam em que Jesus não podia ter vindo em corpo, e sim exclusivamente em espírito, já que o corpo é impuro por excelência. Declaravam também que o pecado não poderia afetar o espírito, já que qualquer ação pecaminosa é feita apenas pelo corpo. Acreditavam, assim, que poderiam viver sem nenhuma preocupação com integridade e pureza, e ainda continuar limpos diante de Deus.

As questões levantadas pelas cartas joaninas são bem específicas ao seu contexto. Entretanto, a grande preocupação é ainda com a identidade dos falsos membros. São pessoas que se infiltravam na igreja, agiam como se fizessem parte dela, mas na verdade não compartilhavam da fé em Cristo ou de sua salvação. Como

reconhecê-las? Algumas pistas foram fornecidas pelas cartas de João. Esses falsos cristãos tinham dificuldades de amar, perdoar, viver uma vida reta diante de Deus. Ou seja, é pelo fruto que se reconheceria a árvore.

JUDAS

Quase tudo o que cerca 2Pedro tem relação com a pequena carta de Judas. O contexto é similar. A crise ainda é com os falsos profetas e líderes, acentuada agora com a perspectiva de apostasia de alguns membros. Apostasia é o abandono da fé em direção a um estado de incredulidade ou ceticismo.

As palavras de Judas foram direcionadas para preparar a igreja para o doloroso momento em que muitos abandonariam a igreja por causa das heresias ou das perseguições. As igrejas enfrentavam ou viriam a enfrentar o problema de pessoas que a abandonariam. Pessoas que a igreja aprendeu a amar, mas, que, depois de tempos de convivência, rejeitam a fé e abandonam tudo.

O que levaria essas pessoas a abandonar a fé? A apostasia surgiria quando a voz de Deus não fosse mais ouvida. O resultado seria um endurecimento do coração e da mente para as realidades espirituais, resultando no abandono da fé.

QUESTÕES DE REVISÃO

1. Em que sentido se afirma que as cartas do Novo Testamento são obras circunstanciais?
2. Cada epístola geral possui um núcleo consistente com o propósito do seu respectivo autor. Relacione-as e resuma esses centros teológicos.
3. A apostasia parece ser um tema muito freqüente no texto das Epístolas Gerais. Quais eram os principais elementos promotores de apostasia nessa fase do Novo Testamento?

Capítulo 8

A teologia de Apocalipse

No FINAL DO SÉCULO I, UMA pequena ilha da costa do Mediterrâneo foi palco de uma série de visões experimentadas por um homem de etnia judaica. Posteriormente, ele adaptou, estruturou e organizou as revelações num livro de grande porte. Apesar de denominar sua obra de profecia (Ap 1:3), ele a iniciou com as palavras "Revelação de Jesus Cristo, que Deus lhe deu para mostrar aos seus servos o que em breve há de acontecer. Ele enviou o seu anjo para torná-la conhecida ao seu servo João" (Ap 1:1). O termo grego traduzido por "revelação" é *apocalipsis*, o que então explica o nome que o livro recebeu na língua portuguesa.

Apocalipse é, assim, uma revelação. A frase de abertura do livro ainda esclarece que a revelação é sobre Jesus (ele é o conteúdo da revelação). Jesus Cristo é o conteúdo que será revelado no livro.

A obra de João é uma mistura de carta (como lTessalonicenses), profecia (como Ezequiel) e apocalipse (como Daniel 7—12) ao mesmo tempo. Isso nos leva aos três níveis de audiência de Apocalipse. O nível um é formado pelas sete igrejas dos capítulos 2—3, todas da Ásia Menor: Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodiceia. João escreveu Apocalipse para essas igrejas. Seu alvo era encorajar os santos e exortar os inclinados à apostasia. Ele queria trazer conforto e firmeza. Buscava levar sua audiência a uma intensa lealdade a Cristo, mesmo que

isso lhes custasse a própria vida. Elas eram as igrejas que deveriam receber o livro e lê-lo imediatamente.

Naquele período histórico, essas igrejas enfrentavam diversos tipos de crise. Eram crises de natureza interna e externa, que atingiam todos os aspectos da vida dos santos. Internamente, o ardor espiritual estava diminuindo. Afinal, Jesus já voltara para os céus havia várias décadas e ainda não retornara. A fé estava morrendo. Muitas disputas teológicas estavam entrando nas igrejas. Externamente, alguns santos se sentiam perseguidos de todos os lados. Esses agentes de perseguição poderiam ser o contexto imperial rorçiano ou algum grupo judaico em torno das igrejas da região.

Num segundo nível, o Apocalipse falou para todas as igrejas daquela época. A posição geográfica das sete primeiras igrejas tornou possível a irradiação da mensagem do livro para as outras igrejas do Império Romano que sofriam com questões parecidas.

Num terceiro nível, o livro de João fala para todas as igrejas de qualquer época. A natureza profética do livro faz que a obra tenha uma mensagem universal e atemporal, dirigindo-se a todos os seguidores de Jesus. Além disso, há eventos narrados na obra que ainda não se cumpriram, como, por exemplo, o retorno glorioso de Jesus Cristo e o juízo final sobre todas as coisas.

É preciso destacar ainda que os números em Apocalipse não expressam quantidade, mas comunicam uma mensagem. Nesse caso, o número sete é símbolo de Deus e significa perfeição ou plenitude. Assim, as sete igrejas da Ásia representam, no final, todas as igrejas. Mesmo os elementos específicos do contexto histórico original de Apocalipse podem ser aplicados a todos os leitores de todos os tempos.

Resumo de Apocalipse

João inicia sua obra com a narrativa do aparecimento do Filho do homem, que o vocaciona a escrever sete cartas para um grupo de

igrejas da Ásia Menor: Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tia tira, Sardes, Filadélfia e Laodiceia. Nessas cartas, a majestosa figura celestial faz ameaças, elogios e promessas e termina cada carta com um convite para que os leitores se aliem ao grupo dos vencedores.

Num segundo momento do livro, João é levado em espírito por uma porta aberta no céu. Nesse lugar, ele presencia uma impressionante sucessão de atos litúrgicos. Nesse culto celestial, o visionário é apresentado às principais personagens do livro, que o acompanharão até o final: o ancião sentado sobre o trono, os quatro seres viventes, os 24 anciãos e vários seres angelicais. A principal figura, entretanto, é mesmo o Cordeiro. É ele que, durante uma parte do culto, recebe um rolo selado com sete selos, que serão quebrados para revelar a João a natureza de eventos que se deram ou se darão sobre a comunidade de santos. A cada selo, corresponde uma revelação, até o sétimo, que, em vez de encerrar a série, se desdobra em outro grupo de sete elementos, dessa vez sete trombetas. Como os selos, cada trombeta está relacionada com um evento, numa escala crescente de intensidade, que culmina com a audição de um hino que comemora o reinado do Cordeiro e a abertura do santuário celestial.

A próxima parte do livro não se concentra mais no culto (apesar de ainda descrever vez por outra cenas litúrgicas no céu), mas numa guerra. O conflito começa quando um grande dragão falha tanto em destruir a criança messiânica quanto num confronto com Miguel e seus anjos no céu. Derrotado, foi expulso para a terra. Sua reação é instaurar uma guerra contra "os que obedecem aos mandamentos de Deus e se mantêm fiéis ao testemunho de Jesus" (Ap 12:17). Sua estratégia bélica consiste em levantar duas bestas, uma do mar e outra da terra. São elas que implementam o conflito. Os lados do confronto são logo definidos, já que as bestas marcam seus aliados com um número na testa e na mão. Em contrapartida, os aliados do Cordeiro recebem seu

selo, o que define também o início da reação na guerra contra o dragão, as bestas e seus aliados. Sobre o monte Sião, 144 mil homens se reúnem em volta do Cordeiro, prontos para seguir com ele aonde ele for.

Depois de descrever a ceifa escatológica e a cena dos vencedores sobre um mar de vidro cantando o cântico de Moisés e do Cordeiro, o relato se volta para as sete taças da ira de Deus. Cada taça é derramada sobre elementos da terra, até que a última atinge a própria Babilônia, acusada de derramar o sangue dos profetas, dos santos e de todos os que morreram. Após o juízo sobre a grande cidade, o Grande Guerreiro Celestial por fim desce do céu com suas hostes para enfrentar a coalizão adversária. Sua vitória se dá em duas fases. Na primeira, as bestas são lançadas num lago de fogo, todo o seu exército é morto com a espada que sai da sua boca e o dragão é preso por mil anos. A segunda fase da guerra só se levanta após o término desse período milenar de paz, quando o dragão, novamente solto, mobiliza outro exército contra os santos. O fim dessa coalizão, entretanto, é uma nova derrota, dessa vez definitiva, quando o dragão é jogado no mesmo lago de fogo onde já estavam as duas bestas. Seu exército também é queimado com fogo que cai do céu. Com o fim da guerra escatológica, João finalmente descreve as bodas do Cordeiro, a descida da nova Jerusalém, o lar final dos santos de Deus.

A mensagem de Apocalipse

A forma em que João narrou suas visões em Apocalipse pode provocar alguma estranheza, e isso em razão do seu uso intenso de símbolos e imagens. Na maioria dos casos, são imagens e símbolos extraídos do próprio Antigo Testamento. Para não nos perdermos no meio deles, apresento a seguir as principais contribuições teológicas dessa que é a última obra da Bíblia.

O centro teológico

É muito importante perceber que o núcleo teológico de Apocalipse gira, invariavelmente, em torno da pessoa de Jesus. Apocalipse fala de Jesus, como um dos evangelhos; fala de sua obra salvífica, como uma das cartas de Paulo; fala da intervenção final de Deus, como um dos profetas do Antigo Testamento, intervenção essa operada pelo próprio Jesus. Jesus é o centro de Apocalipse. Ler esse livro e não perceber Jesus no centro da sua teologia compromete a compreensão da própria obra.

Em Apocalipse, Jesus é descrito de várias maneiras: como o Filho do homem majestoso, como a criança que nasceu para reinar sobre as nações, como o noivo da Igreja, como o guerreiro que trará o juízo sobre a terra. Mas a principal imagem é realmente a figura do Cordeiro, descrito em Apocalipse como aquele que:

- Morreu e ressuscitou (5:6).
- É adorado pelas figuras celestiais (5:8,12-13).
- Tem o poder de revelar os eventos celestiais (6:1).
- Julgará todas as pessoas (6:16; 7:17), pois possui o Livro da Vida (21:27).
- Lavou as vestes dos mortos com o seu próprio sangue (7:9-10,14).
- Vence o dragão em razão também do seu sangue (12:11).
- Reúne um exército sobre o monte Sião (14:1,4).
- Vencerá as bestas como um guerreiro celestial (17:14).
- Vai se casar com sua noiva, a nova Jerusalém (19:7,9; 21:9)
- Possui doze apóstolos, o que o identifica diretamente com Jesus (21:14).
- Iluminará a nova Jerusalém (21:23).
- Reinará ao lado do trono de Deus (22:3).

De forma impressionante, Apocalipse reúne na imagem do Cordeiro, originariamente apenas imagem de sacrifício, as mensagens

de sofrimento, morte, vitória, reinado, poder e glória. Jesus, o Cordeiro de Deus, já derrotou o mal mediante sua morte na cruz. Ele já alcançou a vitória, mas pelo sangue derramado, não pela violência, e tem feito para Deus um novo povo, agora com gente de todas as nações.

A visão da História

A visão histórica de Apocalipse poderia ser dividida em dois atos de salvação operados por Deus e revelados a João: seu controle da História e a vinda do seu Reino. Essa percepção parte da fé em Deus como criador de todas as coisas. Dessa forma, Deus criou, organizou e estruturou todas as coisas; isso levará a História a seu termo, bem como à implantação definitiva do Reino de Deus no futuro.

É em função dessa esperança básica que alguns conceitos são utilizados no livro:

- As dores de parto messiânicas. Para que a história humana chegue ao seu epílogo, as aflições dos últimos dias são necessárias. Serão dias em que o mal perseguirá o povo de Deus como nunca antes, já prenunciando que os seus próprios dias estariam no fim. Uma grande tribulação viria antes do Reino de Deus. Satanás, como um grande dragão, depois de ser derrotado no céu por Miguel, foi expulso para a terra, de onde inicia uma grande perseguição aos santos. As bestas são os instrumentos do sofrimento dos fiéis, situação que persistirá até a intervenção de Deus na forma do juízo final.
- Sobre o Reino de Deus, a perspectiva que sobressai é a de um reinado temporário na terra (por mil anos), seguido do reinado definitivo. Somente depois dos mil anos é que a nova Jerusalém descerá do céu para receber o povo de Deus.

- A transcendência da morte. Apocalipse afirma a fé do Novo Testamento de que há algo mais após a morte. A base dessa fé é o caráter de Deus e a obra de salvação de Jesus Cristo. Essa vida do santo após a morte será muito superior à vida cotidiana aqui na terra. Mas o alerta é claro: o destino final das pessoas está relacionado diretamente com o lado que elas escolherem para servir na terra. Nesse caso, elas têm duas opções bem claras de fidelidade: ou escolhem servir a Deus e ao Cordeiro, mesmo diante das perseguições, ou escolhem servir às bestas e a Satanás. O mundo apresentado em Apocalipse tem dois lados rígidos de seguimento, e compete a cada pessoa individualmente tomar sua decisão.
- A esperança de um juízo final, um dia em que os santos receberiam seu prêmio, e os impenitentes, a conseqüência de suas maldades.
- A vitória dos santos sobre todas as circunstâncias. A última obra do Novo Testamento afirma solidamente a soberania de Deus ao descrever os acontecimentos históricos do ponto de vista da história da salvação. Deus e Jesus Cristo estão entronizados sobre toda a criação, recebendo o louvor como soberanos sobre toda a História. O livro demonstra, então, como relacionar a realidade concreta que se abate sobre os santos com a natureza do reinado de Deus sobre a história e o Universo. Essa situação só terminará por completo com a intervenção final de Deus, na vinda gloriosa de seu Filho Jesus Cristo. Esta realidade, com todas as suas mazelas e dificuldades, um dia chegará ao fim, para ser substituída de forma definitiva pelo mundo de Deus, a nova Jerusalém.

QUESTÕES DE REVISÃO

1. Apocalipse é um livro de revelação. Mas o que exatamente essa obra deseja revelar?

2. Descreva os três níveis de leitura de Apocalipse e defina a relevância de cada um deles.
3. Quais são as três partes principais de Apocalipse?
4. Aponte os capítulos que fazem a transição entre essas partes.
5. Cite as principais formas de caracterização de Jesus nesse livro.

Conclusão

DURANTE NOSSO PERCURSO, NOS PERGUNTAMOS SOBRE OS aspectos fundamentais da teologia bíblica. Defendemos nesta obra que eles devem ser vistos na descrição diacrônica dos livros da Bíblia. Ou seja, procuramos descrever o que os textos da Bíblia afirmaram sobre Deus nos termos de cada livro, prefencialmente dentro do seu lugar na história da revelação progressiva de Deus.

Iniciamos nossa caminhada pela tradição oral e pela definição da estrutura canônica. Pressupondo que o cânon hebraico indica o processo de reconhecimento canônico, reconstruímos a teologia do Antigo Testamento na ordem das seções da Bíblia hebraica, começando com a *Torá,* passando pelos Primeiros Profetas, pelos Profetas Posteriores, e terminando com os Escritos.

O fio norteador dessa fase da caminhada foi a promessa feita a Abrão, que se consumou na formação do povo de Deus do Antigo Testamento, e na esperança de uma nova aliança, a se manifestar no Messias que haveria de vir.

Identicamos esse Messias como Jesus Cristo, e com ele começa o levantamento do povo do Novo Testamento. Essa comunidade de seguidores de Jesus se desenvolve na forma de igrejas que se espalham rapidamente pelo Império Romano, produzindo, por sua vez, novos textos que paulatinamente vieram a se equiparar aos livros do Antigo Testamento.

Os aspectos fundamentais da teologia do Novo Testamento também foram apresentados na forma de descrição diacrônica. Abandonamos, entretanto, a ordem canônica e preferimos começar com a teologia de Paulo, por ser ele o primeiro escritor do Novo Testamento. Logo em seguida, cada evangelho, também na ordem de produção, foi apresentado, começando com Marcos, e não necessariamente com Mateus. Afinal, apesar de Mateus abrir o Novo Testamento, foi Marcos o primeiro evangelista a contar a história de Jesus.

Após o livro de Atos dos Apóstolos, que narra o surgimento e o desenvolvimento da igreja infante, foi a vez de apresentar as Epístolas Gerais, respeitando agora a ordem canônica, em razão das dificuldades de ordená-las cronologicamente. O fim de nossa caminhada foi, então, o Apocalipse de João. Com ele, o Novo Testamento termina com os temas da iminência do juízo de Deus e o fim deste mundo, da renovação de todas as coisas gerada pela irrupção de Deus na História, e da decisão importante a ser tomada pelo indivíduo ainda na hora presente, que o habilitaria a receber as bênção divinas no dia do juízo.

Assim termina nossa caminhada, que começa com a descrição de Deus como o criador de todas as coisas e termina com ele e seu ungido, Jesus Cristo, consumando e regenerando toda a sua obra. Toda a maldade que entrou no mundo no início da história bíblica será vencida e sobrepujada pela vitória do Cordeiro de Deus, vitória essa já cantada pelos santos que estão no céu e aguardada com muita ansiedade pelos santos que estão na terra.

Bibliografia consultada

CARSON, Donald A. *Teologia bíblica ou teologia sistemática1 Unidade e diversidade no Novo Testamento.* São Paulo: Vida Nova, 2001.

DUNN, James D. G. A *teologia do apóstolo Paulo.* São Paulo: Paulus, 2003.

FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. *Entendes o que lês1 Um guia para entender a Bíblia com o auxílio da exegese e da hermenêutica.* São Paulo: Vida Nova, 1989.

HALE, Broadus David. *Introdução ao estudo do Novo Testamento.* Rio de Janeiro: Juerp, 1989.

HASEL, Gerhard F. *Teologia do Novo Testamento: questões fundamentais no debate atual.* Rio de Janeiro: Juerp, 1988.

KAISER, Walter C. *Teologia do Antigo Testamento.* São Paulo: Vida Nova, 1980.

KONINGS, Johan. A *Bíblia, sua história e leitura: uma introdução.* Petrópolis: Vozes, 1990.

KUMMEL, Werner Georg. *Síntese teológica do Novo Testamento.* São Leopoldo: Sinodal, 1983.

LADD, Georg Eldon. *Teologia do Novo Testamento.* Rio de Janeiro: Juerp, 1993.

SCHREINER, J.; DAUTZENBER, G. *Forma e exigências do Novo Testamento.* São Paulo: Paulinas, 1977.

Smith, Ralph L. *Teologia do Antigo Testamento: história, método e mensagem*. São Paulo: Vida Nova, 2001.

Stott, John. *Homens com uma mensagem: uma introdução ao Novo Testamento e seus escritores.* Campinas: Cristã Unida, 1996.

Bibliografia de consulta sugerida

BARRERA, J. T. A *Bíblia judaica e a Bíblia cristã: introdução à história da Bíblia.* Petrópolis: Vozes, 1996.

BLOOM, H.; ROSENBERG, D. O *livro de J.* Rio de Janeiro: Imago, 1992.

BRUEGGEMANN, Walter; WOLFF, Hans Walter. *Dinamismo das tradições do Antigo Testamento.* São Paulo: Paulinas, 1984.

BULTMAN, R. *Crer e compreender: artigos selecionados.* São Leopoldo: Sinodal, 1987.

_____ . T*heology ofthe New Testament.* London: SCM, 1970.

CRABTREE, A. R. *Teologia do Velho Testamento.* Rio de Janeiro: Juerp, 1980.

EICHHOLZ, Georg. *El evangelio de Pablo. Esbozo de la teologia paulina.* Salamanca: Sígueme, 1977.

EICHRODT, W. *Teologia dei Antiguo Testamento.* Vol. I e II. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1975.

Eliade, M. *Tratado de história das religiões.* São Paulo: Martins Fontes, 1995.

Fohrer, G. *Estruturas fundamentais do Antigo Testamento.* São Paulo: Paulinas, 1984.

Fohrer, G. *História da religião de Israel.* São Paulo: Paulinas, 1978.

GABEL, J. B.; WHEELER, C. B. A *Bíblia como literatura: uma introdução.* São Paulo: Loyola, 1993.

GERSTEMBERGER, G. (Ed.). *Deus no Antigo Testamento.* São Paulo: Aste, 1981.

GOPPELT, Leonhard. *Teologia do Novo Testamento*, Vol. I: Jesus e a comunidade primitiva. São Leopoldo; Petrópolis: Sinodal; Vozes, 1976.

_____ . *Teologia do Novo Testamento*, Vol. II: Pluralidade e unidade do testemunho apostólico a respeito de Cristo. São Leopoldo; Petrópolis: Sinodal; Vozes, 1988.

GOTTWALD, N. K. As *tribos de lahweh.* São Paulo: Paulinas, 1986.

_____ . *Introdução socioliterária à Bíblia hebraica.* São Paulo: Paulinas, 1988.

HUNTER, Archibald M. *El hecho de Cristo: una introduccíon a la teologia dei Nuevo Testamento.* Buenos Aires: La Aurora, 1967.

JEREMIAS, Joachim. A *mensagem central do Novo Testamento.* São Paulo: Paulinas, 1981.

_____ . *Teologia do Novo Testamento.* São Paulo: Paulinas, 1984.

KITTEL, G.; FRIEDRICH, G. (Ed.). T*heological Dictionary ofthe New Testament.* Grand Rapids: Eerdmans, 1976. 10 volumes.

KÜMMEL, Werner Georg. *Síntese teológica do Novo Testamento, de acordo com as testemunhas principais: Jesus*, *Paulo*, *João.* São Leopoldo: Sinodal, 1983.

LOHFINK, Gerhard. *Agora entendo a Bíblia.* São Paulo: Paulinas, 1978.

_____ . *Palavra de Deus na história dos homens.* Vol. II. Petrópolis: Vozes, 1982.

MESTERS, Carlos. *Paulo apóstolo: um trabalho que anuncia o evangelho.* São Paulo: Paulinas, 1991.

_____ . *Palavra de Deus na história dos homens.* Vol. I. Petrópolis: Vozes, 1981.

Metzger, Martin. *História de Israel.* São Leopoldo: Sinodal, 1972.

Miles, J. *Deus, uma biografia.* São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

Ortega; Gasset, J. *Em tomo a Galileu: esquema das crises.* Petrópolis: Vozes, 1989.

Raisanen, H. *Beyond New Testament: A Story and a Programme.* Philadelphia: Trinity Press, 1990.

Richardson, Alan. *Introdução à teologia do Novo Testamento.* São Paulo: Aste, 1966.

Russell, D. S. *Desvelamento divino: uma introdução à apocalíptica judaica.* São Paulo: Paulus, 1997.

Schòkel, L. A. A *Palavra inspirada: a Bíblia à luz da ciência da linguagem.* São Paulo: Loyola, 1992.

Schweitzer, Albert. A *busca do Jesus histórico.* São Paulo: Novo Século, 2003.

Westermann, C. *Teologia do Antigo Testamento.* São Paulo: Paulinas, 1990.

Sobre o autor

VALTAIR MIRANDA É MESTRE EM TEOLOGIA e doutor em ciências da religião. Professor de Introdução à Bíblia e Novo Testamento no Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil (Rio de Janeiro, RJ) e pastor da Primeira Igreja Batista de Neves (São Gonçalo, RJ).

Ler a Bíblia é uma experiência gratificante, mas também é, antes de tudo, um exercício de interpretação. Compreendê-la corretamente é essencial à vida cristã.

Fundamentos da teologia bíblica foi escrito exatamente para ajudar-nos nessa tarefa crucial. Levando em conta o contexto e as reais intenções dos escritores inspirados dos textos sagrados, esta obra se propõe a evitar interpretações indevidas, que podem gerar sofrimento, discórdia, abusos e intolerância.

Trata-se de uma "viagem" pela história da formação do texto bíblico, uma jornada de fé, perseverança e amor a Deus. Um legado que nos cabe transmitir às próximas gerações.

VALTAIR MIRANDA é mestre em teologia e doutor em ciências da religião. Professor de Introdução à Bíblia e Novo Testamento no Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil. É pastor da Primeira Igreja Batista de Neves (São Gonçalo, RJ).

MC
mundocristão